



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ANA MARIA SILVA DE LUCENA**

**MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: a repetição em fórum de discussão em  
EaD**

**Manaus – AM  
2013**

ANA MARIA SILVA DE LUCENA

MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: a repetição em fórum de discussão em  
EaD

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de Concentração:** Estudos da Linguagem.

**Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Sandra Campos

Manaus – AM

2013

L935m Lucena, Ana Maria Silva de

Marcas da oralidade na escrita: a repetição em fórum de  
discussão em

EaD / Ana Maria Silva de Lucena. — Manaus: UFAM, 2014.

137 f. : il. col. ; 30 cm

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Sandra Campos

## APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Este trabalho veio amadurecendo ao longo dos últimos três anos, desde minha atuação como tutora a distância da Escola de Educação a Distância do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (EaD/CETAM), quando mantive meu primeiro contato com as produções escritas das turmas do curso técnico em hospedagem e que viriam, depois, a constituir boa parte do *corpus* aqui utilizado neste estudo.

Já as primeiras discussões sobre o tema aconteceram há dois anos, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e se prolongaram nos congressos e simpósios dos quais participei, como no I Encontro de Estudos do Português do Norte, na Universidade do Estado do Amazonas, bem como no 4.<sup>o</sup> Simpósio sobre Hipertexto e Tecnologias na Educação, na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, onde coletei boa parte da bibliografia sobre o fenômeno da repetição, inclusive por figurar, naquela universidade, um dos maiores expoentes nos estudos da repetição em língua falada, professor doutor Luiz Antonio Marcuschi, cuja tese é uma das fontes de inspiração deste trabalho.

Destaco, ainda, outro importante momento, como a participação no II Congresso Internacional em Dialectologia e Sociolinguística, na Universidade Federal do Pará, em Belém, sob a coordenação da professora Sandra Campos, quando integramos o grupo de estudos da oralidade e da escrita na fala amazonense e de onde partiram discussões que muito me estimularam a prosseguir no tema.

Em suma, dediquei-me neste estudo a aplicar os modelos de análise propostos por Marcuschi (1992) e Bessa Neto (1991), conjugados com as contribuições de Silva (2001), para a análise do fenômeno da repetição na língua escrita e o levantamento de algumas questões que julgo importantes no tratamento do fenômeno dentro do contexto da escrita em ambiente virtual de aprendizagem. Espero que o presente estudo seja útil não somente para a análise do fenômeno da repetição em textos produzidos no ciberespaço, mas também possa contribuir para outros estudos sobre a correlação entre oralidade e escrita e a ocorrência da interpenetrabilidade entre as duas modalidades.

Agora, quero agradecer, de maneira especial, a todos que, na Universidade Federal do Amazonas e na instituição onde trabalho, o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), ajudaram-me neste estudo, como professores, diretores, amigos, equipe pedagógica do CETAM e colegas tutores de EaD.

Inicialmente, agradeço à professora doutora Maria Sandra Campos, orientadora deste trabalho, que teve a paciência e sensibilidade de discutir comigo, diversas vezes, a versão final desta dissertação, dando orientações valiosas que corrigiram diversas imprecisões. Ao professor doutor Paulo Renan Gomes da Silva, pelo apoio nas traduções que, decerto, conferiram maior precisão e elegância aos textos.

Aos colegas de trabalho do CETAM, agradeço, especialmente, à professora Joésia Pacheco, Diretora-Presidente da autarquia e à professora Stela Cyrino, Diretora Acadêmica, pelo apoio institucional que sempre recebi nas diversas etapas deste estudo. Não poderia deixar de estender meus agradecimentos a duas pessoas no CETAM muito importantes para a conclusão deste trabalho: a primeira é a Adriana Lisboa Rosa, Diretora da Escola de Educação a Distância do CETAM, que cedeu os materiais digitalizados para construção do *corpus* por mim utilizado e foi a responsável por me apresentar ao universo da EaD; a segunda pessoa é a Leonor Farias Abreu, companheira de labuta, pelo incentivo em minha trajetória acadêmica, acompanhando desde as primeiras discussões do pré-projeto de pesquisa até o apoio à revisão e à normalização do texto final. Agradeço, ainda, aos professores Armando Júnior e Sônia Pires que souberam diminuir as distâncias entre Manaus, São Paulo e Belo Horizonte, coletando para mim, nas bibliotecas setoriais da USP e da UFMG, alguns dos referenciais mais importantes citados nesta dissertação.

Finalmente, com todo o carinho, quero dizer meu muito obrigado ao Carlos, meu esposo, pelo estímulo e por suportar minhas quase intermináveis exposições sobre o tema. Agradeço, também, a Fátima Rodrigues, ao Tino e a Jane Souza, meus cunhados, pelo apoio que tive nos momentos mais cruciais deste trabalho e pelo cuidado familiar quando não podia me fazer presente. Igualmente, agradeço ao Mateus e a Gabriela, meus filhos, que perderam preciosos momentos de convívio à espera da conclusão de uma página, de um capítulo, de uma dissertação. À minha família, meu carinhoso obrigado e a merecida dedicatória deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar o fenômeno linguístico da repetição no texto eletrônico escrito, produzido por estudantes de Educação a Distância (EaD) do Centro de Educação Tecnológica do Estado do Amazonas (CETAM). Este estudo fundamenta-se na noção adotada de contínuo tipológico, na interpenetrabilidade entre oral e escrito, enfocando a repetição na perspectiva interacional e na linguística textual. Para estudo do fenômeno, procedeu-se à análise de segmentos em repetição no nível lexical, sintagmático e oracional, retirados para exame do *corpus* escrito, constituído por trinta postagens extraídas de fórum de discussão, integrante da disciplina português instrumental, do curso técnico de nível médio na modalidade de EaD, do CETAM. A escolha metodológica que sustenta o desenvolvimento deste estudo tomou como base a predominância da abordagem qualitativa, complementada com procedimentos de cunho descritivo que contemplam registro das ocorrências de repetição, análise e classificação dos tipos formais e funcionais identificados e interpretação dos dados coletados. O estudo do referido fenômeno linguístico corrobora as teses de teóricos de que se trata de um recurso básico do desenvolvimento das atividades textual-discursivas, figurando como um fenômeno linguístico genuíno que faz sobressair o vínculo entre oralidade e escrita.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Repetição. Educação a Distância.

## **ABSTRACT**

*The present work aims to study the linguistic phenomenon of repetition in electronic text written, produced by Long-Distance Education student from State of Amazonas Center for Technological Education (CETAM). This study is based by the adopted typological continuum, on the interpenetration between oral and written, focusing on repetition from a interactional perspective and text linguistics. To study the phenomenon, a segmental analysis was carried out on repetition at the lexical, syntagmatic and clausal levels isolated from the written corpus made up of thirty posts extracted form a discussion, part of the Portuguese for Specific Purpose course in the Technical Senior High School Long-Distance program of CETAM. The methodological choice supporting the development of this study was based on the predominance of the qualitative approach supplemented by primarily descriptive procedures, which include a register of the occurrences of repetition, the analysis and classification of formal and functional types identified and construed of the collected data. The study of this linguistic phenomenon corroborates the theses of theorists that it is a basic feature of the development of textual-discursive activities, appearing as a genuine linguistic phenomenon that brings out the link between orality and writing.*

*Keywords: Orality. Writing. Repetition. Long-Distance Education.*

## LISTA DE QUADROS, FIGURAS, ESQUEMAS, TABELAS E GRÁFICOS

### QUADROS

Quadro 1- Parâmetros para identificação do gênero textual emergente listas de discussão	p. 42
Quadro 2 - Relação geral dos fatores tipológicos da repetição	p. 49
Quadro 3 - Traços básicos da repetição	p. 53
Quadro 4 - Aspectos formais da repetição	p. 54
Quadro 5 - Funções textual-discursivas da repetição	p. 57

### FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos municípios do Amazonas	p. 63
Figura 2 - Página de acesso à sala de aula do AVA da Escola CETAM-EAD	p. 68
Figura 3 - Acesso à sala de aula de curso do AVA da Escola CETAM-EAD	p. 68
Figura 4 - Página inicial do AVA CETAM-EAD	p. 69
Figura 5 - Opção interagindo do <i>menu</i> e indicação do <i>submenu</i> fóruns	p. 69
Figura 6 - Fóruns disponíveis	p. 70
Figura 7 - Tema do fórum e <i>link</i> de acesso para resposta	p. 70
Figura 8 - Espaço para resposta ao fórum	p. 71

### ESQUEMAS

Esquema 1 - Isomorfia parcial fala-escrita	p. 19
Esquema 2 - Tipos formais de repetição pela combinação sucessiva de traços	p. 51
Esquema 3 - Critério para identificação do perfil dos sujeitos da pesquisa	p. 64
Esquema 4 - Sistema de Citação de Exemplos	p. 77

### TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de quatro gêneros textuais de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva	p. 41
Tabela 2 - Dados do perfil dos sujeitos da pesquisa	p. 65
Tabela 3 - Aspectos relacionados à produção	p. 79
Tabela 4 - Aspectos relacionados à segmentação	p. 79
Tabela 5 - Aspectos relacionados à distribuição	p. 80
Tabela 6 - Aspectos relacionados à configuração	p. 80
Tabela 7 - Relação das autorrepetições e heterorrepetições com o segmento, a distribuição e a configuração	p. 81
Tabela 8 - Presença da R-Lexical	p. 83
Tabela 9 - Presença da R-Sintagmática	p. 85
Tabela 10 - Presença da R-Oracional	p. 87
Tabela 11- Relação geral das funções no <i>corpus</i>	p. 105

Tabela 12 - Relação geral das funções específicas	p. 106
Tabela 13 - Relação geral da distribuição das funções com as AutoR e HeteroR	p. 108
Tabela 14 - Relação geral das funções com os segmentos	p. 109

## GRÁFICOS

Gráfico 1 - Fala e escrita no <i>continuum</i> dos gêneros textuais	p. 23
Gráfico 2 - <i>Continuum</i> fala e escrita	p. 35
Gráfico 3 - Perspectiva multidimensional do contínuo de gêneros da comunicação digital	p. 43

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA .....	11
1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA .....	12
1.3 OBJETIVOS .....	13
1.3.1 <b>Objetivo geral</b> .....	13
1.3.2 <b>Objetivos específicos</b> .....	13
1.4 DELIMITAÇÃO .....	13
1.5 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS .....	15
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO .....	15
<b>2 ALINHAMENTO CONCEITUAL ACERCA DO ORAL E DO ESCRITO</b> .....	17
2.1 A ORALIDADE DA LINGUAGEM FRENTE À CULTURA ESCRITA.....	17
2.2 O EQUACIONAMENTO ORALIDADE E ESCRITA (INTERPENETRABILIDADE).....	21
2.3 OS VALORES SOCIAIS DA FALA E DA ESCRITA: UM BREVE PERCURSO ENTRE A ORALIDADE E A TRADIÇÃO ESCRITA.....	24
<b>3 O FENÔMENO LINGÜÍSTICO DA REPETIÇÃO</b> .....	28
3.1 CARACTERIZANDO A REPETIÇÃO NO DISCURSO ESCRITO.....	28
3.2 A REPETIÇÃO NO TEXTO ESCRITO ELETRÔNICO, NO CONTEXTO DAS COMUNICAÇÕES MEDIADAS POR COMPUTADOR (CMC).....	31
<b>3.2.1 O texto híbrido: características no <i>continuum</i> fala e escrita</b> .....	33
<b>3.2.2 Noção de gênero textual e caracterização do gênero emergente lista de discussão (<i>mailing list</i>)</b> .....	39
3.3 UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA NO CAMPO DA LINGÜÍSTICA.....	44
3.4 OS ESTUDOS DA REPETIÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	48
3.5 OS TIPOS DE REPETIÇÃO QUANTO À FORMA E À FUNÇÃO.....	53
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	61
4.1 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	62
4.2 PERFIL DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA .....	64

4.3 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA.....	66
<b>4.3.1 Características do ambiente virtual de aprendizagem e da plataforma de acesso à Escola CETAM-EaD.....</b>	<b>67</b>
<b>4.3.2 O acesso ao ambiente virtual de aprendizagem.....</b>	<b>67</b>
<b>4.3.3 A atuação do professor e do tutor no ambiente virtual de aprendizagem</b>	
4.3.3.1 Tutoria a distância .....	72
4.3.3.2 Tutoria presencial .....	74
4.3.3.3 Professor de disciplina.....	74
4.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	75
4.5 SISTEMA DE CITAÇÃO DE EXEMPLOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....	76
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>78</b>
5.1 A PRESENÇA DOS TIPOS FORMAIS DE REPETIÇÃO NO <i>CORPUS</i> .....	78
<b>5.1.1 Resultado das análises estatísticas de repetição quanto ao domínio formal .....</b>	<b>78</b>
<b>5.1.2 Resultado do cruzamento cumulativo dos traços formais de repetição identificados.....</b>	<b>80</b>
<b>5.1.3 O segmento lexical .....</b>	<b>83</b>
<b>5.1.4 O segmento sintagmático .....</b>	<b>85</b>
<b>5.1.5 O segmento oracional .....</b>	<b>87</b>
5.2 A PRESENÇA DAS FUNÇÕES TEXTUAL-DISCURSIVAS DA REPETIÇÃO.....	88
<b>5.2.1 Função de coesão .....</b>	<b>89</b>
<b>5.2.2 Função de formulação .....</b>	<b>92</b>
5.2.2.1 Reconstrução de estruturas .....	92
5.2.2.2 Correção .....	93
5.2.2.3 Expansão .....	95
5.2.2.4 Parentização .....	95
<b>5.2.3 Função de compreensão.....</b>	<b>96</b>
5.2.3.1 Intensificação .....	97
5.2.3.2 Reforço .....	98
5.2.3.3 Esclarecimento .....	99
<b>5.2.4 Função de argumentação .....</b>	<b>100</b>
5.2.4.1 Reafirmação .....	100
5.2.4.2 Contraste .....	101
<b>5.2.5 Função de interação .....</b>	<b>102</b>

5.2.5.1 Incorporação .....	102
5.2.5.2 Responsividade .....	104
<b>5.2.6 Resultado das análises estatísticas de repetição quanto ao domínio funcional .....</b>	<b>105</b>
<b>5.2.7 Correlação das funções com os tipos formais.....</b>	<b>108</b>
5.2.7.1 Correlação das funções com a produção .....	108
5.2.7.2 Correlação das funções com os segmentos .....	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE A - Excertos dos originais em inglês das citações referenciadas nas notas explicativas 1, 2 e 4.....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE B - Apresentação do <i>corpus</i>.....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE C – Informações sobre a caracterização geográfica, aspectos culturais e históricos dos municípios abrangidos no estudo.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXO A – Termo de Autorização para uso do <i>corpus</i>.....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está voltado ao estudo do fenômeno linguístico da repetição sob os enfoques formal e funcional, com ênfase na perspectiva interacional e na linguística textual. Trata-se da análise de um traço da oralidade presente na escrita de alunos de curso técnico em Educação a Distância (EaD), do Centro de Educação Tecnológica (CETAM) que se projetou de modo relevante em postagens realizadas em fórum de discussão, em ambiente virtual de aprendizagem.

### 1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA

Ao vislumbrarmos a possibilidade de observar o fenômeno linguístico da repetição em interações de fórum de discussão realizadas por estudantes de curso técnico em Educação a Distância (EaD) no Amazonas, identificamos oportunidades na área de estudos da Linguística Textual de abordagem interacionista, principalmente, por tratar-se de uma modalidade de ensino que propicia, por meio do uso da escrita, uma múltipla possibilidade de interações que permitem conectar falantes de diversos pontos geográficos do Amazonas.

Destacamos que o contato com o fenômeno deu-se quando tivemos acesso a textos postados em ambiente virtual de aprendizagem, na atividade “Fórum de discussão”, realizada durante a disciplina Português Instrumental, no período de 2 de junho a 4 de julho de 2011, quando a integramos a equipe de professores-tutores da Escola de Educação Profissional a Distância do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM).

Ao ser convidada para integrar o grupo de estudos da equipe técnico-pedagógica da Escola CETAM-EaD, tive a primeira aproximação com esta modalidade de ensino que despertou, de pronto, meu interesse em entender os contextos em que a produção textual eletrônica dava-se, qual era o gênero textual emergente e como era essa relação dos alunos com a escrita.

Assim, acreditamos que existam lacunas que o estudo do tema proposto possa contribuir no sentido de oferecer um melhor conhecimento dos usos da língua, especialmente, dentro desses novos contextos de educação, partindo do princípio defendido por Marcuschi (2001) de que são os usos que fundam a língua e não o contrário.

Creemos, também, que o tema adotado possa ser relevante à medida que esses estudos ajudem a clarificar as relações entre oralidade e escrita como práticas sociais correlacionadas e não como representações concorrentes.

Além das razões expostas, a literatura linguística tem mostrado interesse crescente sobre o estudo da repetição, como constatamos em trabalhos de Tannen (1987, 1989), Marcuschi (1992, 2002), Silva (2001), Koch (1994, 2001), Bessa Neto (1991), Oliveira (1996), Castilho (2004, 2010), Fávero, Andrade e Aquino (2009) e Adam (2011) que comprovam em suas teses a importância do fenômeno tanto no nível formal quanto no nível funcional da língua.

Corroborando com os autores nos quais nos aportamos, buscamos, ainda, demonstrar que a repetição em textos escritos em ambiente virtual de aprendizagem é importante nos processos de produção e compreensão do texto escrito, figurando como favorecedor da construção textual e como mecanismo de contribuição para a organização textual-discursiva, pois, como lembra Becker (1984) *apud* Tannen (1987), toda palavra, toda linguagem, é a reformulação do texto anterior a novos contextos. Não se trata de padrões abstratos, mas são partes reais de eventos de linguagem que nossa competência linguística acessa via memória.

## 1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

A intenção de empreender estudos sobre a repetição na produção textual escrita de alunos de curso técnico em EaD do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM) revelou-se a partir da tensão existente entre essa nova forma de relacionar-se com a escrita e uma postura, por vezes, negativa por parte de tutores e coordenadores pedagógicos em relação a esse texto eletrônico. Nesse sentido, coube-nos questionar as condicionantes em relação às linguagens escrita e oral que interagem na produção textual presente nas atividades discentes realizadas em curso técnico na modalidade de EaD do CETAM.

Para tanto, observou-se no estudo da repetição a necessidade de se contemplar as diversas manifestações do fenômeno como um recurso do qual o estudante pode valer-se para desenvolver suas habilidades textual-discursivas na modalidade escrita, ao contrário de ser entendido como um empobrecedor da língua ou simples redundância.

Dessa forma, definiu-se como problema de pesquisa: quais são as formas e as funções da repetição que agem como mecanismo favorecedor da construção textual e de contribuição para a organização textual-discursiva, no texto eletrônico escrito de alunos de curso técnico em EaD do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas?

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo geral

Investigar o papel textual-discursivo que o fenômeno linguístico da repetição cumpre no texto eletrônico escrito, produzido por estudantes de EaD do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas.

#### 1.3.2 Objetivos específicos

- Compreender o fenômeno linguístico da repetição, abordando as teorias que tentam explicar as formas e as funções que o fenômeno assume no texto escrito;
- Debater, por meio das teorias que tratam da repetição, uma situação em que indivíduos fazem uso desse fenômeno no texto eletrônico escrito;
- Identificar os tipos formais e funcionais de repetição existentes no *corpus* escrito;
- Analisar as formas de repetição e as funções que o fenômeno linguístico cumpre na organização textual-discursiva.

### 1.4 DELIMITAÇÃO

O termo repetição será tomado neste trabalho como a reaparição de um elemento repetido após a ocorrência da primeira entrada do segmento matriz, dentro do mesmo texto, no qual é projetado à sua identidade ou semelhança.

Convém esclarecer que a repetição também será compreendida neste trabalho como a ocorrência de um segmento igual ou semelhante que permite

expressar algo outra vez, mas com o intuito de acrescentar sempre uma nova informação.

No presente estudo, realizamos a discussão do fenômeno a partir da caracterização das formas de repetição encontradas no *corpus* proposto, constituído da coletânea de 30 postagens em lista de discussão, das quais vinte e nove são de estudantes e uma é a do professor-tutor. Os textos constantes do *corpus* foram coletados do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da Escola CETAM-EaD, que se utiliza do *software* Moodle como ferramenta de gerenciamento do espaço virtual de aprendizagem. Dessa forma, a amostra não se constituiu de indivíduos, mas de *corpus* escrito, coletados das atividades de redação do módulo Português Instrumental.

Como parâmetro para identificação do fenômeno, utilizamos a lista dos tipos formais de repetição, teoricamente possíveis, elaborada por Bessa Neto (1991) que propõe uma combinação sucessiva de *domínios formais* de repetições com suas subcategorias de *realização*, para identificar os tipos formais do fenômeno.

Com a aplicação dos parâmetros propostos por Bessa Neto (1991), realizamos o “cruzamento cumulativo” dos traços de repetição constantes no *corpus*, o que nos permitiu chegar a um quadro dos tipos formais do fenômeno registrado no *corpus*. Depois de identificados os tipos formais de repetição, procedemos à análise das funções que o fenômeno linguístico cumpre no texto escrito, com base na proposta de Marcuschi (1992, 2002) e Silva (2001) que se harmonizam em seus quadros de análise.

Outra questão apresentada neste estudo trata dos valores sociais atribuídos à fala e à escrita e das contraposições existentes entre as concepções acerca do oral e do escrito. Neste trabalho, no entanto, seguimos uma linha em que se reconhecem as distinções entre as modalidades, mas partimos do entendimento acerca da presença do oral no escrito, numa forma de equacionamento ou interpenetrabilidade entre ambas as modalidades.

## 1.5 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

Reforçaremos, no presente trabalho, os aspectos positivos da repetição, na tentativa de trazer mais uma contribuição que possa ajudar a apagar a marca negativa atribuída ao fenômeno no contexto escolar de que se trata de um empobrecedor da língua ou de mera redundância.

O estudo do referido fenômeno linguístico em textos produzidos no ciberespaço, articulando os enfoques formal e funcional, faz sobressair outra questão importante: a correlação entre oralidade e escrita, corroborando as teses de teóricos importantes de que se trata de um recurso básico do desenvolvimento das atividades textual-discursivas, figurando, portanto, como um fenômeno linguístico genuíno que encontra barreiras nas tradições da gramática normativa, embora se mostre presente e com funções significativas tanto na modalidade oral quanto na escrita.

Acreditamos, ainda, que este estudo possa trazer contribuições a todos aqueles que se dedicam aos aspectos pedagógicos da EaD, principalmente, ao professor-tutor de língua portuguesa, a quem cabe adotar uma postura reflexiva a respeito da condução de sua prática didático-pedagógica, especialmente, quanto à necessidade de se contemplar as diversas manifestações da repetição como um recurso do qual estudante pode valer-se para desenvolver suas habilidades na expressão escrita.

## 1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo que neste primeiro capítulo apresentamos a introdução do assunto, na qual constam a justificativa e relevância do tema, o problema de pesquisa, os objetivos geral e específicos, as contribuições teórico-práticas e a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo, abordaremos as noções sobre oralidade e escrita, a partir das concepções de diferentes linguistas, passando para a discussão sobre os valores sociais atribuídos à linguagem falada e à linguagem escrita e qual a motivação para a compreensão de uma suposta supremacia da escrita sobre a fala, relacionando o fenômeno da repetição como um microtema dentro do tema maior que é a relação entre oralidade e escrita.

O terceiro capítulo envolve o referencial teórico, iniciando com os estudos específicos sobre o fenômeno da repetição tanto no discurso oral quanto no discurso escrito, a partir de uma revisão dos principais trabalhos que têm se voltado para o fenômeno no português do Brasil, sob os enfoques formal e funcional. Neste sentido, o presente capítulo também foi fundante para estabelecer a delimitação do marco teórico do presente trabalho.

O quarto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos específicos para a descrição dos dados coletados e interpretação, levando em conta as categorias analíticas pertinentes à forma e à função da repetição presentes no *corpus*. O caminho utilizado parte da proposta de identificação dos tipos formais, sugerida por Bessa Neto (1991) para, então, proceder à análise dos aspectos funcionais, por meio dos aportes teóricos de Marcuschi (1992, 2002), conjugados aos de Silva (2001).

O quinto capítulo apresenta as análises dos dados com base no levantamento dos tipos formais de repetição constantes no *corpus*, conforme modelo analítico proposto por Bessa Neto (1991). A última parte do capítulo segue com a discussão das funções que o fenômeno linguístico cumpre com base na análise do *corpus*, de acordo com a proposta de Marcuschi (1992, 2002) e Silva (2001) que se harmonizam em seus quadros de análise.

Nas considerações finais, traçamos algumas linhas gerais de conclusões que apontam para a relevância da ocorrência do fenômeno como um recurso favorecedor da língua, que faz sobressair o vínculo entre oralidade e escrita, indicando, inicialmente, a confirmação da noção adotada de *continuum* tipológico, no entrecruzamento entre oral e escrito, para o texto na comunicação assíncrona do gênero lista de discussão e sugerindo questões para o encaminhamento de novos estudos. Apresentamos, ainda, algumas ponderações que propõem repensar a prática pedagógica de professores e tutores de língua portuguesa em EaD, considerando as especificidades que o fenômeno apresenta no texto digital.

## 2 ALINHAMENTO CONCEITUAL ACERCA DO ORAL E DO ESCRITO

Antes de abordarmos o tema central deste estudo, consideramos necessário fazer alguns alinhamentos conceituais acerca das noções sobre oralidade e escrita que nos permitirão o entendimento do que virá a ser discutido mais à frente neste trabalho. Assim, as questões que envolvem o presente capítulo fazem uma abordagem sobre o tema oralidade na escrita, considerando a proposta de autores que justificam a existência da interpenetrabilidade entre as duas modalidades, enfocando o fenômeno linguístico da repetição como um subtema dessa questão.

### 2.1 A ORALIDADE DA LINGUAGEM FRENTE À CULTURA ESCRITA

Para Marcuschi (2001, p. 17, grifo do autor), embora seja possível “definir o homem como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*”, isto não nos permite afirmar que a oralidade é superior à escrita e, ainda, “nem traduz a convicção equivocada de que a escrita é derivada e a fala é primária”.

A citação de Marcuschi (2001) sugere que nosso objeto de análise deve mudar o foco da simples identificação de primazias e supremacias entre oralidade e escrita ou, ainda, como simples modos de uso da língua, para uma concepção voltada ao esclarecimento sobre as práticas sociais que envolvem o uso da língua escrita e falada.

A partir dessa posição diante do objeto de análise, em que compreendemos oralidade e escrita como um conjunto de práticas sociais, tomaremos como fundamento uma concepção de língua como algo que “se realiza essencialmente como heterogeneidade e variação e não como um sistema abstrato”. Partindo daí, então, “a necessidade de se adotar um componente funcional para analisar a relação fala *versus* escrita enquanto modalidade de uso.” (MARCUSCHI, 2001, p. 42).

Levando em conta a adoção dessa concepção, parece-nos que se impõem algumas considerações de caráter teórico necessárias para definirmos oralidade e escrita. Nesse sentido, para a definição desse *constructo* teórico, valer-nos-emos de comparações, procurando determinar as semelhanças e diferenças entre ambas.

A primeira questão a se considerar, como lembra Silva (2001), trata da própria postura proveniente da concepção de escrita apenas como complemento da palavra falada. A esse respeito, a autora faz lembrar que “a concepção de que a escrita simplesmente representa de forma visível a língua falada refletia, então, não só a opinião de Saussure, mas também de Sapir, Hocket e Bloomfield.” (SILVA, 2001, p. 24). No Brasil, não podemos deixar de destacar Câmara Jr. (2010, p. 14), para quem a “linguagem escrita não passa de um sucedâneo, um *ersatz* da fala. Esta é que abrange a comunicação linguística em sua totalidade”.

A esse respeito, Kato (2010) corrobora com Silva (2001) ao lembrar que embora a linguística moderna tenha surgido pregando a primazia dos estudos sobre a oralidade, em oposição à gramática tradicional, de tradição literária, ainda era fortemente preconceituosa em favor da escrita. A autora lembra-nos como os estruturalistas organizavam *corpus* por meio da regularização subjetiva de seus dados; ou como em Chomsky, para quem os dados linguísticos são artefatos do linguista, concebidos a partir da fala do falante-ouvinte ideal; ou, ainda, na teoria dos atos de fala, postulada por Searle, que também se baseia em frases descontextualizadas e construídas artificialmente.

Uma comparação mais efetiva da fala e da escrita passa, então, segundo Kato (2010), a realizar-se mais recentemente com o advento da sociolinguística, da psicolinguística e da análise conversacional. Essas correntes teóricas, segundo a autora, têm trabalhado com base na análise de dados contextualizados, em sua transcrição bruta, captando muito do que ocorre na fala espontânea e, não, em uma idealização, permitindo, assim, uma comparação efetiva da fala e da escrita.

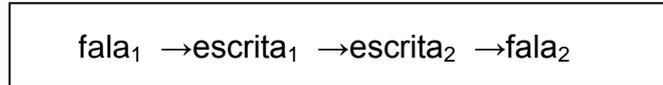
A recorrente concepção de linguagem, ainda muito afetada pela linguagem escrita, suscita o seguinte questionamento: de onde surge então essa consciência linguística de que a linguagem oral é fortemente afetada pela escrita?

Um indicativo para a busca de uma possível resposta a esta indagação pode estar na tese de Kato (2010) ao sustentar que

a fala e a escrita são parcialmente isomórficas, mas que, na fase inicial, é a escrita que tenta representar a fala – o que faz de forma parcial – e, posteriormente, é a fala que procura simular a escrita, conseguindo-o também parcialmente. (KATO, 2010, p.11)

Para Kato (2010), essa “isomorfia” parcial pode ser compreendida conforme demonstra o esquema 1.

Esquema 1 – Isomorfia parcial fala-escrita



Fonte: Kato (2010).

O esquema 1, apresentado por Kato (2010), reporta-se à **fala<sub>1</sub>** como a fala do pré-letramento; já a **escrita<sub>1</sub>** pretende representar a fala em sua forma mais natural possível; a **escrita<sub>2</sub>** é aquela se constitui quase autônoma da fala, por meio de convenções rígidas; finalmente, a **fala<sub>2</sub>** é a fala que resulta do letramento. Considerando essa hipótese, ficaria fácil, segundo Kato (2010), compreender a razão pela qual os letrados passam a conceber a fala a partir do que sabem da escrita.

Nesse sentido, faremos uma breve exposição dos estudos realizados por Kato (2010, p.12) que, ao estabelecer as comparações entre essas duas modalidades de expressão, divide sua análise sob três perspectivas, a saber: “a) da diferença da natureza do estímulo; b) das diferenças formais; e c) das diferenças funcionais”.

A primeira diferença evidenciada na comparação entre fala e escrita trata da natureza do estímulo que, segundo Kato (2010), um leigo apontaria como sendo auditivo para a fala e visual para a escrita.

Lembramos que, de forma geral, Câmara Jr. (2010) também evidenciou esta distinção como circunstância essencial entre as expressões oral e escrita, uma vez que aquela se comunica pelo ouvido, e esta pela visão.

Em Houis (1980) *apud* Calvet (2011) também encontramos a preferência pela definição de que

Oralidade é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção auditiva da mensagem. A escrituralidade é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção visual da mensagem (HOUIS, 1980, p.12 *apud* CALVET, 2011, p.10).

Sobre esta questão, Kato (2010) lembra que

O contínuo de sinais acústicos, como sabemos, não apresenta unidades discretas, invariantes, que correspondam a unidades linguísticas. Somos nós, ouvintes, que reestruturamos a cadeia sonora em unidades não-físicas, mas psicologicamente significativas como o fonema, a palavra e a oração (ou cláusula). Essa reestruturação é uma operação cognitiva da qual não temos consciência, pois tais entidades só passam a ser conscientemente sentidas através de letramento. (KATO, 2010, p.12).

Assim, é a partir dessa capacidade de simbolização do homem que se começa a operar uma espécie de “representação de primeira ordem – isto é, figuras representando coisas -, para só mais tarde atingir uma etapa em que representa a fala, já em uma simbolização de segunda ordem”. (KATO, 2010, p.19). E no percurso entre essa primeira fase até a escrita alfabética propriamente dita, o homem passa a tomar consciência das várias unidades linguísticas existentes: palavra, sílaba e som.

Não obstante essa escrita alfabética tenha sido concebida para representar a fala, a autora destaca que ela não chega a ser fonética, pois o fato de uma língua mudar, apresentar variações dialetais e estilísticas que afetam diretamente a pronúncia, impossibilitou essa natureza de escrita alfabética estritamente fonética.

A exemplo do que ocorre no português do Brasil, também é possível perceber essa motivação essencialmente fonêmica, em que se neutralizam as diferenças fonéticas existentes na fala que não chegam a ser distintivas, ao passo que se busca representar diferenças fonéticas funcionalmente significativas. Vale pontuar, ainda, que Kato (2010) dá também outra forma de interpretação a essa natureza essencialmente fonêmica da escrita:

O fonema é um constructo de uma cultura de linguagem escrita, que, como vimos, se deixa afetar pela linguagem escrita em sua concepção de linguagem oral. Logo, é possível que a nossa afirmação de a escrita ser fonêmica venha do fato de que é dela que retiramos esse conceito (KATO, 2010, p. 17).

Como se observa na citação da autora, ainda é muito problemático partir para uma interpretação sobre oralidade, se nosso constructo sobre os elementos constitutivo da língua ainda se deixam afetar muito por uma cultura de linguagem escrita.

Em se tratando das diferenças funcionais entre fala e escrita, isto é, no uso efetivo que os homens fazem desse instrumento, ainda em Kato (2010), são apresentadas perspectivas sobre os usos dessas modalidades, quais sejam: “a) uma perspectiva da evolução do uso da escrita; b) uma visão sincrônica empírica desse uso; e c) uma visão especulativa sobre a situação em nosso contexto.” (KATO, 2010: 31).

Assim, Kato afirma que a

distribuição das atividades linguísticas entre as modalidades escrita e oral muda com a evolução histórica, e a mesma variação encontrada nessa evolução pode ser vista sincronicamente nas sociedades altamente letradas e possivelmente nas nações em vias de letramento, sendo que, nesses casos, a distribuição é determinada pelas diferenças sociais funcionais e pela variação individual. (KATO, 2010. p. 41).

Do ponto de vista formal, Kato (2010, p. 30) destaca que as diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita nada mais são do que diferenças causadas pelo próprio uso da linguagem e evidencia, ainda, que as modalidades oral e escrita da linguagem apresentam uma “*isomorfia parcial*, porque fazem a seleção a partir do mesmo sistema gramatical e podem expressar as mesmas intenções”.

Para a autora, o que determina as diferenças entre ambas as modalidades são as condições de produção, tais como: “a dependência contextual, o grau de planejamento, a submissão consciente às regras prescritivas convencionalizadas.” (KATO, 2010, p. 30). Com efeito, Marcuschi (2001) também coloca fala e escrita num contínuo de variações, eliminando a dicotomia estrita e sugerindo uma diferenciação entre ambas de forma gradual e escalar.

## 2.2 O EQUACIONAMENTO ORALIDADE E ESCRITA (INTERPENETRABILIDADE)

Conforme afirmam Fávero, Andrade e Aquino (2009), as pesquisas que envolvem o texto falado e o texto escrito, em boa parte, não descreveram de maneira adequada as relações entre essas duas modalidades, ou porque de uma parte se fixaram em visões dicotômicas ou porque de outra se detiveram em dar primazia a uma modalidade em detrimento de outra.

Nesta subseção, faremos uma retomada das principais visões que se apresentam para a compreensão do oral e do escrito a partir de uma perspectiva de interpenetrabilidade entre ambas as modalidades.

De acordo com os pesquisadores nos quais nos aportamos cujos posicionamentos passaremos a expor, existem muito mais semelhanças linguísticas e interfaces do que diferenças estritas entre fala e a escrita. Biber (1988, p.24) *apud* Fávero, Andrade e Aquino (2009, p.82) pontua que não foi possível detectar nenhuma distinção de ordem absoluta entre a fala e a escrita, mas apenas ocorrências de diferenças que são provenientes das condições de produção. Acrescenta também que essa problemática dá-se em consequência de critérios de pesquisa, sendo necessário ter mais o cuidado para que se evitem generalizações, com afirmações em que “uma seja mais complexa, mais bem elaborada, mais explícita ou mais autônoma que a outra.” (FAVERO, ANDRADE E AQUINO, 2011, p. 82).

Silva (2001) corrobora com Fávero, Andrade e Aquino (2009) ao enfatizar que o vínculo estabelecido entre o caminhar da oralidade à escritura não é uma questão de reducionismo, mas, sim, de correlação.

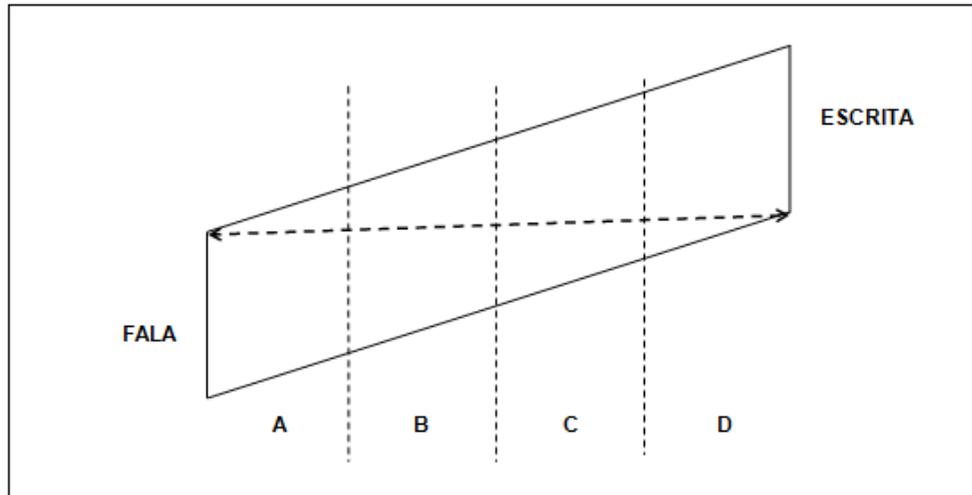
Marcuschi (2001), ao afirmar que a visão dicotômica entre fala e escrita não se sustenta mais, acrescenta:

Assim, fala e escrita não são dois modos qualitativamente diversos de conhecer ou dar a conhecer. A escrita não acrescenta massa cinzenta ao indivíduo que a domina bem como o não-domínio da escrita não é evidência de menor competência cognitiva. Deve-se, pois, distinguir entre o conhecimento e capacidade cognitiva. Quem domina a escrita pode, eventualmente, ter acesso a maior número de conhecimento. Não é verdade, no entanto, que a fala é o lugar do pensamento concreto e a escrita, o lugar do pensamento abstrato. (MARCUSCHI, 2001, p.47).

Na hipótese defendida por Marcuschi (2001) e adotada neste trabalho, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos.” (2001, p. 37). Esta observação de caráter teórico trata da compreensão das relações entre oralidade e escrita como reflexo de um “constante dinamismo fundado num *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua.”

(MARCUSCHI, 2001, p. 34). Esse *continuum* entre o oral e o escrito também pode ser compreendido na proposta de Marcuschi (2001), ilustrada no gráfico 1.

Gráfico 1- Fala e escrita no *continuum* dos gêneros textuais



Fonte: Adaptado de Marcuschi (2001).

Ao observarmos o gráfico 1, percebemos que nele se evidenciam dois planos: o superior, que representa o *continuum* da escrita e o inferior, o da fala. Assim, as produções textuais que figurarem no plano superior, mais à extrema direita, reportar-se-ão ao texto prototípico escrito; já aquelas que estiverem no plano inferior, à extrema esquerda, configurar-se-ão como textos prototípicos da fala. Hilgert (2006), ao retomar Marcuschi (2001), lembra-nos que, à medida que esses textos se afastem dos seus polos prototípicos para o extremo oposto, essa afinidade vai diminuindo até se constituir uma nova afinidade com o plano oposto. E prossegue em suas considerações sobre o esquema gráfico de Marcuschi (2001):

c) cada tipo de texto não se define isoladamente em seu plano horizontal, mas sim na correlação vertical dos dois planos, permitindo-nos dizer que, à extrema esquerda, localizam-se textos conceptualmente falados, mesmo que sejam medialmente escritos (os bilhetes) e, à extrema direita, situam-se textos conceptualmente escritos, ainda que medialmente falados (exposições acadêmicas); d) um movimento simultâneo nos dois planos horizontais em direção ao centro do gráfico, levará à identificação de um tipo de texto, do ponto de vista conceptual, “equilibradamente” marcado pela fala e pela escrita, como é o caso dos textos noticiosos de jornais e revistas (na escrita) e dos noticiários de televisão e rádio (na fala). (HILGERT, 2006, p. 21-22).

Das conclusões de Hilgert (2006), podemos destacar algumas contribuições para o entendimento sobre a interpenetrabilidade nos gêneros textuais dentro do contínuo tipológico estabelecido por Marcuschi (2001). A primeira delas é a afirmação categórica de que a relação dicotômica entre fala e escrita dá-se estritamente nas formas de manifestação: uma fônica, outra gráfica.

Outra contribuição de Hilgert (2006, p. 21) trata da compreensão de que “existe uma identidade fundadora, dos textos prototípicos [...], entre o meio e a concepção”, mas que tal identidade não pode ser definida de forma isolada na correlação horizontal, e sim na sua correlação vertical. Essa segunda observação permite-nos avançar para a compreensão sobre o ponto medial da escala dentro do *continuum* em que se situam os textos do gênero misto, marcados tanto pela fala quanto pela escrita, dentre os quais figuram as listas de discussão, objeto deste estudo, a ser descrita detalhadamente no capítulo seguinte deste trabalho.

Finalmente e, também, reiterando Marcuschi (2001) e Silva (2001), Castilho (2010) conclui que “as duas variedades se dispõem num *continuum*, indo da oralidade para a escrituralidade, percorrendo diferentes graus de formalidade.” (CASTILHO, 2010, p. 222). E segue enfocando que no encontro entre o falado e o escrito “as mediações sócio-históricas que os regulam são as mesmas pelas quais simultaneamente se constituem.” (CORREA, 2004, p. 78 *apud* CASTILHO, 2010, p.222).

### 2.3 OS VALORES SOCIAIS DA FALA E DA ESCRITA: UM BREVE PERCURSO ENTRE A ORALIDADE E A TRADIÇÃO ESCRITA

Em seu livro *Tradição oral & tradição escrita*, Calvet (2011) destaca que tradição oral e tradição escrita compreendem duas formas de comunicação linguística que definem, por sua vez, duas formas de sociedade. No entanto, destaca que esses termos suscitam alguns problemas, tais como as definições de *analfabeto* e *iletrado* (grifo do autor), por exemplo, que trazem, a reboque, noções negativas que dão ênfase, de um lado, ao saber (próprio dos que manejam a escrita e a leitura) e, de outro, a daqueles que não têm esse saber (próprio dos iletrados ou analfabetos).

Com efeito, essa visão negativa, segundo Calvet (2011), multiplica-se até tomar uma dimensão social, por meio da qual as sociedades são identificadas, como definem alguns dicionários, como aquelas que, “em sua maioria, ‘não sabem ler nem escrever’” (CALVET, 2011, p. 9), estendendo-se a uma visão puramente ideológica acerca das relações entre conhecimento e escrita, que pesa bastante em nossa sociedade, quais sejam:

- (i) O desconhecimento da escrita conota, segundo os casos, a estupidez, a grosseria, a vulgaridade, a incultura etc.
- (ii) O saber constituído pelo conhecimento do alfabeto é dado como pré-requisito para todos os outros saberes [...] como se todo o conhecimento passasse necessariamente pela escrita; aliás, isso é testemunhado em outros lugares por muitas metáforas: ‘saber algo de A a Z’ e ‘não conhecer o ABC...’ (CALVET, 2011, p. 9).

Com efeito, segundo Romaine (1984 *apud* SILVA, 2001), o uso social da língua falada e da língua escrita está relacionado às diferentes maneiras de distribuição que as sociedades fazem do uso de seus recursos comunicativos e de como os indivíduos desenvolvem suas habilidades a partir do contexto de riquezas a que têm acesso. Dessa maneira, pode-se inferir que o uso social que se faz da língua falada e da língua escrita mantém estreita relação com os mecanismos de controle da transmissão dos recursos comunicativos e, ainda, com os processos de estratificação das classes sociais.

Como lembra Gallo (1989, p. 68), a escola, por questões históricas, tem figurado como mantenedora e não como produtora do discurso oral e do discurso escrito, no entanto, “o que acontece [...] é uma administração bem organizada desses dois discursos, o discurso legitimado e o discurso não legitimado, administração esta, na verdade, realizada fundamentalmente e cada vez mais, pela Escola”.

E prossegue:

Na verdade, a Escola faz parecer que o texto, quando produzido segundo as normas de “correção” e “clareza”, é um texto legítimo. O que é um grande engodo. Na verdade ele só é legítimo dentro dos portões da Escola, onde foi produzido! (GALLO, 1989, p. 71).

Silva (2001), em seu estudo sobre oralidade e escrita com estudantes brasileiros e mexicanos, pontua que é na escola que efetivamente ocorre esse controle e distribuição dos recursos comunicativos. Segundo a autora, como o sistema educacional brasileiro está defasado quanto ao aparato teórico-metodológico para o desenvolvimento de habilidades orais, a escola acaba por ignorar a variedade não-padrão da língua no repertório dos alunos, exigindo o uso de formas letradas de expressão. Isso vem a perpetuar desigualdades e preconceitos sociais, a começar pelas próprias práticas de ensino da língua materna ao rejeitar o uso de traços da oralidade no discurso escrito dos alunos.

Dentro dessa tônica, Gallo (1989, p. 46) toca num ponto que considera como “nevrálgico da questão: [...] o caráter inegavelmente ideológico da linguagem”. Em suas observações, a autora nos remete à questão da linguagem e da hegemonia da escrita na sociedade burguesa, bem como nos apresenta os processos históricos e ideológicos que resultam essa hegemonia.

As observações de Gallo (1989, p. 56) trazem à baila a questão dos processos de legitimação da língua que colocam a oralidade como forma marginal a esse processo que “produz um sentido ambíguo e inacabado, não por não ser produzida de acordo com a NORMA, mas exatamente por não passar pelo processo de legitimação” e prossegue ao afirmar que a escrita, “ao seguir o processo de legitimação, transformar-se-á, enquanto a Oralidade conservar-se-á na sua condição de ‘forma ilegítima’”.

Podemos, ainda, interpretar essa relação a partir de uma abordagem que Kato (2010, p. 39) chama de puramente especulativa, mas que, por meio da qual, a autora sustenta a ideia de que o Brasil figura como uma nação ainda de real primazia do oral, uma vez que “a língua oral, por se permitir fugir ao controle das regras prescritivas gramaticais que se exercem sobre a escrita, mais conservadora, distancia-se dela de forma a abrigar subsistemas paralelos não previstos nessas normas”.

Kato (2010) prevê que essa avalanche do uso oral em relação ao uso relativamente pouco significativo da escrita já venha a afetar as formas de escrita. Para a autora, em um país como o Brasil, é a força da oralidade que marca a própria escrita que, neste sentido, teria ainda a natureza da **escrita**<sub>1</sub>, mencionada no início deste capítulo como aquela que pretende representar a fala da forma mais natural possível. Isso faz com que haja a necessidade de um policiamento cada vez mais consciente por parte de quem escreve, para que siga a norma padrão da língua.

Para enfatizar essa primazia do oral no Brasil, Kato (2010) lembra que mesmo entre os letrados, é muito frequente a preferência pela busca de informação oral em vez de, por exemplo, fazer-se consulta a guias, manuais, leis, regimentos, enciclopédias, livros técnicos, entre outros. Destaca, assim, que o “Brasil é, pois, o paraíso dos assistentes técnicos, dos advogados e dos assessores técnicos.” (2010, p.40).

Partindo dessas observações, podemos inferir que Gallo (1989), Silva (2001) e Kato (2010), embora percorram caminhos diferentes em suas observações, harmonizam suas análises quando afirmam que no Brasil há um predomínio, pelo menos quantitativo, do oral sobre o escrito. E, ainda, convergem em suas análises quanto à necessidade de valorização do desenvolvimento do oral, principalmente, entre aqueles que já ingressaram no mundo dos letrados, a fim de que façam um uso funcional da escrita, aumentando, assim, as possibilidades de acesso independente à informação.

### 3 O FENÔMENO LINGUÍSTICO DA REPETIÇÃO

Este capítulo será importante para o estabelecimento do marco teórico do trabalho, uma vez que apresentaremos estudos específicos sobre a repetição no discurso escrito e na escrita eletrônica, a partir da revisão dos principais trabalhos que têm se voltado ao fenômeno no português do Brasil, sob o enfoque interacionista no campo da linguística textual.

#### 3.1 CARACTERIZANDO A REPETIÇÃO NO DISCURSO ESCRITO

Dentro de uma concepção mais geral, “a repetição consiste na reaparição de um ou mais elementos linguísticos depois de sua primeira ocorrência dentro de um mesmo texto.” (SILVA, 2001, p.70).

Para Becker (1984, p. 435) *apud* Tannen (1987, p. 218) <sup>1</sup>, a repetição é uma estratégia discursiva que constitui a gramática de uma língua. Não se trata de padrões abstratos, mas fragmentos de texto lembrados parcialmente e, então, recuperados para serem reformatados para novos contextos e, por meio do processo de repetição, “o a priori real de qualquer evento de língua – a estrutura profunda real - é um acúmulo de textos anteriores lembrados. E nossa competência linguística real é acesso, via memória, ao acúmulo de texto anterior”.

Tannen (1987, p. 218) também defende que há uma tendência universal humana em repetir e, para sustentar a afirmação, cita Freud, para quem “A repetição, a re-experienciação de algo idêntico, é claramente em si mesma uma fonte de prazer”. Neste aspecto, Koch (1994, p. 153) destaca que a autora vai ao cerne da questão quando, retomando a literatura psicolinguística, lembra-nos que a imitação e a repetição estão na fala de crianças que “sentem prazer em repetir palavras inteiras, jogos de palavras, expressões, frases inteiras”.

Em Marcuschi (2002, p. 106), encontramos a compreensão de que “repetir é produzir o mesmo segmento linguístico duas ou mais vezes”. O autor alerta para as diferenças entre a repetição de elementos linguísticos e a reduplicação de um mesmo conteúdo e conclui: “repetir as mesmas palavras em um evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa”.

---

<sup>1</sup> Todas as citações em inglês de Tannen (1987, 1989) estão disponíveis para consulta aos originais no Apêndice A desta dissertação (ver p. 121-122).

Partindo de uma concepção funcional, tomaremos como definição de repetição “a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo.” (MARCUSCHI, 2002, p. 107). A partir dessa definição, consideramos necessários alguns esclarecimentos adicionais sobre os termos empregados:

- a. a expressão *segmento discursivo* designa qualquer produção linguística de um texto oral, seja ele um segmento fonológico, uma unidade lexical, um sintagma (um constituinte suboracional) ou uma oração;
- b. o termo *idêntico* refere uma repetição em que o segmento repetido é realizado sem variação em sua relação com a primeira entrada; seria a repetição *exata*;
- c. o termo *semelhante* aponta para a produção de um segmento com variação, seja no item lexical, na estrutura (ou parte dela), incluindo-se aí a variação prosódica;
- d. a expressão *evento comunicativo* designa uma unidade de interação desde seu início até o final. Esta especificação faz com que a repetição seja observada no âmbito do mesmo evento comunicativo como condição necessária para consideração. (MARCUSCHI, 2002, p. 107)

Na intenção de operar uma maior delimitação do objeto de análise, fazem-se necessárias mais algumas considerações que envolvem o que Silva (2001, p. 71) chama de “metalinguagem utilizada na análise”. Primeiramente, aportando-nos em Marcuschi (2002, p. 107), a ocorrência da primeira entrada do segmento discursivo, depois repetido, é reconhecido como *matriz* (M). Seguidamente, esta mesma matriz (M) opera “como base ou modelo para a projeção de outro segmento construído à sua semelhança ou identidade, chamado de *repetição* (R)”.

Embora possam se observar recorrentes estudos desse tema nas práticas de oralidade, para o presente estudo, tomaremos como foco de nossa análise a ocorrência do fenômeno linguístico na escrita. Nesse sentido, levamos em consideração a afirmação de Silva (2001) ao destacar que na escrita tem-se observado um interesse na ocorrência do fenômeno como recurso que favorece aspectos funcionais de natureza coesiva, estilística e argumentativa.

Marcuschi (2002) também trata da questão da repetição no discurso escrito salientando que, com as possibilidades de revisão e editoração do texto, o fenômeno passa por um processo de apagamento, obtendo-se apenas a versão final, reduzindo-se, então, a presença da sua ocorrência. Entretanto, ao adotarmos como

*corpus* os textos escritos advindos de interações assíncronas de fórum de discussão, destacamos a recorrência do fenômeno uma vez que o texto produzido no ciberespaço mescla características do discurso oral no escrito, chegando a ser considerado por teóricos uma forma de escrita oralizada.

Convém destacar, ainda, que nos concentraremos apenas nas repetições lexicais, sintagmáticas e oracionais, no texto escrito de comunicações assíncronas, ou seja, em que a composição, o envio e a recepção de mensagem não impliquem simultaneidade. Pode-se dizer, aportando-se em Silva (2001) e Marcuschi (2002), que é nos segmentos discursivos acima do nível morfemático que percebemos a recorrência do fenômeno de forma mais evidente, configurando-se naquilo que imediatamente vem à mente das pessoas quando se faz referência à repetição.

Nesse sentido, com o propósito seguir com a delimitação de análise do fenômeno, cabe apresentar os níveis nos quais serão examinadas as ocorrências nos textos escritos, uma vez que, segundo Silva (2001, p.74), interessa-nos a repetição não somente

como um procedimento linguístico tangível na superfície textual/discursiva, mas como um fenômeno que constitui um signo linguístico, com forma e significado(s), capaz de operar em dois níveis ao mesmo tempo:

- 1 no nível textual (estrutural) – quando a R faz emergir a M;
- 2 no nível discursivo (funcional) – quando a R mostra as relações de sentido que se estabelecem por meio de vínculos semânticos e pragmáticos no ato da comunicação. (SILVA, 2001, p. 74).

Outro trabalho que devemos considerar como importante contribuição ao estudo do fenômeno em textos escritos pode ser encontrado em Hoey (1991 *apud* SILVA, 2001) que destaca a importância do papel da repetição lexical para a organização textual e sugere a classificação do fenômeno no nível lexical em quatro tipos formais, a saber: repetição lexical simples, lexical complexa, paráfrase simples e paráfrase complexa. Em seguida, o autor caracteriza os quatro tipos mencionados conforme os seguintes parâmetros:

- repetição lexical simples: ocorre sempre que um segmento lexical reaparece dentro de um texto sem maiores alterações que as previstas dentro de seu paradigma gramatical fechado, tais como variação de gênero e de número;
- repetição lexical complexa: pode ocorrer ou quando dois elementos lexicais compartilham o mesmo morfema léxico, apesar de não serem formalmente idênticos, ou quando são formalmente idênticos, embora possuam funções gramaticais diferentes;
- paráfrase simples: costuma ocorrer sempre que algum elemento lexical é substituído por outro dentro de um contexto sem perda ou mudança de sentido como, por exemplo, produzir/causar;
- paráfrase complexa: pode ocorrer, embora de maneira limitada, quando dois elementos lexicais prestam-se à possibilidade de serem definidos de tal modo que a presença de um inclui o outro, embora não compartilhem o mesmo morfema lexical como, por exemplo, enfermidade/doutor. (HOEY, 1991, p. 62-64 *apud* SILVA, 2001, p. 67).

Dentre os quatro tipos mencionados do fenômeno, abordaremos no presente estudo os dois primeiros, uma vez que se enquadram perfeitamente em nossas análises. Vale destacar que a paráfrase não será abordada neste trabalho, embora entendamos, conforme Silva (2001, p.74), que ela guarde um traço importante de repetição que é a “manutenção do vínculo semântico”. Mas, novamente corroborando com a autora, consideraremos a paráfrase outro fenômeno linguístico cuja abordagem volta-se à reiteração de conteúdos semelhantes ou idênticos, porém com palavras diferentes.

### 3.2 A REPETIÇÃO NO TEXTO ESCRITO ELETRÔNICO, NO CONTEXTO DAS COMUNICAÇÕES MEDIADAS POR COMPUTADOR (CMC)

Dentro dessa perspectiva, alguns estudos têm se destacado sobre as marcas de oralidade no texto escrito, tais como a ocorrência de hesitações, correções e as repetições. Este trabalho ocupa-se especificamente do fenômeno da repetição de itens lexicais, sintagmáticos e oracionais em textos eletrônicos produzidos em listas de discussão, em ambiente fórum de discussão, por estudantes de EaD no Estado do Amazonas.

Inicialmente, consideramos importante fazer uma breve retomada sobre a comunicação mediada por computador (doravante CMC) da qual as listas de discussão são um dos dispositivos, uma vez que este não é objetivo deste trabalho.

Conforme Souza (2010, p. 29), a CMC surge com o advento da internet, com a aplicação do computador como veículo de “comunicação direta pessoa a pessoa. Nela o computador tem como papel principal o de mediador e veículo, ficando em plano principal a existência de interlocutores humanos”.

Historicamente, o surgimento da internet remonta as décadas de 1960 a 1970, quando o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América e universidades norte-americanas, de forma conjunta, desenvolveram a primeira rede de computadores, denominada ARPANET, que interligava os computadores do Pentágono aos daquelas universidades. Foi a partir dessa rede que se estabeleceram as primeiras comunicações entre os pesquisadores dessas instituições, realizando-se, então, as primeiras mensagens eletrônicas que posteriormente dariam início ao correio eletrônico ou e-mail.

Outros dois sistemas desenvolvidos na década de 1990 deram hoje a configuração atual que temos da internet. O primeiro deles é a *Word Wide Web*, ou *WWW* como a conhecemos, que foi desenvolvida pelo engenheiro inglês Tim Berners-Lee, na Suíça, no Laboratório Europeu de Física de Partículas. O sistema consistia num “mecanismo de planilha universal pela internet.” (SOUZA, 2010, p. 28). Outro sistema importante foi o desenvolvido para possibilitar a troca de mensagens simultaneamente entre dois ou mais interagentes, o que depois viria a se configurar nos sistemas de *chat* ou bate-papo, inaugurando assim o uso do computador como meio de comunicação ou CMC.

O debate sobre o uso da CMC tem avançado e tomamos em Crystal (2004) o entendimento de que a rede, hoje, é somente uma parte do mundo da linguagem mediada por computador, uma vez que

Muitas tecnologias novas que irão integrar a Internet com outras situações de comunicação são apresentadas, e estas irão fornecer a matriz no bojo da qual outras variedades de idiomas irão se desenvolver. Já vimos isso acontecer na tecnologia de transmissão: o rádio trouxe um novo tipo de linguagem, que rapidamente gerou várias subvariedades (comentário, notícias, meteorologia...); então a televisão acrescentou uma outra dimensão evoluindo similarmente para outras subvariedades. (CRYSTAL, 2004, p. 224) <sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Todas as citações em inglês de Crystal (2004) estão disponíveis para consulta aos originais no Apêndice A desta dissertação (ver p. 121-122).

As observações de Crystal (2004) alertam-nos para novas situações da CMC, em que o surgimento constante de diversas tecnologias está a nos fornecer as matrizes dentro das quais se desenvolve a linguagem que abriga sistemas a se desenvolver e evoluir para vários subsistemas.

Nesse sentido, tomamos as palavras de Marcuschi (2001) para quem a linguagem dos usuários da rede demonstra uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita e suas variações. É válido destacar, como afirmam Marcuschi e Xavier (2010, p. 21), que “um dos aspectos essenciais da CMC é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita”. Ainda para Marcuschi e Xavier (2010), é incontestável que na internet todos os gêneros textuais estão baseados na escrita que continua sendo fundamental para integrar imagens e sons. Sobre essa questão, faremos a seguir uma breve discussão que abordará o texto híbrido e a aplicação da noção de gênero textual dentro desse novo contexto da CMC.

### **3.2.1 O texto híbrido: características no *continuum* fala e escrita**

Para Marcuschi (2001), a ocorrência do texto híbrido dá-se quando coexistem características típicas da oralidade e da escrita e, nesse sentido, alerta para um possível equívoco de se considerar a existência de *uma fala por escrito*.

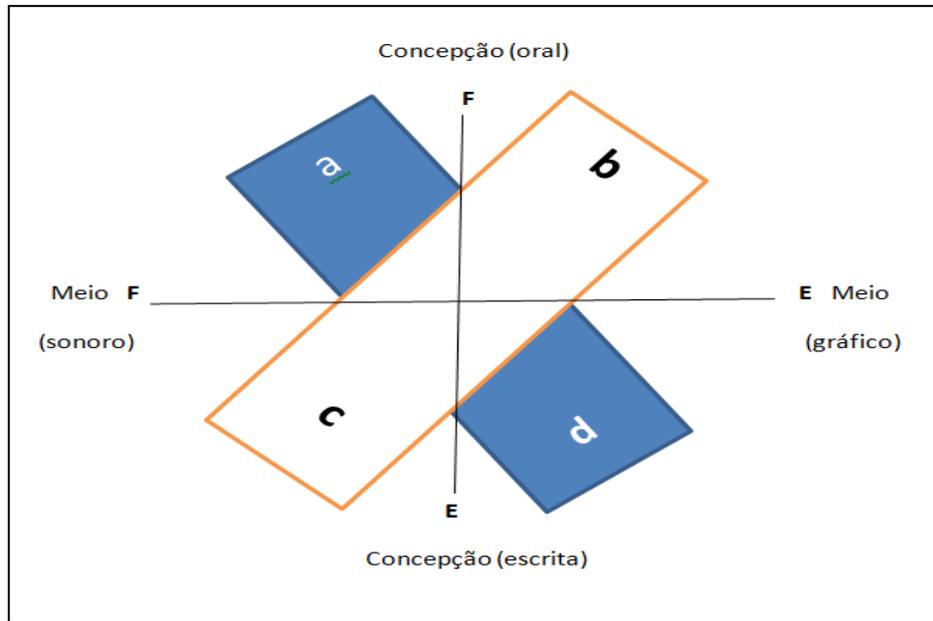
Sobre essa correlação entre o oral e o escrito, Marcuschi (2001, p.18) aponta que a escrita eletrônica advém dos diversos gêneros comunicativos situados “no entrecruzamento de fala e escrita”. Ressalte-se que, dentre as propriedades antes atribuídas exclusivamente à fala, Marcuschi (2001) destaca, por exemplo, a simultaneidade temporal, possível no ato de escrever a distância, ou teclar, utilizando-nos aqui da denominação própria desta prática.

Podemos, ainda, compreender esse hibridismo na linguagem dos usuários da internet a partir das contribuições de Crystal (2004) acerca da complexidade que envolve as relações entre oralidade e escrita nesse contexto:

O que torna *Netspeak* tão interessante como uma forma de comunicação é a maneira como este depende das características que pertencem a ambos os lados da divisa entre a fala e a escrita. Em um extremo está a *Web*, que em muitas de suas funções (por exemplo, a formação de banco de dados, a publicação de referência, o arquivamento, a publicidade) não difere das situações tradicionais que usam a escrita; na verdade, a maioria das variedades da linguagem escrita pode agora ser encontrada na *Web* com pouca mudança estilística a não ser uma adaptação ao meio eletrônico [...]. Qualquer tentativa de identificar a peculiaridade estilística das páginas da *Web* terá que lidar com os mesmos tipos de matérias visuais e gráficas como qualquer outra variedade de expressão escrita. Em contraste com a *Web*, as situações de *e-mail*, *chatgroups* e mundos virtuais, embora expressas por meio da escrita, apresentam várias das propriedades principais da fala. (CRYSTAL, 2004, p. 28-29).

Como se observa nas afirmações de Crystal (2004), as características que marcam a presença da fala e da escrita nos textos produzidos entre os usuários da rede não se distanciam muito das situações tradicionais de comunicação em que o oral e o escrito se entrecruzam. Essa questão pode ser compreendida conforme demonstrado no gráfico 1, apresentado na sessão 2.2, p. 23 deste trabalho, que trata do equacionamento das modalidades dentro de contínuo entre fala e escrita.

Considerando, então, as relações mistas dos gêneros, temos, no gráfico 2, a ilustração de como se daria esse *continuum* fala e escrita para os gêneros textuais da comunicação digital.

Gráfico 2 – *Continuum fala e escrita*

Fonte – Marcuschi (2001).

Conforme observamos no gráfico 2, “a” representa o domínio tipicamente falado (oralidade) e “d” o tipicamente escrito. Já os domínios “b” e “c” constituem domínios mistos em que se dariam as mesclas de modalidades. Já os gêneros da comunicação digital figuram no domínio “b”, nos quais os textos apresentam concepção oral e se materializam por meio gráfico.

Dada essa característica híbrida do texto na CMC, é oportuno mencionar Duran (2010) que, em seu estudo sobre letramento digital e desenvolvimento, afirma que oralidade e escrita não podem ser tomadas de maneira estanque. Nas palavras da autora:

Oralidade e escrita não podem ser tomadas isoladamente, uma vez que há traços da oralidade que se manifestam e são preservados na e por meio da escrita e esta, por sua vez, empresta certas características ao conteúdo e à forma da oralidade, quer seja primária ou secundária. Do mesmo modo, não podemos sustentar que o ciberespaço, enquanto *locus* privilegiado de processos interativos, seja simplesmente colocado em oposição à escrita ou ainda em relação aos meios de comunicação de massa (DURAN, 2010, p. 125).

Feitas as considerações iniciais sobre a relação oralidade e escrita no contexto da CMC, é importante apresentar alguns conceitos sobre a escrita eletrônica, particularmente, das expressões utilizadas neste estudo, no intuito de

fazer um alinhamento sobre a terminologia empregada, haja vista a diversidade de termos utilizados em razão dos diversos formatos, gêneros e ambientes em que ocorrem.

Para tanto, nos aportamos em Marcuschi e Xavier (2010), Souza (2010), Kenski (2008) e Crystal (2004), sempre atentos às observações de Marcuschi e Xavier (2010) que alertam para o cuidado nas designações, pois não existem nomenclaturas consagradas. Esse alerta pode ser compreendido em razão do avanço acelerado da CMC que tem invalidado muito rapidamente diversas definições e caracterizações da escrita nesse contexto e obriga os teóricos a tomar bastante cautela nesse sentido. No entanto, entendemos que a apresentação das designações é importante para situar o gênero textual, o aspecto (tempo) e o ambiente em que surgem tais comunicações, então, vejamos:

Para Souza (2010, p.31), os assíncronos são um modo de comunicação que “não implica a simultaneidade de composição, envio e recepção, as mensagens [...] podem ter sido geradas nas mesmas condições de elaboração de um texto altamente formal, com razoável nível de planejamento e elaboração”.

Marcuschi e Xavier (2010) avançam nessa definição, classificando o assíncrono como uma categoria de tempo (aspecto) constante dos parâmetros propostos pelos autores para caracterização de gêneros emergentes. Assim, o assíncrono refere-se ao tempo de espera para envio de uma mensagem que poderá estar, na comunicação escrita, geralmente, com defasagem temporal.

Outra observação importante sobre a característica dos assíncronos pode ser encontrada em Crystal (2004, p.167) para quem

A distinção entre situações assíncronas e síncronas não é absoluta. Alguns autores têm observado a qualidade ‘assíncrona [de] conferências síncronas via computador’. Se alguém estiver *off-line* em um *chatgroup* síncrono, as mensagens poderão ser deixadas no *buffer* da pessoa para ser lida mais tarde. Ou ainda, é possível gravar o texto de uma reunião de negócios em tempo real de modo que este possa ser acessado mais tarde para outro grupo (talvez em um fuso horário diferente) que poderá fazer comentários sobre ele. Estes comentários poderão ser gravados e devolvidos para o primeiro grupo para outros comentários; e, desta forma, a discussão continua.

A observação feita por Crystal (2004) parece-nos pertinente, à medida que nos lança uma compreensão mais clara do conceito de assincronia na CMC. A proposta do autor converge com a terminologia adotada por Litto (2010, p. 38), para quem o assíncrono “refere-se à comunicação na qual as mensagens estão armazenadas em computadores centrais até que o destinatário ache conveniente acessá-las”. Ainda assim, reiteramos o alerta feito por Marcuschi e Xavier (2010) de que não existem definições e caracterizações consagradas, uma vez que o avanço muito acelerado acaba por tornar obsoleta muito rapidamente qualquer definição. Assim, podemos inferir que os assíncronos podem abrigar outras definições e características que surgem a partir dos usos que os sujeitos fazem da internet.

No tocante às listas de discussão, retomamos Souza (2010) que afirma haver semelhança à estrutura das discussões orais. Nas palavras do autor:

Uma modalidade de comunicação mediada pelo computador através do e-mail que parece fornecer amostras exemplares do tipo de interação por ele proporcionado é a lista de discussão. Nas listas de discussão, uma mensagem enviada por um dos membros usualmente desencadeia respostas de outros membros, que por sua vez geram mais respostas, levando à formação de sequências de mensagens em torno de um tópico denominadas linhas de discussão (*discussion threads*). (SOUZA, 2010, p. 32)

Para Marcuschi e Xavier (2010, p.34), as listas de discussão (*mailing list*) figuram como um gênero textual emergente - cuja noção e caracterização veremos mais adiante - e se constituem em “grupo de pessoas com interesses específicos, que se comunicam em geral de forma assíncrona, mediada por um responsável que organiza as mensagens e eventualmente faz triagens”. As listas de discussão são atualmente muito recorrentes em ambiente acadêmico, especialmente, para tratar de temas específicos de estudo. No entanto, há muitas reclamações quanto a uma abordagem trivial das mensagens postadas e, também, quanto à possível falta de adequação aos propósitos definidos para o grupo de discussão.

Cabe destacar, ainda, importante trabalho de Marcuschi e Xavier (2010) que propõem parâmetros bem definidos para identificação dos gêneros no meio virtual, os quais testamos detidamente para confirmação do gênero textual emergente lista de discussão, do qual provêm as comunicações assíncronas ora analisadas neste estudo.

Finalmente, outra definição importante para a delimitação dos contornos desta pesquisa trata “dos ambientes ou entornos virtuais em que esses gêneros se situam”, pois “as tecnologias educacionais novas geram ambientes e meios novos” (MARCUSCHI e XAVIER, 2010, p. 31). Nos textos advindos das interações assíncronas, proporcionadas pelas listas de discussão, vemos que o ambiente que abriga e condiciona o gênero textual emergente *lista de discussão* é o *fórum de discussão assíncrono* que, segundo Marcuschi e Xavier (2010, p.32), configura-se como “um ambiente para discussão de temas específicos, lista de grupos e assim por diante. As relações são continuadas e movidas por interesses comuns”. Corroborando com os autores, Almeida (2012, p. 3) retoma e amplia essa discussão dos entornos virtuais, acrescentando que

o uso de ambientes virtuais numa perspectiva de interação e construção colaborativa de conhecimento favorece o desenvolvimento de competências e habilidades relacionados com a escrita para expressar o próprio pensamento, leitura e interpretação de textos, hipertextos e ideias do outro. Decorre daí o grande impacto que o uso desses ambientes poderá provocar não só no sistema educacional, mas também no desenvolvimento humano e na cultura brasileira, de tradição essencialmente oral.

As observações de Almeida (2012) retomam, em parte, as questões que envolvem a relação entre oralidade e escrita, especificamente em fórum de discussão, com característica assíncrona, em ambiente virtual de aprendizagem. Esses impactos podem ser observados também na própria evidência do fenômeno linguístico da repetição como uma marca do entrecruzamento do oral e do escrito e que caracteriza as listas de discussão como um texto misto que apresenta tanto características da fala quanto da modalidade escrita da língua.

Feitas as considerações sobre o hibridismo textual, avançaremos na próxima seção para a discussão sobre a aplicação da noção de gênero textual e as características do gênero emergente lista de discussão.

### 3.2.2 Noção de gênero textual e caracterização do gênero emergente lista de discussão (*mailing list*)

Segundo Andrade (2006, p. 84), os modos de interação social “são estruturados e organizados em torno das práticas sócio-históricas mediadas pela linguagem”. Nesse sentido, esses modos de organização linguística são, consoante Bakhtin (1997, p. 84), “tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.”

Considerando, assim, o postulado estabelecido por Bakhtin (1997), entendemos que, antes de caracterizarmos o gênero textual e o gênero emergente lista de discussão, faz-se necessária uma retomada sobre a noção de gênero discursivo, apresentada por Bakhtin (1997) que, parece-nos, estabelece uma interface com as questões sobre gênero textual emergente a serem apresentadas mais adiante.

Bakhtin (1997, p. 279) inicia a discussão sobre a problemática do gênero ao afirmar que a riqueza e diversidade dos gêneros discursivos são infinitas, uma vez que também é inesgotável a variedade virtual da atividade humana e considera que “cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”.

Essa perspectiva bakhtiniana do gênero é percebida em Bazerman (2011), que coloca a questão do gênero como uma categoria essencialmente sócio-histórica sempre em mudança, fazendo-nos compreender que um gênero é uma tipificação dinâmica, interativa e histórica, reconhecida pelas pessoas em qualquer momento do tempo. Segundo o autor,

A maioria dos gêneros tem características de fácil reconhecimento que sinalizam a espécie de texto que são. E, frequentemente, essas características estão intimamente relacionadas com as funções principais ou atividades realizadas pelos gêneros. (BAZERMAN, 2011, p. 40)

Para Bazerman (2011), existem elementos característicos pelos quais os gêneros são reconhecidos que parecem revelar muito sobre sua função, tentando-nos, então, a analisar tais gêneros por meio da seleção de características regulares

percebidas, bem como pela descrição de tais características que, normalmente, fazemos com base em nosso conhecimento de mundo.

Ainda sobre essa questão, Marcuschi (2012) já nos dá a pista para a compreensão de que o domínio discursivo

Não é um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas [...]. Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, constituindo práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder. (MARCUSCHI, 2012, p. 4-5)

Como não pretendemos esgotar aqui a discussão, tampouco oferecer um conceito acabado de gênero, vamos apenas nos apropriar das noções postuladas pelos autores para afirmarmos que as listas de discussão são, de fato, um gênero textual, uma vez que se configuram numa ação reconhecida entre estudantes, tutores, escola, e fazem parte do conjunto de textos que integram as atividades da Escola enquanto instituição.

Conforme Bakhtin (1997), reiterado por Bazerman (2011), os gêneros são, portanto, resultado da elaboração textual das diferentes atividades socioculturais comunicativas e, como tal, ajudam-nos a compreender que o texto, como observa Andrade (2006, p. 85), “é um produto-processo linguístico na relação entre sujeito-autor e língua. Já o gênero textual seria o texto em funcionamento no discurso, o produto da enunciação em circulação social”.

Uma vez pontuadas as questões mais cruciais sobre texto e gênero textual, consideramos pertinente uma breve retomada de conceitos e parâmetros de identificação do gênero textual emergente lista de discussão no meio virtual.

Se tomarmos como exemplo quatro gêneros diversos e considerarmos os aspectos sugeridos no gráfico 2, veremos que os domínios “a” e “d” são prototípicos e se situam em pontos opostos, ao passo que os domínios “b” e “c” são mistos. A tabela 1 demonstra como se dá essa classificação, considerando a distribuição dos exemplos de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva.

Tabela 1 – Distribuição de quatro gêneros textuais de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva

Gênero textual	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversa espontânea	X		X		A
Artigo científico		X		X	D
Notícia de TV	X			X	C
<b>Listas de discussão</b>		<b>X</b>	<b>X</b>		<b>B</b>

Fonte: Adaptada de Marcuschi (2001).

Considerando os quatro gêneros textuais exemplificados na tabela 1, vemos que o gênero textual **listas de discussão** situa-se no ponto intermediário, no domínio “b”, identificado tanto com a oralidade, uma vez que possui concepção discursiva oral, quanto com a escrita, pois se manifesta por meio da produção gráfica, como já demonstrado no gráfico 2 do *continuum* fala e escrita.

Marcuschi e Xavier (2010), porém, apresentam-nos parâmetros específicos para a caracterização de gêneros, em particular, do gênero emergente listas de discussão, embora advirtam que se trata de uma proposta ainda incipiente e merecedora de maior sistematização. Assim, aportando-nos na caracterização do gênero, apresentada pelos autores, temos no quadro a seguir os parâmetros propostos:

Quadro 1- Parâmetros para identificação do gênero textual emergente listas de discussão

Dimensão	Aspecto	Traços
Relação temporal	Síncrona	-
	Assíncrona	+
Duração	Indefinida	-
	Rápida	?
	Limitada	+
Extensão do texto	Indefinida	-
	Longa	-
	Curta	+
Formato textual	Turnos encadeados	-
	Texto corrido	-
	Sequências soltas	-
	Estrutura fixa	+
Participantes	Dois	-
	Múltiplos	+
	Grupo fechado	+
Relação dos participantes	Conhecidos	+
	Anônimos	-
	Hierarquizados	-
Troca de falantes	Alternada	-
	Inexistente	+
Função	Interpessoal	+
	Lúdica	-
	Institucional	+
	Educacional	+
Tema	Livre	+
	Combinado	+
	Inexistente	-
Estilo	Monitorado	+
	Informal	-
	Fragmentário	-
Canal/Semioses	Só texto escrito	+
	Oral e escrito	-
	Texto e imagem	-
	C/ paralinguagem	-
Recuperação de mensagens	Por gravação	+
	Voláteis	-

Fonte: Adaptado de Marcuschi e Xavier (2010)

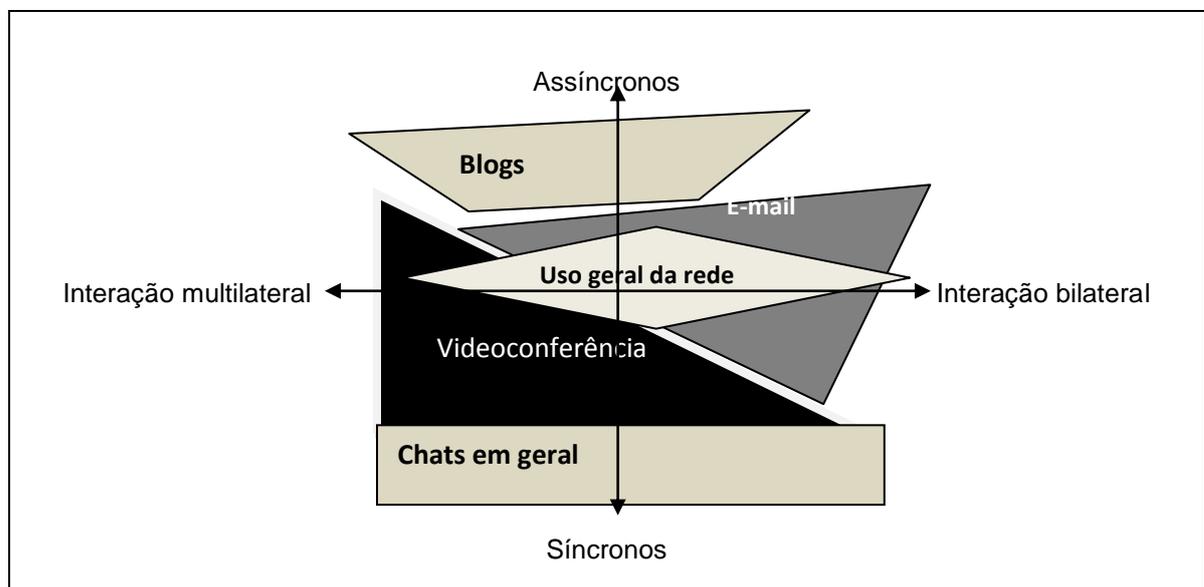
**Legenda:** Sinais para marcação dos traços: +=presença; - = ausência; 0 = irrelevância do traço para definição do gênero; ? = indefinição quanto à presença e relevância.

Tomando o gênero listas de discussão dentro dos parâmetros propostos por Marcuschi e Xavier (2010), os próprios autores propõem um contínuo entre os gêneros virtuais emergentes, com base em dois eixos:

(a) o eixo da comunicação **síncrona** versus **assíncrona**, ou seja, comunicação que se dá no tempo real (caso da comunicação face a face) e comunicação escrita (em geral defasada no tempo) e (b) o eixo da **comunicação multilateral** (de um para muitos, de muitos para um ou de muitos para muitos) e a **comunicação bilateral** (de um para um). (MARCUSCHI e XAVIER, 2010, p. 42)

A distribuição dos gêneros virtuais, entre os quais se encontram as listas de discussão, pode ser ilustrada por meio do gráfico 3, com base nos parâmetros apresentados para identificação dos gêneros nesse novo contexto.

Gráfico 3 - Perspectiva multidimensional do contínuo de gêneros da comunicação digital



Fonte: Marcuschi e Xavier (2010).

Conforme se observa no gráfico 3 apresentado, as listas de discussão encontram-se entre o eixo da comunicação assíncrona e o eixo da interação multilateral, na base do uso geral da rede, num ponto de intermediário identificado tanto com a oralidade quanto com a escrita, reafirmando a noção de contínuo também para os gêneros emergentes, conforme postulado por Marcuschi (2001).

### 3.3 UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA NO CAMPO DA LINGUÍSTICA

Considerando que o fenômeno da repetição tem sido amplamente estudado em contextos textual-interativos, faremos um breve recorte das postulações teóricas do Interacionismo em Linguística, no sentido de melhor apreendermos o caráter interacional do estudo que empreendemos.

Como este trabalho se desenvolve com base na interação entre estudantes e professor-tutor em ambiente virtual de aprendizagem, parte-se do postulado de Bakhtin de que

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. (BAKHTIN, 2006, p. 115)

Conforme compreendemos no postulado estabelecido por Bakhtin (2006), a interação pode ser considerada uma realidade fundamental da linguagem que permite entender a relação entre dois ou mais interlocutores que estabelecem vínculos de cooperação e compartilhamento em termos de conversação.

Sobre o Interacionismo, Jubran (2002, p.131) apoia-se nas postulações teóricas de que “o interacional é inerente ao linguístico e de que a interação verbal resulta do exercício de uma competência comunicativa, que se concretiza por meio de textos”.

Para Koch (2009, p. 32-33), na concepção interacional da língua, sob a perspectiva dialógica, em que “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos”. E nessa perspectiva, Koch (1997, p. 22) já afirmava que um texto abrange parte de atividades mais globais de comunicação e

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto, como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas depreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Conforme citado por Koch (1997), é necessário compreender o texto dentro de seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção, sinalizando para o fato de que sempre teremos mais de uma definição sobre texto ou daquilo que postula ser objeto da Linguística Textual.

Em Morato (2007, p. 315), encontramos uma observação que ajuda a clarificar a importância das postulações teóricas do interacionismo em linguagem. Para a autora,

Longe de ser ou se representar como um programa teórico definido no campo linguístico, o Interacionismo tem sido capaz de marcar a disposição de tomar a interação como uma das categorias de análise dos fatos da linguagem, e não sendo apenas o *locus* da linguagem como espetáculo. É esta qualidade (ou esta circunstância...) o que tornaria justificável sua inserção entre os movimentos teóricos que fazem a ciência da linguagem avançar.

Com essa ponderação, Morato (2007) indica que a interação e tudo o que é afeito a ela produz sentido, e o sentido é a produção da interação, fazendo com que a participação do outro seja necessária para construirmos o sentido daquilo que estamos dizendo.

Morato (2007) também alerta para muitas inadequações que podem ser atribuídas ao emprego do termo “interacionismo”. Segundo a autora, existem trabalhos sobre o tema que se mostram, entre si, muito distintos. Por essa razão, destaca que o simples uso do termo “Interacionismo” não é suficiente para qualificar um trabalho como pertencente a uma reflexão interacionista. Nesse aspecto, frisa a necessidade de delimitação do conceito de interação que, segundo a autora,

requer que pensemos de alguma forma em um de seus traços definidores mais expressivos, ligado à ideia de influência recíproca; em segundo lugar, ele nos convida a pensar em algo compartilhado de forma reflexiva (isto é ação). Porém, como bem nota Vion em seu livro “La communication verbale – Analyse des interactions” (1992), essa definição não marca nenhuma diferença entre forças conversacionais, transações financeiras, jogos amorosos ou lutas de boxe. De todo modo, ela é capaz de indicar que toda empreitada ou ação do sujeito no mundo se inscreve num quadro social, submete-se às regras de gestão histórico-cultural, não é nunca ideologicamente neutra. (MORATO, 2007, p. 315-316)

Nos estudos conversacionais, temos em Marcuschi (2001) contribuições importantes desta perspectiva. Para o autor, a vantagem do Interacionismo está em “perceber com maior clareza a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real.” (MARCUSCHI, 2001, p. 33).

Contudo, pondera Marcuschi (2001) que esta visão possui baixo potencial explicativo e analítico, principalmente, quanto aos fenômenos sintáticos, fonológicos, estratégias de produção e compreensão textual, razão pela qual propõe uma fusão de visões e postulados que poderiam proporcionar resultados mais seguros e com maior adequação empírica e teórica, tais como a Análise da Conversação, a Linguística Textual e a visão variacionista.

Como reitera Morato (2007), os estudos oriundos da Análise da Conversação, da Linguística Textual, da Análise do Discurso e das teorias enunciativas rompem com o quadro programático desenhado nos anos de 1960, quando do surgimento do Interacionismo, elevando-o à condição de princípio explicativo dos fatos de linguagem e incluindo-o nos domínios da Linguística.

Assim, considerando que este estudo volta-se à ocorrência do fenômeno entre sujeitos interactantes em ambiente virtual de aprendizagem, os aportes teóricos do Interacionismo em Linguística serão fundantes para melhor apreendermos o caráter interacional da repetição, figurando, como afirma Marcuschi (1992), entre os mecanismos mais presentes na produção, condução e compreensão do texto em contextos interacionais.

Neste sentido, deixamos, então, clara a concepção de linguagem adotada, enquanto fenômeno interativo que supõe, também, a noção sobre o papel da língua, da sociedade, dos falantes, enfim, de todas as relações sociais que permeiam a linguagem. Dessa forma, partimos de uma concepção que vê a língua como lugar de interação social, no qual

os indivíduos não apenas expressam seus pensamentos, comunicam-se, mas também, atuam sobre o outro, agem sobre o outro, modificando e construindo os objetos do discurso, produzindo interacionalmente os sentidos dos textos, criando mundos via linguagem, constituindo-se mutuamente ante o mundo e o outro. (ANDRADE, 2006, p. 24).

É nesse aspecto que podemos citar novamente o pensamento bakhtiniano sobre a noção de interação, a partir do qual

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p. 125).

Como podemos observar, Bakhtin (2006) não só postula acerca do fenômeno social da interação, mas também redimensiona o próprio objeto de estudo da Linguística, quando nega o excesso estruturalista e a natureza psíquica e individual da linguagem. Nesse ponto ainda, a negação bakhtiniana da enunciação monológica levanta outra questão que nos ajuda a compreender de forma mais ampliada o dialogismo para além da noção de interação:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006, p. 125).

As questões postuladas pelo autor sobre a natureza essencialmente dialógica da linguagem redirecionam o foco das discussões sobre a língua. Nesse sentido, “o papel do outro e da estrutura social com os quais o indivíduo dialoga faz com que a língua seja essencialmente dialógica.” (ANDRADE, 2006, p. 35). Também, ao ampliar o conceito de dialogismo, Bakhtin (2006) dá o mesmo tratamento aos textos que se realizam tanto na modalidade oral quanto na escrita.

Dessa maneira, as noções de dialogismo e interação são fundamentais para prosseguirmos na análise das produções assíncronas em lista de discussão de ambiente virtual de aprendizagem. Essas produções da escrita virtual configuram uma esfera muito específica da comunicação e, portanto, a proposta bakhtiniana e a concepção interacionista apresentam-se como mais apropriadas para nos ajudar na interpretação do fenômeno da repetição nesses novos contextos da CMC.

### 3.4 OS ESTUDOS DA REPETIÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Nesta sessão, faremos uma abordagem dos estudos mais significativos realizados no Brasil que enfocam o fenômeno com base nos aportes teóricos defendidos por Tannen (1987, 1989) e teóricos contemporâneos. Inicialmente, podemos destacar o trabalho de Koch (2001) sobre a repetição e suas peculiaridades no português falado no Brasil que, entre outros aspectos, investiga as peculiaridades de ordem lexical, sintática e discursiva.

Outro trabalho considerado importante pode ser encontrado em Mariângela Oliveira (1996) que realiza descrição e interpretação do fenômeno com ênfase nos aspectos funcionais. Citam-se, ainda, os trabalhos de Castilho (2004, 2010), nas obras “A língua falada no ensino do português” e “Gramática do Português Brasileiro”, nas quais o autor enfoca o fenômeno como fundamental para os processos de interação, na criação textual e na constituição da sentença em língua falada.

Dentre os estudos que se apresentam acerca da repetição, optou-se por selecionar quatro trabalhos importantes sobre o fenômeno e que estão fundamentados em Marcuschi (1992), Bessa Neto (1991), Koch (2001) e Silva (2001), cujas linhas teórico-metodológicas harmonizam-se e das quais emergem parâmetros muitos próximos de análise que nos ajudaram neste trabalho.

O modelo teórico Marcuschi (1992) abarca as dimensões de forma e função, considerando três conjuntos de fatores, quais sejam: *dimensão*, *aspecto* e *marca*. A seguir, apresentamos o quadro geral da tipologia empregada pelo autor, com o propósito de dar uma visão panorâmica do aparato teórico desenvolvido:

Quadro 2 – Relação geral dos fatores tipológicos da repetição

DIMENSÃO	ASPECTO	MARCA
FORMA	Produção	autorrepetição heterorrepetição
	Segmento	fonema morfema lexema sintagma oração
	Distribuição	contiguidade proximidade distância
	Configuração	literal variação
FUNÇÃO	Texto Discurso	Coesão compreensão tópico argumentatividade interação

Fonte: Marcuschi (1992).

O primeiro conjunto de fatores, denominado *dimensão*, compreende os níveis mais genéricos das operações linguísticas e discursivas, que são a *forma* e a *função*. Em seguida, o outro conjunto de fatores, representado pelo *aspecto*, perpassa os alcances formais e funcionais, sendo que, dentro da *dimensão* forma, estão compreendidos aspectos relativos às manifestações de repetição caracterizadas como *produção*, *segmento*, *distribuição* e *configuração*. O terceiro conjunto de fatores caracteriza-se por ser um nível de maior particularização do fenômeno, os quais, segundo afirma Silva (2001), estão muito próximos dos passos metodológicos adotados por Bessa Neto (1991), principalmente, considerando a dimensão formal.

Na dimensão funcional, a proposta de Marcuschi (1992) compreende os aspectos textual e discursivo separadamente. Para o autor, o nível textual é aquele no qual o fenômeno linguístico emerge na superfície do texto. Já o aspecto discursivo compreende as relações estabelecidas na enunciação, vinculadas mais especificamente à compreensão e aos fenômenos interativos.

Para o presente trabalho, ao abordarmos a dimensão funcional, faremos uma análise conjunta do aspecto textual-discursivo, analisando-o globalmente, uma vez que entendemos as duas categorias dentro de um mesmo contexto das interações em comunicações assíncronas estudadas neste trabalho.

Quanto à dimensão *formal*, delimitaremos nossas análises nos segmentos lexical, sintagmático e oracional, ou seja, nas repetições que se apresentam em segmentos discursivos acima do nível morfemático. Em relação ao aspecto *configuração*, que compreende a *marca* literal e a *marca* com *variação*, adotaremos a nomenclatura *simples e complexa*, respectivamente, adotada por Hoey (1991) *apud* Silva (2001) e Bessa Neto (1991).

Outra importante contribuição no campo da linguística textual que fundamenta a presente pesquisa é a proposta teórica de Bessa Neto (1991) que se volta à investigação do fenômeno em nível lexical por meio de um modelo de 'cruzamento cumulativo' de traços básicos pertinentes à forma, que permite identificar um número expressivo de tipos de repetição dentro de uma matriz, representada no esquema 2.

Esquema 2 - Tipos formais de repetição pela combinação sucessiva de traços

			Simplex
		Contígua	Complexa
			Simplex
	Lexical	Próxima	Complexa
			Simplex
		Distante	Complexa
			Simplex
		Contígua	Complexa
			Simplex
Autorrepetição / Heterorepetição	Sintagmática	Próxima	Complexa
			Simplex
		Distante	Complexa
			Simplex
		Contígua	Complexa
			Simplex
	Oracional	Próxima	Complexa
			Simplex
		Distante	Complexa
			Simplex
			Complexa

Fonte: Adaptado de Bessa Neto (1991).

Conforme se observa no esquema 2, com o levantamento formal de todos os tipos de repetição, é possível chegar à combinação de trinta e seis tipos possíveis de repetição, sendo dezoito de autorrepetições e dezoito de heterorrepetições.

Em relação à análise dos tipos funcionais, identificados por Bessa Neto (1991), a autora identifica três fatores: significação, produção e conexão. Na

distribuição final dos parâmetros, Bessa Neto apresenta um quadro geral de dez funções identificadas de repetições: **a) fator significação:** (1)intensificação; (2)reforço; **b) fator produção:** (3) vacilação, (4) reaparição, (5) elaboração; **c) fator conexão:** (6) temporalização, (7) desdobramento, (8) catálise, (9) índice e (10) tematização.

Finalmente, outro importante estudo a ser citado foi o realizado por Silva (2001) cujo tema, inspiração de nosso trabalho, versa sobre a repetição em produções narrativas orais e escritas de pré-adolescentes brasileiros e mexicanos, demonstrando tratar-se de um universal linguístico, uma vez que também em espanhol o fenômeno mostrou-se frequente. A proposta teórica de Silva (2001) segue os mesmo parâmetros de Marcuschi (1992) e Bessa Neto (1991), pois como esclarece a própria autora:

O modelo teórico de Marcuschi, junto com a proposta de Bessa Neto [...], constituem os pilares básicos para a análise que se propõe das formas e funções da repetição no discurso narrativo oral e escrito de jovens brasileiros e mexicanos. (SILVA, 2001, p. 62).

A autora, ao partir do modelo teórico de Marcuschi (1992), conjugado ao de Bessa Neto (1991), apresenta sua própria tipologia funcional, no intuito de explicar uma *plurifuncionalidade* dos segmentos em repetição.

O quadro 3 resume os componentes que Silva (2001) considera necessários levar em conta para encontrar os tipos formais e identificar as funções do fenômeno, tanto em textos orais quanto em textos escritos.

Quadro 3 - Traços básicos da repetição

ENFOQUE	DOMÍNIO (componentes)	REALIZAÇÃO
<b>Forma</b>	Produção (fonte)	autorrepetição heterorrepetição
	segmentação (nível)	lexical sintagmático oracional
	distribuição (posição)	contígua próxima distante
	configuração (caracterização)	simples complexa
<b>Função</b>	<b>Conexão</b> (coesão e formulação) <b>Interação</b> (envolvimento e avaliação) <b>Processamento</b> (produção e compreensão)	

Fonte: Silva (2001)

Conforme se observa no quadro 3, Silva (2001) considera os seguintes domínios pertinentes à forma: produção, segmentação, distribuição e configuração. No aspecto da *realização*, a autora segue um caminho similar ao quadro teórico de Marcuschi (1992) e Bessa Neto (1991), com pequenas adaptações, como a opção pela nomenclatura *R* simples e *R* complexa para a denominação da configuração das repetições literais e com variação, o que também consideramos mais adequado para utilização terminológica em nosso estudo.

### 3.5 OS TIPOS DE REPETIÇÃO QUANTO À FORMA E À FUNÇÃO

Para procedermos à identificação, classificação e análise da repetição, seguiremos neste estudo, em linhas gerais, a proposta de Marcuschi (1992) na qual propõe aspectos formais, textuais e discursivos do fenômeno. Destacamos, porém, que algumas adaptações ao modelo teórico proposto pelo autor serão consideradas, uma vez que entendemos como pertinente conjugá-lo com a proposta de Bessa Neto (1991), seguida da proposta de Koch (2001) para uma análise integral de abordagem textual-discursiva (2008) e, ainda, da proposta de análise funcional de Silva (2001). Os quadros 4 e 5 estão organizados conforme os aspectos utilizados

por Marcuschi (1992) e em cujas bases situamos nosso trabalho. Destacamos, no quadro 4, a adaptação à nomenclatura R simples e R complexa, conforme explicitado no quadro 3, para a denominação que adotamos neste estudo da configuração das repetições.

Quadro 4 - Aspectos formais da repetição

Aspecto	Marca
Autorrepetição Heterorrepetição	Produção
Segmento	Lexical Sintagmático Oracional
Distribuição	Contígua Próxima Distante
Configuração	Simples Complexa

Fonte: Adaptado de Bessa Neto (1991), Marcuschi (1992) e Silva (2001).

Em relação ao domínio da *produção*, Marcuschi (1992) e Silva (2001) indicam dois processos relacionados à repetição, considerando o componente fonte discursiva. São elas: a autorrepetição - quando a *M* e a *R* são produzidas pelo mesmo emissor-, e a heterorrepetição- quando o elemento repetido é produzido pelo segundo emissor.

Quanto ao *segmento*, delimitaremos nossa análise nas marcas segmentais nos níveis lexical, sintagmático e oracional, portanto, acima do nível morfemático. Para Marcuschi (1992, p. 51), este aspecto “é um dos mais importantes porque determina a base geral da tipologia”, uma vez que o segmento repetido traz como marcas as unidades estruturais da língua.

No que concerne ao *aspecto distribuição*, estamos seguindo as terminologias de Marcuschi (1992) que se harmonizam com as de Bessa Neto (1991) e Silva (2001), que propõe a distribuição no texto de acordo com a sua contiguidade, proximidade e distanciamento. Em linhas gerais, essa distribuição compreende os

seguintes princípios de classificação: a *R contígua* é a repetição que ocorre linearmente adjacente e, geralmente, dentro dos limites de fronteira de construção e na mesma unidade de informação. A *R próxima* é a reaparição de elementos repetidos sempre em construções diferentes, que pertencem a unidades de informação distintas, mas fazem parte do mesmo foco temático a respeito do qual se está falando. E a *R distante* ocorre quando um segmento linguístico reaparece no texto depois que um detalhe, que já havia sido mencionado, é retomado, reaparecendo na recuperação do tópico discursivo.

O aspecto *configuração*, segundo Marcuschi (1992), é pertinente à relação existente entre um segmento repetido e a sua matriz. Esse tipo de repetição pode ser classificado como literal (repetição idêntica à matriz) ou com variação (com algumas alterações de forma e conteúdo). Neste estudo, porém, optamos por empregar a terminologia proposta por Hoey (1991) *apud* Silva (2001) que define esse segmento como *R simples* e *R complexa*, o que consideramos como mais harmonizada ao estudo ao qual nos propusemos nesse trabalho.

Assim, a *R simples* pressupõe a ocorrência sempre que um segmento reaparecer dentro de um texto, sem maiores alterações que as previstas dentro de seu paradigma gramatical fechado, tais como variação de gênero e número. Já a *R complexa* ocorre quando dois elementos compartilham o mesmo morfema, apesar de não serem formalmente idênticos, ou quando são formalmente idênticos, embora possuam funções gramaticais diferentes.

Em relação ao aspecto *segmento*, Marcuschi (1992, p. 109, grifo do autor) considera as marcas segmentais em sua tipologia como:

- a. *repetições fonológicas (aliteração, alongamento, entoação etc.);*
- b. *repetições de morfema (prefixos, sufixos etc.);*
- c. *repetições de itens lexicais (geralmente N e V);*
- d. *repetições de construções subordinacionais (SN, SV, SPrep, SAdj, SAdv);*
- e. *repetições de orações .*

Em razão dos limites de nosso trabalho, abrangeremos as marcas relacionadas aos segmentos lexical, sintagmático e oracional, portanto, em segmentos discursivos acima do nível morfemático.

Em Silva (2001), temos a caracterização da *R lexical* como a reaparição de palavras autônomas ou independentes, tais como substantivos, verbos, adjetivos e advérbios. As *R sintagmáticas* caracterizam-se como um sintagma que representa uma unidade linguística composta por duas partes dotadas de relações internas específicas. Finalmente, as *R oracionais* constituem um núcleo verbal responsável pelas relações predicativas. Marcuschi (2002, p.113) aponta que certa dificuldade na distinção de *R lexicais* é “saber distinguir entre a repetição de uma forma e a repetição de um mesmo referente [pois] continuidade referencial e continuidade contextual não se equivalem.”

Outra situação problemática observada por Marcuschi (2002) e Silva (2001) dá-se em relação às *R sintagmáticas* que

às vezes [...] parecem com as *R lexicais* e, de fato, há itens lexicais que são constituintes sintagmáticos plenos, como por exemplo um SN sujeito composto apenas pelo nome; e às vezes têm o aspecto de *R oracionais* podendo ser mesmo orações reduzidas ou com elisões (MARCUSCHI, 2002, p. 113)

Silva (2001, p.117), ainda sobre o domínio segmentação, também pondera que podem surgir situações em que é difícil determinar o nível de segmentação, no caso de repetição de formas verbais, “principalmente quando a forma verbal repetida aparece sozinha, constituindo por si só uma oração”. Nesse caso, a dúvida quanto ao fato de se tratar de uma *R lexical*, *sintagmática* ou *oracional*, pode, no caso específico, ser sanada por meio da adoção de um “critério *ad hoc*” que similar àquele tomado por Marcuschi (1992) para distinguir a *R lexical*, de *sintagmática* e *oracional*, especificamente, nos casos:

em que formas verbais aparecem isoladas, sem nenhum outro elemento quando repetidas, vão ser sempre considerados como *R-lexical*. A preferência pelo nível lexical, em lugar do estrutural, sustenta-se com base na seguinte decisão metodológica: examinar as ocorrências da *R* tomando sempre, como ponto de observação inicial, o nível imediatamente inferior dentro da hierarquia das unidades linguísticas: palavra → sintagma → oração. (SILVA, 2001, p. 118)

Nesse caso citado, a autora justifica que o critério adotado é o de extensão física e não o da função sintática do segmento repetido e, ainda, considera a adoção

de um critério que leva em conta o nível mais acessível na hierarquia das unidades linguísticas que é a palavra.

Apresentados os domínios formais, conforme Marcuschi (1992), iremos abordar as funções textual-discursivas, ainda segundo os parâmetros delineados por Marcuschi (1992, 2002), no entanto consideradas em sua globalidade, já que, como lembra Tagliaferre (2008, p.46) as funções textual e discursiva “entrelaçam relações entre as suas diversas partes e entre cada uma delas com o todo, reconhecendo-se o papel da dimensão enunciativa e do contexto particular em que ocorre a repetição.”

Marcuschi (1992, 2002) ao trabalhar as *funções textuais* e *discursivas* separadamente, considera que as funções textuais estariam enquadradas na categoria de produção, dessa forma, relacionadas às atividades do falante. Já as funções discursivas, por outro lado, estariam ligadas especificamente à compreensão, à argumentação e à interação.

Neste estudo, ao optar-se pela junção das duas categorias, entender-se-á *produção* e a *compreensão* unidas num mesmo contexto de interação. O quadro 5 representa as funções textual-discursivas quanto à repetição.

Quadro 5 - Funções textual-discursivas da repetição

<b>Processos</b>	<b>Funções</b>
Coesão	Sequenciação Referenciação
Formulação	Reconstrução de estruturas Correção Expansão Parentização
Compreensão	Intensificação Reforço Esclarecimento
Argumentação	Reafirmação Contraste Contestação
Interação	Monitoração da tomada de turno Ratificação do papel do ouvinte Incorporação Responsividade

Fonte: Adaptado de Marcuschi (1992) e Tagliaferre (2008)

Para Marcuschi (1992), as funções discursivas constituem uma classe das funções das repetições. Elas se reportam ao papel de facilitadoras da compreensão,

na condução do tópico discursivo, na argumentação e na interação. Segundo o autor, em se tratando das funções discursivas, cada uma dessas marcas representa uma determinada função, pois

No plano discursivo, a repetição tem um número mais expressivo de funções e colabora para: *compreensão* (intensificação, esclarecimento); continuidade tópica (amarração, introdução, reintrodução, delimitação); argumentatividade (reafirmação, contraste, contestação); interatividade (monitoração da tomada de turno, ratificação do papel do ouvinte, incorporação). (MARCUSCHI, 2002, p. 117)

Conforme explicita Tagliaferre (2008), quanto ao processo *compreensão*, as repetições exercem a função de *intensificação* especialmente quando ocorrem em distribuição *contígua* ou *próxima*, com marca de *autorrepetição*. A repetição por *reforço* visa melhorar e ou reforçar o que foi dito na primeira entrada do segmento discursivo matriz; a repetição por *esclarecimento* figura como um comentário, deixando mais explícito o que foi dito no segmento matriz.

Quanto à função coesão, para Marcuschi (2002) este é um princípio básico na composição textual, pertinente ao “encadeamento intra- e inter-frástico no plano da co-textualidade e pode ser vista [...] em duas perspectivas: a coesão sequencial e a referencial.” (MARCUSCHI, 2002, p. 117).

Em seus estudos sobre a função dos mecanismos de coesão na composição textual, Koch (2002) sugere como coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto remete a outro(s) elemento(s) do universo textual. A coesão sequencial, conforme esclarece Koch (2002), reporta-se a uma relação que engloba procedimentos linguísticos pelos quais se estabelecem diversos tipos de relações semânticas e ou pragmáticas entre segmentos do texto à medida que esse texto avança.

A função de *formulação*, como lembra Tagliaferre (2008, p. 47) “está relacionada às estratégias utilizadas pelo falante para dar suas contribuições [...], uma das maneiras de formular é reformular, como, por exemplo, nas correções, nas expansões e nas reconstruções.” Estas funções podem ser de:

*Reconstrução de estruturas* – trata-se de “uma repetição em que os elementos anteriores são aproveitados para formar uma estrutura completa”. (MARCUSCHI, 2002, p. 121). Marcuschi (2002) destaca que essas formas repetidas

formam verdadeiros *amalgamas sintáticos* (grifo do autor), em que materiais linguísticos anteriores são aproveitados em outra construção nem sempre nova.

*Correção* – como lembra Tagliaferre (2008, p.48), em seu estudo sobre *As formas e funções da repetição no contexto das afasias*, a *correção* “é um procedimento que na maioria das vezes acarreta uma repetição do mesmo segmento com alguma modificação”. Tannen (1986, p. 622-625) *apud* Tagliaferre (2008, p. 48) destaca que “o sentimento de familiaridade é um dos efeitos de conversações ricas em correção. Corrigir é fazer passar, entre outras, uma ‘meta-mensagem de envolvimento pessoal.’”

*Expansão* – conforme Silva (2001, p.151) a R “com a função de expansão consiste na recuperação oportuna de um segmento linguístico, que favorece algum incremento novo de natureza informativa e, inclusive, avaliativa”. Tagliaferre (2008, p. 48) destaca que a expansão “freqüentemente, dá-se entre segmentos repetidos contiguamente duas ou mais vezes, até que o evento comunicativo seja concluído, sobretudo, como autorrepetição.”

*Parentização* – esta estratégia de formulação, conforme Marcuschi (2002, p.122), ocorre à “medida em que um certo início é interrompido, seguindo-se uma breve inserção textual, para logo ocorrer uma retomada do tópico com a repetição da última construção produzida antes da interrupção.”

Quanto à função de *argumentação*, este tipo de R serve de estratégia para reafirmar, contrastar ou contestar argumentos.

A *reafirmação*, conforme Tagliaferre (2008), geralmente apresenta-se com mais de uma ocorrência nas interações. “É comum que um interactante se autorrepita várias vezes e só pare quando obtiver uma heterorrepetição por parte do interlocutor, confirmando seu argumento.” (TAGLIAFERRE, 2008, p.48).

Quanto à função da R por *contraste*, esta opera com a transformação de “uma asserção em indagação que já está contrastando numa espécie de ‘efeito surpresa.’” (NORRICK, 1987, p. 252 *apud* MARCUSCHI, 2002, p.130).

Quanto à função por *contestação* no processo argumentativo, esta “serve para o interlocutor declarar sua discordância, contradizendo seu interlocutor e quase sempre acontece como uma heterorrepetição, embora não se excluam alguns casos com autorrepetição.” (TAGLIAFERRE, 2008, p. 49).

A função *por interação*, conforme afirma Tagliaferre (2008) diz respeito a repetições que se manifestam como monitoração de tomada de turno, ratificação do papel do ouvinte, criação de humor/ironia, incorporação e responsividade.

A *monitoração de tomada de turno* é a estratégia que se revela como uma “insistente repetição, em sobreposição de vozes, como se fosse um refrão” (MARCUSCHI, 2002, p. 133), visando a impedir que o interlocutor tome a palavra.

Em relação à *ratificação do papel do ouvinte*, Marcuschi (2002) destaca que esta função tem o objetivo de expressar a ideia de que o falante pode continuar com a palavra. Essa estratégia pode ser observada no uso de marcadores conversacionais tais como *sim, claro, ahã, sei*.

A R interativa que opera como função de *incorporação* ocorre quando “o falante parece estar com dificuldade (seja por problema de memória ou de conhecimento do assunto)” (MARCUSCHI, 2002, p.135), ou, ainda, como afirma Tagliaferre (2008, p.49) “a matriz proposta por um interlocutor for aprovada e incorporada na fala do outro, caracterizando-se como a realização de uma heterorrepetição”.

A R *responsiva* é definida, em termos gerais, como

pares adjacentes de pergunta/resposta, fundamentalmente norteadoras das heterorrepetições. Estas repetições costumam se dar em situação de interação em que há retomadas parciais ou totais de pergunta na resposta, ou seja, o falante pergunta, e o interlocutor responde. (TAGLIAFERRE, 2008, p. 49)

Neste capítulo, apresentamos os principais estudos que se voltam ao tema central deste trabalho, que trata do fenômeno linguístico na repetição, associando-o a um contexto de produção específico que é o do texto eletrônico escrito. No capítulo seguinte, apresentaremos os procedimentos empregados nesta pesquisa e os passos metodológicos.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo focaliza os aspectos metodológicos deste trabalho. Salientamos que os procedimentos que guiam nosso estudo norteiam-se pelas seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Quais as formas de repetição identificadas no texto eletrônico de alunos de EaD? Em que contextos de produção ocorre? Qual o estatuto linguístico predominante do fenômeno no texto? Como está distribuída a repetição no segmento discursivo? Qual a configuração em relação ao segmento projetado como sua matriz?
- b) Quais as funções textual-discursivas assumidas pela repetição? Qual a sua importância nos processos de produção e compreensão do texto escrito eletrônico? Como a repetição assume a função de mecanismo favorecedor da organização textual-discursiva?

Apresentadas as perguntas de pesquisa, a escolha metodológica fundamenta-se na predominância da abordagem qualitativa, com base na pesquisa descritiva documental, que contempla o registro das ocorrências do fenômeno, identificação e classificação dos tipos formais e funcionais encontrados e, finalmente, a análise dos dados coletados, de modo a sustentar o desenvolvimento do estudo. Dessa forma, o caminho metodológico da presente pesquisa seguiu os seguintes passos:

1º. passo: a escolha de 30 postagens em fórum de discussão de curso técnico em EaD do CETAM, para compor o *corpus* escrito; (amostra intencional, pela média de alunos da turma que corresponde a media de alunos da turma);

2º. passo: levantamento das características dos sujeitos envolvidos na pesquisa (idade, sexo, local de onde interagiram, número de interações, etc.) e da modalidade de educação a distância (as especificidades da EaD no Amazonas, o funcionamento do ambiente virtual de aprendizagem do CETAM, a dinâmica de uma sala de aula virtual, a organização e realização da atividade fórum de discussão, etc.);

3º. passo: registro, identificação e classificação dos tipos formais e funcionais de repetição, com base na aplicação do modelo analítico proposto pelos teóricos estudados;

4º. passo: análise e discussão dos resultados.

Todo o caminho metodológico deste estudo foi elaborado a fim de que cada etapa pudesse nos ajudar na busca das respostas às perguntas de pesquisa citadas anteriormente.

#### 4.1 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Para melhor compreensão das análises, descreveremos como foi organizado o *corpus* utilizado na presente pesquisa. A escolha do *corpus* deu-se, a começar, pela observação das postagens de alunos nas salas de aula virtuais, do ambiente virtual de aprendizagem (AVA), da Escola CETAM/EaD, quando atuamos na equipe de tutores a distância dos cursos técnicos de nível médio na modalidade de Educação a Distância, no ano de 2011.

Os dados coletados para compor o *corpus* pertencem ao acervo digital da Escola CETAM/EaD e foram autorizados para uso específico na presente pesquisa pela Direção da Escola, conforme Termo de Autorização constante no Anexo A deste trabalho (ver p. 136 ). A coleta foi realizada por meio de filtros de informação existentes no sistema acadêmico da secretaria escolar, denominado SISACAD, que se utiliza do *software* Moodle<sup>3</sup> como ferramenta de gerenciamento do espaço virtual de aprendizagem.

Como os dados analisados neste estudo já estavam transcritos, o que fizemos para constituir o *corpus* foi organizar as postagens dos interactantes de forma sequencial. O arquivo com todas as postagens que compõem o *corpus* da pesquisa constam no Apêndice B desta dissertação (ver p. 123-131).

Trata-se de um *corpus* escrito constituído de trinta textos extraídos do fórum de discussão “A importância da comunicação”, realizado pela turma especial do curso técnico de hospedagem, composta de vinte e nove alunos e um professor-

---

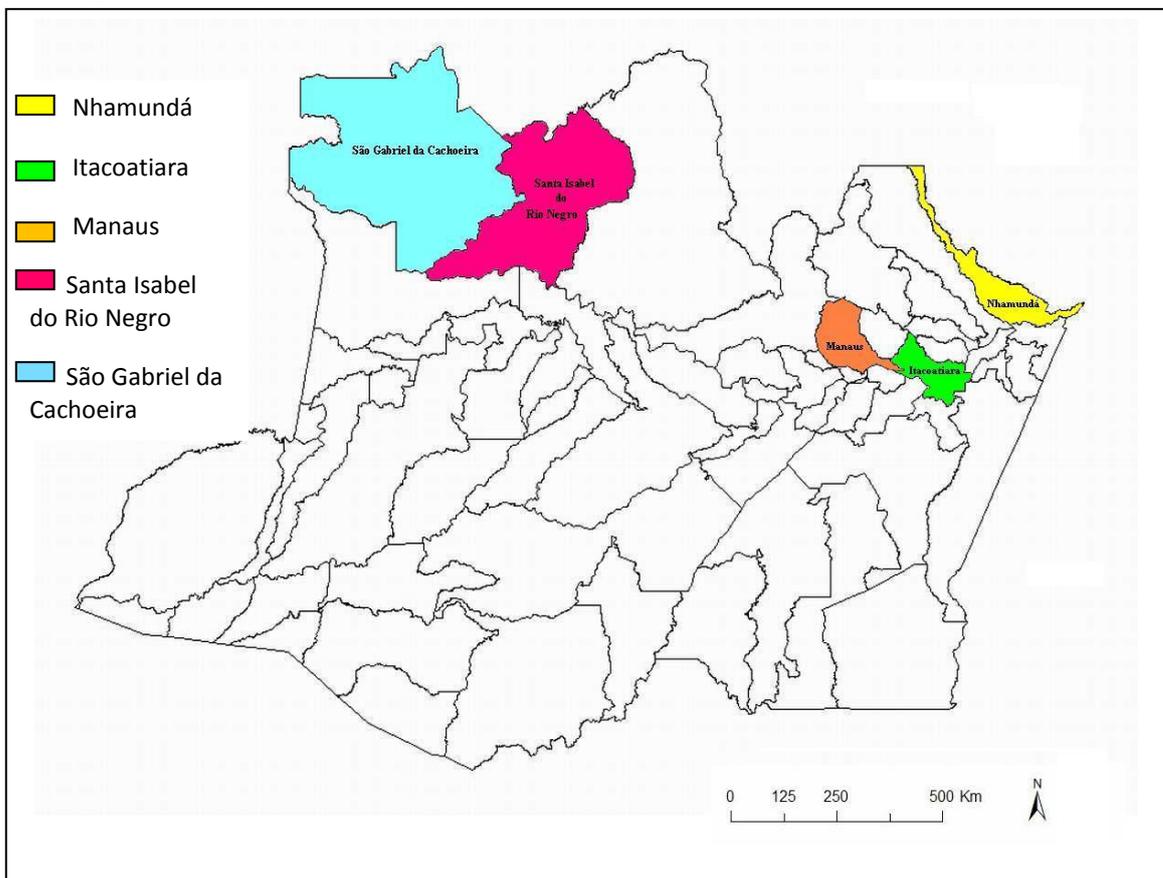
<sup>3</sup> Abreviação de *Modular Object-Oriented Dynamic learning Environment*. Trata-se de um software livre para produção e gerenciamento de conteúdos de ensino-aprendizagem.

tutor a distância, que interagiram no ambiente virtual de aprendizagem no período de 2 de junho a 4 de julho de 2011.

A denominação “especial” dada para identificar a turma do curso técnico em hospedagem foi empregada pela equipe de gestores acadêmicos da escola em razão de tratar-se de alunos matriculados em vagas remanescentes de processo seletivo anteriormente realizado e que foram disponibilizadas para nova seleção em processo seletivo aberto às comunidades onde estão instalados os polos de EaD da Escola, na capital e no interior do Amazonas.

Nesse sentido, a nova seleção resultou na formação de uma turma de estudantes bastante heterogênea do ponto de vista da distribuição geográfica dos alunos matriculados e, conseqüentemente, da constituição do *corpus*, uma vez que os locais de onde partiram as interações foram distribuídos nos seguintes municípios-polo: Itacoatiara, Manaus, Nhamundá, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. O mapa do Amazonas, apresentado na figura 1, traz em destaque os municípios-polo de onde partiram as interações.

Figura 1 - Mapa dos municípios do Amazonas



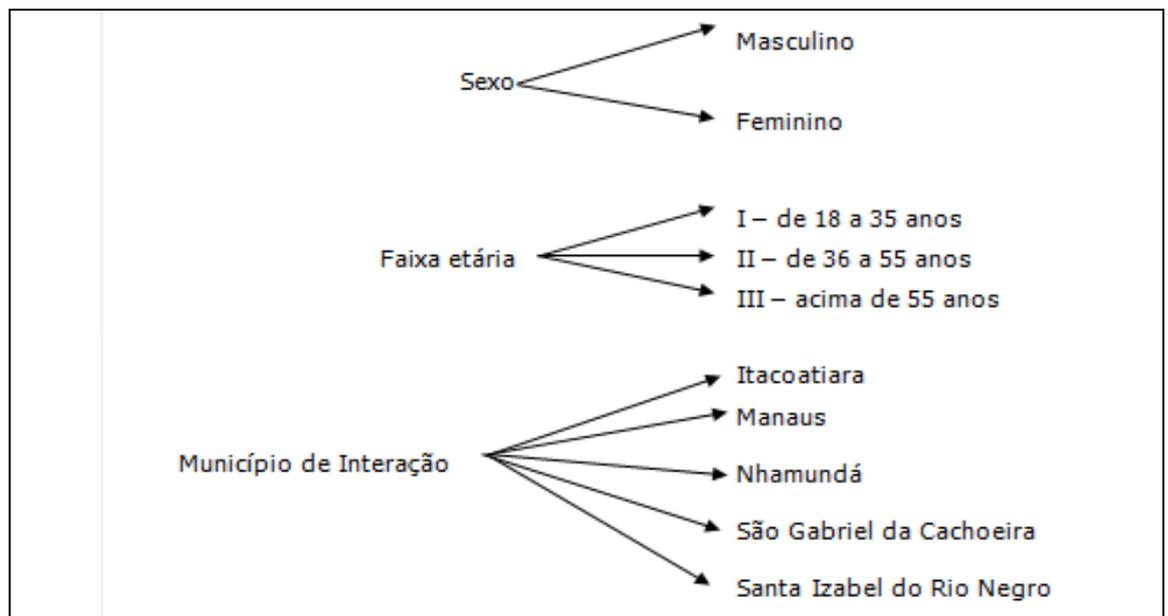
Fonte: Adaptado de Mapas para Colorir (2013).

Como se observa no mapa (figura 1), os municípios-polo de onde partiram as interações que constituem o *corpus* deste estudo estão distribuídos nos municípios de Itacoatiara, Manaus, Nhamundá, São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro. Para informações mais detalhadas sobre a caracterização geográfica, aspectos culturais e históricos dos municípios, bem como os mapas específicos dos municípios abrangidos neste estudo, consultar o Apêndice C desta dissertação (ver p. 132-136).

#### 4.2 PERFIL DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

Para um melhor esclarecimento sobre o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa, apresentamos, no esquema a seguir, o critério para identificação desse perfil, considerando o total de 30 textos coletados para compor o *corpus*. A configuração está apresentada no esquema 3.

Esquema 3 - Critério para identificação do perfil dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos critérios apresentados no Esquema 3, observamos que os sujeitos da pesquisa estão concentrados na primeira faixa etária (dos 18 aos 35 anos) que corresponde à faixa de interactantes mais jovens. Quanto ao sexo, são, em sua maioria, mulheres. Em relação ao município de onde provêm as interações, notamos que a maioria interagiu dos municípios de São Gabriel da Cachoeira e de Santa Isabel do Rio Negro. Como as amostras foram constituídas de textos que compuseram o *corpus* e, não, de sujeitos, o perfil dos interactante não foi determinante para a construção do *corpus*, mas, valendo-nos desses critérios, pudemos compreender melhor o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A Tabela 2 mostra-nos de forma mais detalhada os quantitativos e percentuais de participação dos interactantes por município, sexo e idade.

Tabela 2- Dados do perfil dos sujeitos da pesquisa

Município	Quantitativo	Sexo		Idade					
		M	F	1ª Faixa		2ª Faixa		3ª Faixa	
				M	F	M	F	M	F
Itacoatiara	1	0	1	0	1	0	0	0	0
Manaus	6	1	5	0	3	1	2	0	0
Nhamundá	3	0	3	0	3	0	0	0	0
São Gabriel da Cachoeira	15	2	13	2	7	0	6	0	0
Santa Isabel do Rio Negro	5	0	5	0	3	0	2	0	0
Total	30	3	27	2	17	1	10	0	0
								-	-

Fonte: Elaborado pela autora

De maneira geral, podemos inferir que do universo de trinta informantes, o perfil dos sujeitos da pesquisa é composto por estudantes entre 18 e 35 anos, do sexo feminino, cujas interações são provenientes da região do Rio Negro (São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro e Manaus).

### 4.3 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA

A Escola CETAM-EaD está situada no prédio anexo do Instituto Benjamin Constant (IBC), que é uma unidade descentralizada de Educação Profissional do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), autarquia pública estadual responsável pela execução das políticas de educação profissional e tecnológica no âmbito estadual, vinculada à Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia (SECT) e credenciada pelo Ministério da Educação (MEC) para a oferta de cursos técnicos de nível médio na modalidade de EaD.

Criada pela Portaria nº 016/2006 - GDG/CETAM, de 30/06/2006, a Escola de Educação Profissional a Distância (CETAM-EAD) foi concebida com a finalidade de potencializar a oferta de diversos cursos nas modalidades semipresencial e a distância, com vistas a facilitar as ações e o acesso aos cursos na modalidade de EaD, na área de educação profissional e tecnológica no Estado do Amazonas, por meio de diferentes recursos tecnológicos disponíveis.

Dentro de um contexto maior, a educação a distância é uma modalidade de ensino regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394, de 20 de dezembro 1996) e regulada pelo Decreto n.º 5.622, de 19/12/2005 que a caracteriza como

modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2005)

Conforme Mercado e Araújo (2010), com a popularização da modalidade de EaD, também cresceram as possibilidades de interação, reforçando a incorporação das tecnologias de informação e comunicação, em especial o computador e a internet, a processos educativos, favorecendo sempre a relação professor-aluno e (re)criando outras relevantes possibilidades pedagógicas que abrangem a interação síncrona e assíncrona.

#### **4.3.1 Características do ambiente virtual de aprendizagem e da plataforma de acesso à Escola CETAM-EaD**

Para dar suporte às suas atividades, a Escola CETAM-EaD utiliza o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que, conforme Pereira (2007), em termos conceituais, consiste em mídias que usam o ciberespaço para veicular conteúdos e permitir interações entre os atores do processo educativo. Já o ciberespaço figura como “um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (LÉVY, 1999, p. 17).

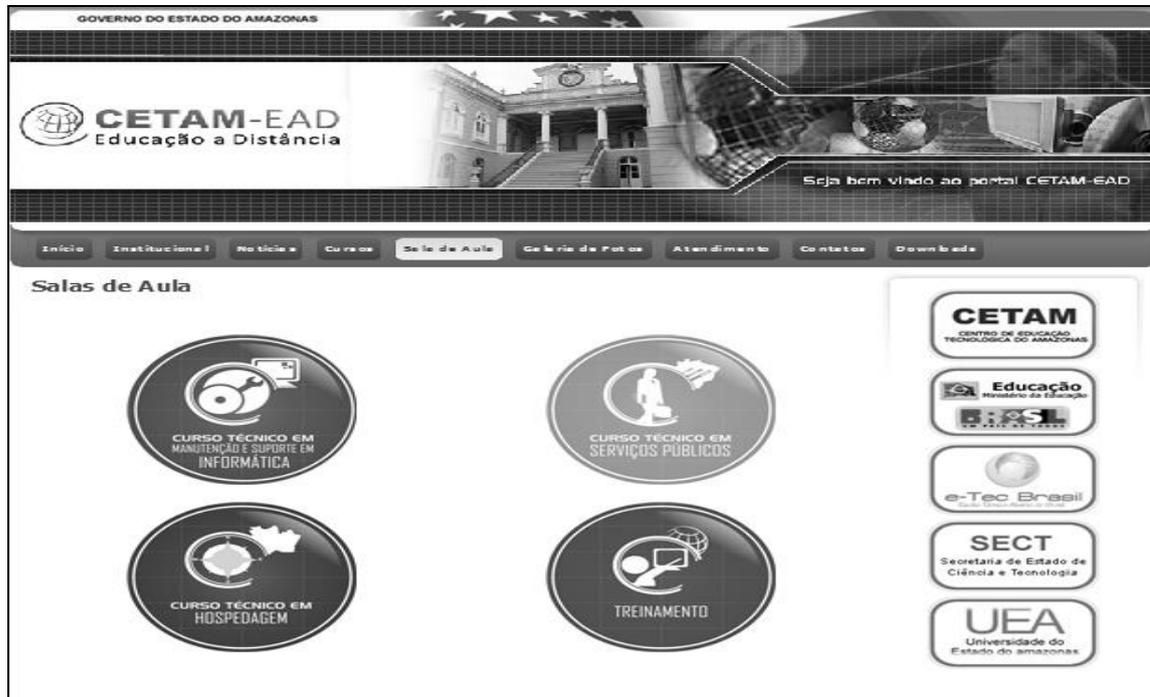
Para o gerenciamento de suas atividades no AVA, a Escola CETAM-EaD utiliza-se da plataforma de Software Livre Moodle que, como já fora explicitado, é um sistema para produção e gerenciamento de conteúdos de ensino-aprendizagem que permite integrar várias mídias, linguagens e recursos e apresenta informações organizadas para possibilitar a interação entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções, com fins de aprendizagem.

Conforme dispõe o Manual do Estudante de EaD do CETAM, para acessar o AVA da Escola CETAM-EaD, é necessário ter um computador interligado à Internet, com conexão discada de 56 kbps ou banda larga. O navegador de Internet (Browser) pode ser o Internet Explorer 6.0 ou superior, o Mozilla Firefox 3.0, Google Chrome 4.0 ou superior. O AVA suporta resoluções a partir de 800 x 600 pixels, porém é recomendável a resolução de 1024 x 768 pixels.

#### **4.3.2 O acesso ao ambiente virtual de aprendizagem**

Especificamente sobre o acesso à sala de aula virtual, é indispensável que o estudante esteja matriculado em um dos cursos técnicos do CETAM-EaD. Após a matrícula, a secretaria acadêmica da escola envia e-mail ao aluno, informando-lhe o nome de usuário e senha de acesso. De posse do nome do usuário e senha, o estudante acessa o site da escola (<http://ead.cetam.am.gov.br>) e entra na sala de aula virtual, clicando no *menu* Sala de Aula; depois disso clica no *link* do seu curso. A figura 2 ilustra as etapas de acesso.

Figura 2 – Página de acesso à sala de aula do AVA da Escola CETAM-EAD



Fonte: Manual do Estudante da Educação Profissional da Escola CETAM-EAD

Ao clicar no *link* do curso, aparecerá a tela com os campos “nome do usuário” e “senha” para serem preenchidos, conforme se observa na figura 3.

Figura 3 – Acesso à sala de aula de curso do AVA da Escola CETAM-EAD

Você ainda não fez o acesso (Acesso)

**CETAM-EAD**  
Educação a Distância

**SALA DE AULA**

e-Tec Brasil

CETAM EAD ► Acesso ao site

**Retornando a este site?**

Accesse aqui, usando seu Nome de Usuário e a sua Senha.  
(O uso de Cookies deve ser permitido no seu navegador)

Nome de usuário

Senha

Esqueceu o seu nome de usuário ou a sua senha?

**esta é a sua primeira vez aqui?**

Prezado(a) visitante,

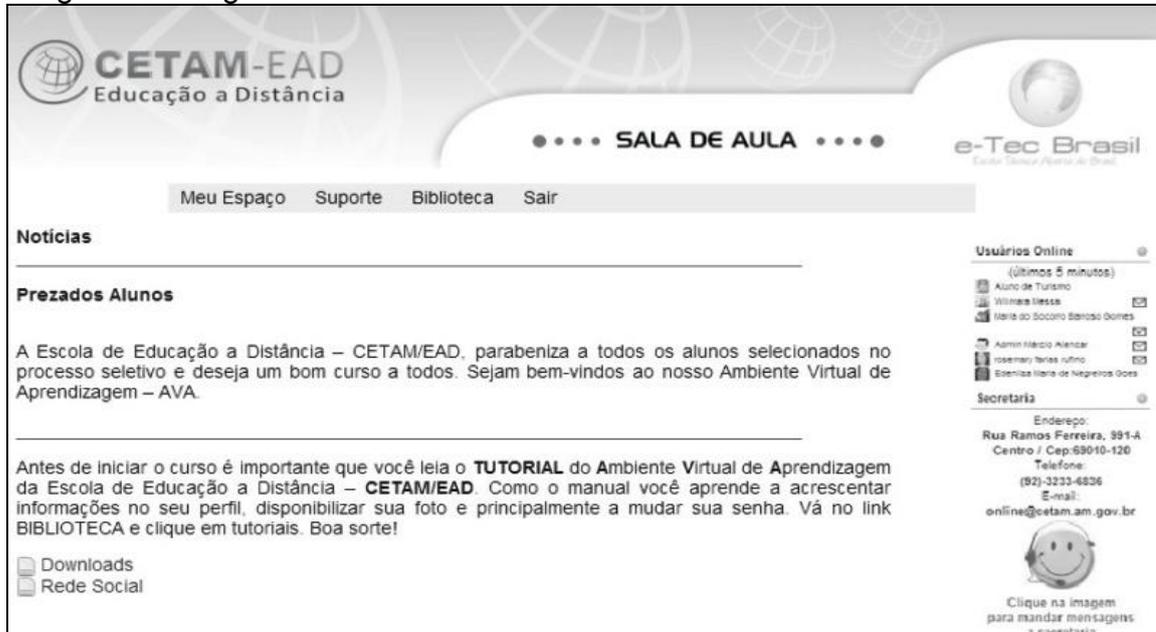
Para você acessar o AVA/CETAM EAD, é necessário estar matriculado em um dos nossos cursos.

© COPYRIGHT 2009 | CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO AMAZONAS | DESENVOLVIDO POR CETAM-EAD

Fonte: Manual do Estudante da Educação Profissional da Escola CETAM-EAD

Ao entrar no ambiente, o estudante terá acesso à página inicial do AVA, onde constam os principais *menus* para acesso aos objetos de aprendizagem, conforme apresentado na figura 4.

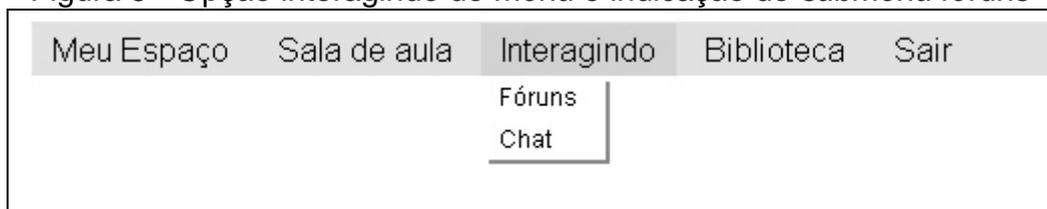
Figura 4 – Página inicial do AVA CETAM-EAD



Fonte: Manual do Estudante da Educação Profissional da Escola CETAM-EAD

A figura 4 mostra a página inicial do AVA, na qual o estudante visualiza o *menu* principal do ambiente, onde constam os principais *menus*: Meu Espaço, Suporte, Biblioteca e Sair. Especificamente no *menu* “meu espaço”, o estudante poderá acessar demais *submenus*, entre os quais o *submenu* “Interagindo”, onde estão disponibilizadas as ferramentas de interação, entre as quais, o fórum de discussão, objeto deste estudo, conforme demonstrado na figura 5.

Figura 5 - Opção interagindo do *menu* e indicação do *submenu* fóruns



Fonte: Manual do Estudante da Educação Profissional da Escola CETAM-EAD

Conforme se observa na figura 5, ao clicar no *menu* “interagindo”, o estudante tem mais dois *submenus*, onde estão disponibilizadas as ferramentas de

interação fóruns e *chats*. Ao clicar no *submenu* “fóruns”, abrem-se as opções de fóruns disponíveis que foram planejados para interação entre os estudantes. Vejamos a demonstração na figura 6.

Figura 6 - Fóruns disponíveis

Fóruns gerais				
Fórum	Descrição	Tópicos	Assinante	
Fórum de notícias	Noticias e avisos	1	Sim	
Fóruns para atividades de aprendizagem				
Seção	Fórum	Descrição	Tópicos	Assinante
1	Fórum I: Conte a sua Experiência no Trabalho	Procure lembrar a última vez que você passou por uma situação difícil por não ter seguido alguma regra social, como, por exemplo, tocar o seu telefone celular em uma reunião de trabalho. Avalie a repercussão do ocorrido na sua vida social ou profissional. Poste no fórum da unidade um ...	1	<input type="button" value="Não"/>
2	Fórum I: Erro do sistema de Informática	Procure lembrar-se de uma situação, profissional, ou pessoal que você, ou alguém que você conheça, tenha enfrentado, em que algum sistema de informática tenha errado e tenha com isso prejudicado alguém. Comente com seus colegas de classe no fórum da unidade a situação e como foi ...	1	<input type="button" value="Não"/>

Fonte: Manual do Estudante da Educação Profissional da Escola CETAM-EAD

Como demonstrado na figura 6, o estudante possui uma lista de fóruns disponíveis para participação. Nesta etapa, deverá clicar no nome do fórum selecionado para participação. Em seguida, aparecerá a opção “tema fórum”, com um texto norteador da atividade e a opção “responder”. A figura 7 mostra-nos como o estudante visualiza essa tela.

Figura 7 - Tema do fórum e *link* de acesso para resposta

 **Fórum I: Conte a sua Experiência no Trabalho**  
por : - quinta, 30 abril 2009, 10:57

**Procure lembrar a última vez que você passou por uma situação difícil por não ter seguido alguma regra social, como, por exemplo, tocar o seu telefone celular em uma reunião de trabalho. Avalie a repercussão do ocorrido na sua vida social ou profissional. Poste no fórum da unidade um texto sobre a experiência vivida.**

[Responder](#)

Fonte: Manual do Estudante da Educação Profissional da Escola CETAM-EAD

Conforme se observa na figura 7, o estudante, ao ter selecionado o fórum de que deseja participar, terá na tela um texto orientador do tema, o qual deverá ler com atenção e, depois, clicar no *link* “Responder” para opinar sobre o assunto, quando abrirá uma caixa de mensagens. A figura 8 ilustra como esse recurso é disponibilizado ao aluno.

Figura 8 – Espaço para resposta ao fórum

Fonte: Manual do Estudante da Educação Profissional da Escola CETAM-EAD

Finalmente, para responder ao fórum com a opinião sobre o assunto, o estudante deverá preencher o texto na caixa de mensagem. Outra funcionalidade dessa tela, conforme observamos na figura 8, é a opção de envio de arquivo anexo. Em nosso estudo, porém, essa opção não foi detectada em nenhuma das postagens. Para concluir o envio da resposta ao fórum, o estudante deverá clicar no botão “Enviar mensagem ao fórum”.

Feito o envio da mensagem, a participação do aluno é visualizada *online* pelos tutores que acompanham e auxiliam o estudante em seu processo de aprendizagem.

### 4.3.3 A atuação do professor e do tutor no AVA

De forma muito breve, vamos explicitar como ocorrem as ações da tutoria que, pela especificidade da EaD, acontecem de duas formas na Escola CETAM-EaD: tutoria a distância e tutoria presencial. Abordaremos, ainda, a atividade do professor de disciplina nessa modalidade que, também, tem particularidades de atuação.

#### 4.3.3.1 Tutoria a distância

A atuação na tutoria a distância é realizada por um tutor, responsável pela coordenação das atividades a distância, mediação da comunicação de conteúdos entre o professor e o estudante, estabelecimento de contatos com os estudantes, aplicação de avaliações a distância, apoio ao professor da disciplina nas atividades educacionais e acompanhamento das atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem- AVA.

Trazendo para realidade da Escola CETAM-EaD, percebemos que o papel do tutor a distância é fundamental no acompanhamento das atividades, principalmente, na motivação dos estudantes para a realização das tarefas, observando, de maneira muito atenta, as ausências dos alunos no AVA e, conseqüentemente, discutindo com a equipe pedagógica, com o tutor presencial e o professor da disciplina, estratégias para tornar a participação dos alunos mais expressiva e significativa.

A questão que gostaríamos de chamar a atenção, particularmente, trata das situações em que se observa a pouca participação do tutor a distância nas atividades, principalmente, nos fóruns e *chats*. Morgado (2001), ao abordar os modelos de ensino *online*, traz algumas contribuições para a compreensão desta situação que caracteriza como modelos de ensino mais centrados no professor, pois, segundo a autora,

Estes modelos tendem a efetuar uma transferência das técnicas, estratégias e métodos ao ensino presencial para o ensino *online*,

recorrendo às NTIC. Caracterizam-se por se centrarem mais no ensino do que na aprendizagem, apoiando-se num modelo de ensino baseado na transmissão de informação, adotando as mesmas estratégias de ensino agora mediatizadas por uma ferramenta tecnológica. (MORGADO, 2001, p. 5)

As observações de Morgado (2001) fazem sentido se comparadas às situações do ensino tradicional, denominado por Freire (1982) de educação bancária, como aquela que não estimula nos educandos a curiosidade, o espírito investigador e a criatividade, resultando numa posição passiva diante do ato de estudar.

Por outro lado, entendemos, também, que mesmo quando ocorre maior interação entre os interactantes, ainda assim caberia questionar até que ponto essa pluralidade de ideias seria importante para a construção do discurso dos estudantes. Nesse sentido, citamos Melo (2011) que invoca as contribuições da Análise do Discurso para a compreensão das questões acerca da noção de acessibilidade na internet:

Embora no ciberespaço cada sujeito seja efetivamente um potencial produtor de informação, a Análise do Discurso (AD) vai nos mostrar que mesmo que a rede abrigue uma pluralidade de ideias, de pontos de vista, isso não é suficiente para que haja uma democratização dos discursos. Não basta as ideias estarem lá depositadas, é preciso que elas circulem, que elas tomem corpo, que elas reverberem. Isto é, que elas entrem na ordem do discurso e não fiquem apenas “à deriva na superfície das águas”. (MELLO, 2011, p. 3).

Considerando os limites deste trabalho, não iremos nos aprofundar em análises sobre os rótulos do discurso (pedagógico e do aluno) nem mesmo na compreensão da construção de sentidos, mas acrescentamos, apenas, que esse lugar de onde o tutor a distância fala possa ter exercido influência na forma como os demais participantes do fórum se manifestaram quando instados a discorrer sobre o tema, pois dele pode ter dependido a maneira pela qual a percepção de cada sujeito apareceu ou não, como reflexo do lugar de onde o tutor fala.

Como observa *Ortega y Gasset* (1957) *apud* Tannen (1987), cada língua representa uma forma diferente de manifestações e silêncios e, também, cada pessoa deixa algo não dito, a fim de ser capaz de dizer o dos outros. Observaremos o reflexo dessa influência quando tratarmos mais adiante das

análises das formas do fenômeno e suas marcas textual-discursivas, especialmente, na função de interação, nos segmentos em heterorrepetição.

#### 4.3.3.2 Tutoria presencial

Realizada por um tutor presencial, essa forma de tutoria é responsável pela coordenação das atividades presenciais, mediação da comunicação de conteúdos entre o tutor a distância e o tutor presencial, estabelecimento de contatos com os estudantes, auxílio dos estudantes nas atividades presenciais, aplicação de avaliações presenciais, apoio ao professor da disciplina nas atividades educacionais e acompanhamento das atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem- AVA.

O tutor presencial, na estrutura geral de EaD, não é necessariamente um profissional formado na área do componente curricular no qual o aluno está matriculado. Esse profissional, de nível superior, atua no acompanhamento das atividades nos laboratórios de informática dos municípios-polo, dando orientações mais específicas sobre as funcionalidades do AVA, envio de tarefas ao tutor a distância e uso do laboratório. Como lembra Campos, Roque e Amaral (2007, p. 42), outro aspecto importante na atuação desse tutor em relação aos alunos é que “a eficiência de suas orientações pode encaminhar soluções para problemas como, por exemplo, a falta de atenção ou de motivação, que podem ocorrer no decorrer do processo”.

#### 4.3.3.3 Professor de disciplina

A figura do professor de disciplina corresponde, na modalidade de ensino presencial, ao professor regente de sala. Ele é o responsável pela sala de aula virtual e, auxiliado pelos tutores presencial e a distância, acompanha todas as etapas de execução do componente curricular, propondo, quando necessário, materiais de apoio e suplementares para estudo. Também é o responsável pela correção das avaliações presenciais dos estudantes.

O professor de disciplina tem uma importante atuação na seleção dos conteúdos, na construção dos objetos de aprendizagem disponíveis aos alunos e, principalmente, na orientação aos tutores presencial e a distância quanto ao

acompanhamento e realização das tarefas propostas. Considerando a abrangência dessas ações, podemos sintetizá-las de acordo com a proposta de Campos, Roque e Amaral (2007, p. 43) que categorizam “as competências da docência *on-line* em: técnicas e pedagógicas; gerenciais; socioafetivas; e tecnológicas”.

#### 4.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

O *corpus* utilizado contempla as formas e as funções da repetição que são identificadas a partir do modelo teórico proposto por Marcuschi (1992) para análise do fenômeno pela abordagem textual-interativa, com as contribuições de Bessa Neto (1991), Silva (2001) e Koch (2001), que fazem abordagem sob a perspectiva textual-discursiva.

Como os dados analisados foram extraídos diretamente do arquivo digital cedido pela escola, no qual constavam as postagens da lista de discussão, o que fizemos foi separar as ocorrências por segmentos discursivos, usando um sistema de identificação dos exemplos citados muito similar ao utilizado por Marcuschi (1992) e que será explicitado no item 4.5 deste trabalho. Embora a análise não tenha sido quantitativa, valemo-nos dos levantamentos estatísticos para identificar as formas de repetição contempladas no *corpus* e, assim, partirmos para uma análise qualitativa quanto às funções textual-discursivas presentes.

Assim, o registro, a identificação e a classificação dos tipos formais e funcionais do fenômeno deverão partir da aplicação do seguinte modelo analítico proposto pelos teóricos:

##### **I – Formas da repetição**

###### **GRUPO I – Produção**

- 1 - autorrepetição
- 2 - heterorrepetição

###### **GRUPO II – Segmento**

- 1 - lexical
- 2 – sintagmático
- 3 – oracional

###### **GRUPO III - Distribuição**

- 1 – contígua
- 2 - próxima

3 – distante

#### GRUPO IV – **Configuração**

- 1 – simples
- 2 – complexa

### **II – Funções Textual-discursivas da Repetição**

#### GRUPO V – **Coesão**

- 1 - sequenciação
- 2 - referenciação

#### GRUPO VI - **Formulação**

- 3 - reconstrução de estruturas
- 4 - correção
- 5 - expansão
- 6- parentização

#### GRUPO VII – **Compreensão**

- 7 – intensificação
- 8 - reforço
- 9 – esclarecimento

#### GRUPO VIII - **Argumentação**

- 10 - reafirmação
- 11 - contraste

#### GRUPO IX- **Interação**

- 12 - incorporação
- 13 - responsividade

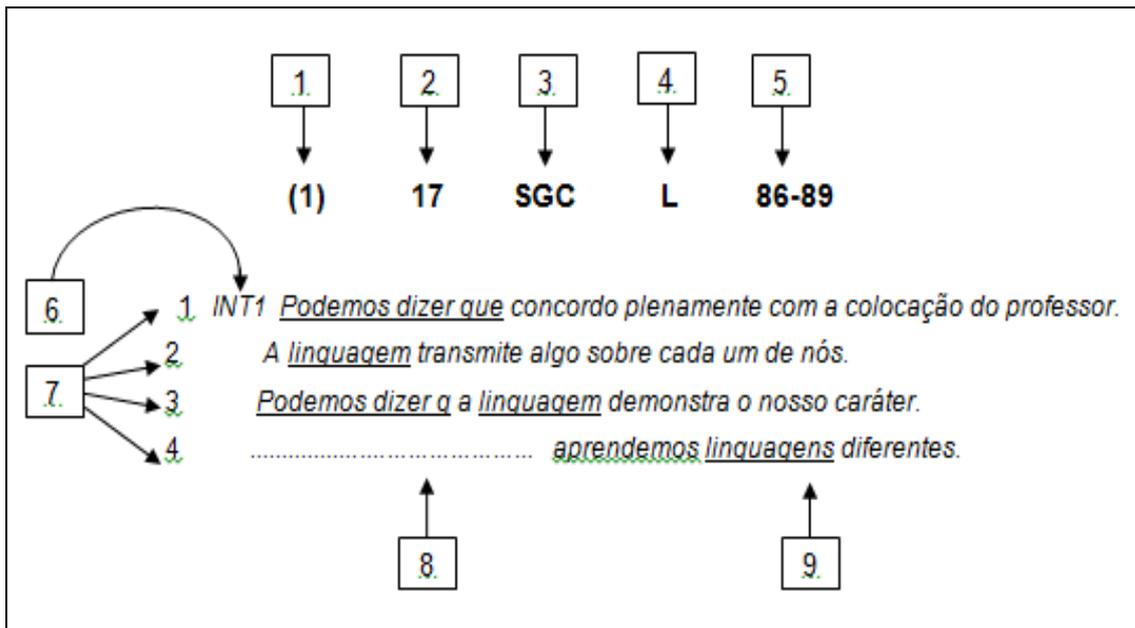
O modelo analítico apresentado conjuga o quadro teórico proposto por Marcuschi (1992), as abordagens de Bessa Neto (1991) e Silva (2001), a abordagem textual-discursiva de Koch (2001) e demonstra as formas e funções que a repetição assume em situações interativas.

#### 4.5 SISTEMA DE CITAÇÃO DE EXEMPLOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Para identificação e exemplificação dos elementos linguísticos repetidos dentro do *corpus*, utilizamos o sistema de leitura dos exemplos muito próximo ao utilizado por Marcuschi (1992) que, por sua vez, segue a notação que foi definida pelo Projeto NURC. Assim, trazemos um exemplo retirado do *corpus* desta pesquisa,

numerando cada um dos elementos e dando todas as informações necessárias do sistema de citação de exemplos, conforme apresentado no esquema 4.

Esquema 4 – Sistema de Citação de Exemplos



Fonte: Adaptado de Marcuschi (1992).

Legenda:

- (1) Corresponde ao número do exemplo e que aparece dentro deste estudo sequencialmente, do começo ao fim do trabalho;
- (2) O número da postagem na organização do *corpus* que, ao todo, corresponde a 30 textos;
- (3) Iniciais do município de onde procede a interação (SGC= São Gabriel da Cachoeira; SIRN= Santa Isabel do Rio Negro; MAO= Manaus; NHD = Nhamundá; ITA= Itacoatiara);
- (4) A letra L, em maiúsculo, equivale à linha;
- (5) Linhas citadas de acordo com a numeração dada no arquivo original para a organização do *corpus*;
- (6) Indicação dos interactantes (INT1 =interactante 1; INT2 = interactante 2);
- (7) Os números correspondem às sequências de linhas citadas no exemplo para fins de análise. Em alguns casos, o mesmo exemplo pode aparecer, em diversas passagens do trabalho, com número de linhas também diverso, a depender do tamanho do trecho citado em cada caso;
- (8) Os pontos contínuos indicam corte feito no texto, para economia de espaço, pois o fenômeno analisado ficava distante;
- (9) O uso do recurso de sublinha corresponde às ocorrências da repetição a ser analisada.

Neste capítulo, abordamos os procedimentos metodológicos adotados para o estudo da repetição que envolvem os parâmetros analíticos adotados, a descrição do *corpus*, o perfil dos sujeitos envolvidos neste estudo e a caracterização dos

entornos da pesquisa. No capítulo seguinte, apresentaremos as análises dos dados, seguida da discussão dos resultados, cotejando com os estudos dos teóricos que analisaram o fenômeno em produções orais e escritas.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados coletados do *corpus* que evidenciam a presença da repetição nas postagens dos estudantes e do professor-tutor. Os dados aqui apresentados foram gravados em cópia digital e organizados em segmentos discursivos para que fosse possível observar melhor as ocorrências e proceder à análise do fenômeno.

Os resultados não foram interpretados quantitativamente, no entanto o levantamento estatístico dos tipos formais foi tomado como base para, a partir dele e sustentados nos pressupostos teóricos, contemplarmos as análises das funções textual-discursivas das repetições.

### 5.1 A PRESENÇA DOS TIPOS FORMAIS DE REPETIÇÃO NO *CORPUS*

Nesta seção, apresentaremos os levantamentos estatísticos acompanhados dos resultados do cruzamento cumulativo dos traços formais de repetição, dentro do contexto da produção, do segmento, da configuração e da distribuição. Depois, mostraremos os tipos formais de repetição identificados no *corpus*, acompanhados dos exemplos, com fundamento nas abordagens de Bessa Neto (1991), Marcuschi (1992) e Silva (2001), que contemplam a análise formal nos segmentos lexical, sintagmático e oracional.

#### 5.1.1 Resultado das análises estatísticas de repetição quanto ao domínio formal

Apresentamos, em nosso estudo, um levantamento estatístico dos tipos formais de repetição presentes no *corpus* proposto que identificou 107 ocorrências do fenômeno nas 30 postagens de lista de discussão. A amostra utilizada contemplou as formas de repetição, conforme o modelo proposto por Marcuschi (1992), combinado com o de Bessa Neto (1991), a fim de se chegar a um quadro completo de repetições. Para realização da análise estatística, utilizamo-nos do programa *Excel* para estratificação dos dados que se seguem.

A Tabela 3 mostra-nos interessantes resultados obtidos a partir levantamento formal da repetição em relação à fonte discursiva.

Tabela 3 - Aspectos relacionados à produção

Formas de repetição	Quantitativo	Percentual
<b>Autorrepetição</b>	<b>64</b>	<b>60%</b>
Heterorrepetição	43	40%
Total	107	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Os dados apresentados na Tabela 3 consideram apenas os aspectos formais relacionados à produção. Como se observa, a forma que mais prevaleceu no aspecto produção foi a autorrepetição (60%), perfazendo um total de 64 ocorrências dessa marca. Neste caso, percebe-se que os sujeitos tenderam a produzir mais elementos repetidos a partir de suas próprias postagens.

Podemos, ainda, interpretar essa tendência no postulado estabelecido por Marcuschi (2002) que sugere, em análise de materiais do *corpus* do Projeto NURC, que altos índices de autorrepetição devem ocorrer em virtude de baixa espontaneidade, uma vez que em seus dados as falas são constituídas com base em temas sugeridos. A Tabela 4 revela aspectos interessantes relacionados à segmentação.

Tabela 4 - Aspectos relacionados à segmentação

Formas de repetição	Quantitativo	Percentual
<b>Lexical</b>	<b>53</b>	<b>49,5%</b>
Sintagmática	23	21,5%
Oracional	31	29%
Total	107	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Na Tabela 4, apresentam-se as formas de repetição quanto ao nível da segmentação. Os dados revelam que a maior recorrência no *corpus* foi no segmento lexical. Do total geral de 107 registros, observa-se que 53 (49,5%) foram repetições lexicais. Esses dados reforçam o postulado defendido por Silva (2001) de que é na recorrência de palavras que o fenômeno se apresenta na sua forma mais simples.

Tabela 5 - Aspectos relacionados à distribuição

Formas de repetição	Quantitativo	Percentual
Contígua	4	3,7%
<b>Próxima</b>	<b>101</b>	<b>94,4%</b>
Distante	2	1,9%
Total	107	100%

Fonte: Elaborada pela autora

A Tabela 5 especifica os aspectos relacionados às formas da repetição quanto à distribuição. Os dados mostram que a forma de maior predominância foi a próxima, com 94,4% das ocorrências. Este resultado confirma a tese de Marcuschi (2002, p. 111), segundo a qual, “há uma preferência nítida por repetições no mesmo turno e, se possível, dentro da mesma estrutura frasal”. Observemos, agora, os dados da Tabela 6, que apresenta os aspectos relacionados à configuração.

Tabela 6 - Aspectos relacionados à configuração

Formas de repetição	Quantitativo	Percentual
Simplex	44	41,1%
Complexa	<b>63</b>	58,9%
Total	107	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Podemos perceber, na Tabela 6, que a repetição complexa foi um pouco mais produtiva, num total de 63 registros (58,9%). Este dado converge com Marcuschi (1992, p. 70), em cujo trabalho destaca que “quanto menor o segmento maior o grau de literalidade e quanto maior o segmento maior o grau de variação”. Nesse caso, de fato podemos afirmar que as R sintagmática e oracional tiveram, juntas, uma participação bastante expressiva no *corpus* (50,5%), o que pode indicar uma preferência pela repetição de segmentos maiores e, portanto, mais difíceis de serem repetidos literalmente.

### 5.1.2 Resultado do cruzamento cumulativo dos traços formais de repetição identificados

Feitas as análises estatísticas do domínio formal das R identificadas, aplicamos o modelo analítico proposto por Bessa Neto (1991) que prevê o

cruzamento cumulativo de traços de repetição (produção, segmento, distribuição e configuração) no qual, segundo a autora,

um conjunto de marcas, i.e., de traços apreendidos em seu mais alto nível de particularidade, desenha o modelo abstrato de um tipo particular de repetição. As marcas apreendidas dentro do **quesito forma** indicam que vários conjuntos de marcas formais podem ser formados e que existem, portanto, vários **tipos formais** de repetição. (BESSA NETO, 1991, p. 30, grifos da autora)

Assim, para obtermos um quadro delineado dos tipos formais de repetição, aplicamos o modelo de combinação sucessiva dos quatro traços componenciais, proposto por Bessa Neto (1991), que gerou a seguinte lista dos tipos possíveis do fenômeno dentro dos domínios formais, conforme se apresenta na Tabela 7.

Tabela 7- Relação das autorrepetições e heterorrepetições com o segmento, a distribuição e a configuração

Segmento	Distribuição	Configuração	AutoR	%	HeteroR	%
lexical	Contígua	Simplex	0	-	0	-
		Complexa	0	-	0	-
	Próxima	Simplex	11	10,3	26	24,3
		Complexa	12	11,2	3	2,8
	Distante	Simplex	0	-	1	0,9
		Complexa	0	-	0	-
sintagm.	Contígua	Simplex	0	-	0	-
		Complexa	1	0,9	0	-
	Próxima	Simplex	3	2,8	0	-
		Complexa	17	16	1	0,9
	Distante	Simplex	0	-	0	-
		Complexa	0	-	1	0,9
oracional	Contígua	Simplex	0	-	0	-
		Complexa	3	2,8	0	-
	Próxima	Simplex	1	0,9	2	1,8
		Complexa	16	15,1	9	8,4
	Distante	Simplex	0	-	0	-
		Complexa	0	-	0	-
<b>Totais</b>			64	60%	43	40%

Fonte: Elaborada pela autora a partir do modelo proposto por Bessa Neto (1991)

Como se nota na Tabela 7, ao realizarmos o cruzamento cumulativo do primeiro traço componencial de autorrepetição, combinado com cada traço sucessivo pertencente aos demais domínios, nossos achados identificaram a ocorrência de sessenta e quatro elementos repetidos, divididos em oito tipos formais, em que M (matriz) e R (repetição) são provenientes da mesma fonte discursiva (autorrepetição), bem como quarenta e três heterorrepetições, divididas em sete tipos formais.

Conforme se observou, a heterorrepetição lexical em distribuição próxima foi a mais expressiva dos tipos formais, com 27,1% de ocorrências em relação a todo o *corpus* pesquisado, o que representa um total de 29 registros, dos quais 26 são heterorrepetições lexicais próximas simples (24,3%) e 3 são de heterorrepetição lexical próxima complexa (2,8%).

Seguidamente, identificamos a presença da autorrepetição lexical em distribuição próxima, a segunda mais expressiva dos tipos formais (23=21,5%) em relação a todo o *corpus*, dividida em autorrepetição lexical próxima simples (11=10,3%) e autorrepetição lexical próxima complexa (12=11,2%).

Temos, ainda, a ocorrência de autorrepetição sintagmática próxima complexa (16%) e sintagmática próxima simples (2,8%). Quanto ao segmento oracional, identificou-se a ocorrência do fenômeno em distribuição próxima e de configuração complexa, representando 15,1% das ocorrências; em distribuição contígua e configuração complexa, representando (2,8%) e, finalmente, em distribuição próxima e configuração simples, representando 0,9% dos registros.

Quanto aos tipos de R resultantes de heterorrepetições sintagmática e oracional, os achados foram mais reduzidos, totalizando 13 resultados, divididos em 4 tipos formais de heterorrepetição: 9 heterorrepetições oracionais próximas complexas (8,4%); 2 heterorrepetições oracionais próximas simples (1,8%); 1 heterorrepetição sintagmática próxima complexa (0,9%) e 1 heterorrepetição sintagmática distante complexa (0,9%).

Verificou-se que o fator segmento manteve uma coerência bastante grande nas ocorrências das R, predominando sobre os demais traços formais. Nesse sentido, é importante observarmos cada um dos segmentos mais detidamente, o que faremos nas próximas subseções.

### 5.1.3 O segmento lexical

As R-lexicais foram as mais frequentes, com 49,5% do total em todo o *corpus*. A Tabela 8 traz todas as ocorrências dessas R na correlação com os demais aspectos.

Tabela 8 – Presença da R-Lexical

Produção	Distribuição	Configuração	Quant.
autorrepetição	Contígua	simples	0
autorrepetição	Contígua	complexa	0
autorrepetição	Próxima	simples	11
autorrepetição	Próxima	complexa	12
autorrepetição	Distante	simples	0
autorrepetição	Distante	complexa	0
heterorrepetição	contígua	simples	0
heterorrepetição	contígua	complexa	0
heterorrepetição	próxima	simples	26
heterorrepetição	próxima	complexa	3
heterorrepetição	distante	simples	1
heterorrepetição	distante	complexa	0
total deste segmento			53

Fonte: Elaborada pela autora

Como observamos na Tabela 8, a distribuição da R-lexical mostrou-se concentrada nas R-próximas, com 52 ocorrências (48,6%), divididas entre autorrepetições (23 = 21,5%) e heterorrepetições (29 = 27,1%). As R-lexicais contíguas, tanto em autorrepetição quanto em heterorrepetição, não foram encontradas no *corpus*. A R-lexical distante apresentou uma baixa ocorrência, com o registro de 1 caso (0,9%) em heterorrepetição.

Os dados encontrados convergem com aqueles registrados por Marcuschi (1992), em análise de materiais do *corpus* do Projeto NURC, no qual houve total predomínio das R-lexicais próximas. A diferença mais marcante nestes dados, porém, deu-se quando analisamos isoladamente o segmento lexical. Nele verificamos o equilíbrio entre a ocorrência de R-lexicais próximas em heterorrepetição (54,7%) e as R-lexicais próximas em autorrepetição (43,4%), cujo resultado foi bastante diferente dos percentuais apresentados por Marcuschi (1992),

que foram de 67% para as autorrepetições e 19% para as heterorrepetições. Retomaremos essa questão mais adiante, quando fizermos a correlação dos traços formais com as funções das R.

Na sequência, apresentaremos algumas ocorrências de cada tipo de R-lexical para termos uma compreensão de como elas ocorreram. Os exemplos seguirão de forma linear, com breve comentário quando considerarmos necessário para o exemplo citado.

i. R-lexical contígua:

**(1) 3 – MAO - L 19-20**

- 1 com outras pessoas e necessário falar de uma forma formal,
- 2 pois não há uma intimidade

ii. R-lexicais próximas:

**(2) 2 – ITA – L 9-13**

- 1 É claro que quando esta em um ambiente de trabalho, você não vai abrir a boca
- 2 para falar certos assuntos, assim como usar certas palavras, deve - se ter respeito.
- 3 Já entre seus amigos a linguagem corre mais solta,
- 4 a pessoa se sente mas a vontade para usar certos palavreados e discutir outros

**(3) 12 – SCG – L 68-72**

- 1 olá professor , eu entendi que a linguagem que o senhor cita para nós é de grande
- 2 importância porque onde você for fala uma das linguagem que seja falada devidamente
- 3 claro para que nos possamos entender, como exemplo do texto, se não ler entender,
- 4 praticamente está fora , não é mesmo professor? .....

iii. R-lexical distante:

**(4) 1 – MAO – L 2-4**

- 1 INT1 Podemos dizer grosso modo que a linguagem é como uma vestimenta,
- 2 dependendo do ambiente em que se esteja,
- 3 deve-se usar uma determinada linguagem.

**(5) 14 – MAO – L 75-79**

- 1 INT2 A comunicação é uma das coisas de maior importância em nossas vidas,
- 2 a nossa linguagem é algo que transmite como e nossa personalidade,
- 3 é a troca de informações, ideias e sentimentos

Nos exemplos 4 e 5, temos uma heterorrepetição distante na linha 2, do interactante 2 (exemplo 5), em que a R-distante tem como M o segmento lexical encontrado na linha 1, do interactante 1 (exemplo 4). Nesta R-distante, o interactante 2, após um breve comentário inserido na linha 1, retoma o tópico discursivo sobre linguagem, iniciado pelo interactante 1.

#### 5.1.4 O segmento sintagmático

As R-sintagmáticas tiveram uma frequência inferior aos outros dois segmentos, apresentando um percentual de 21,5% do total de 23 repetições. A Tabela 9 traz todos os registros dessas R na correlação com os demais aspectos.

Tabela 9 – Presença da R-Sintagmática

Produção	Distribuição	Configuração	Quant.
autorrepetição	Contígua	simples	0
autorrepetição	Contígua	complexa	1
autorrepetição	Próxima	simples	3
autorrepetição	Próxima	complexa	17
autorrepetição	Distante	simples	0
autorrepetição	Distante	complexa	0
heterorrepetição	contígua	simples	0
heterorrepetição	contígua	complexa	0
heterorrepetição	próxima	simples	0
heterorrepetição	próxima	complexa	1
heterorrepetição	distante	simples	0
heterorrepetição	distante	complexa	1
total deste segmento			23

Fonte: Elaborada pela autora

Conforme se observa na Tabela 9, elas se concentram praticamente nas autorrepetições, onde estão 21 das ocorrências totais presentes no *corpus* (19,7%). Para termos uma ideia mais clara das ocorrências das R-sintagmáticas, apresentamos a seguir alguns exemplos observados, com breves comentários.

i. R-sintagmática próxima simples:

**(6) 23 – SGC – L 99-101**

- 1 O modo como olhamos para os nossos filhos por exemplo já é uma linguagem
- 2 que nos permitir nos comunicarmos...
- 3 E em certos ambiente o modo como nos vestimos já traduz inclusive até o evento
- 4 que tu estás envolvida.!!!

ii. R-sintagmática próxima complexa:

**(7 ) 7 – SIRD – L 36-38**

- 1 Hoje a comunicação esta muito mais presente em nossos lares, bem como,
- 2 com mais tecnologia, mais também ainda nos deparamos com muita falha na comunicação
- 3 em lugares mais distante, por falta de interesse de pessoas responsáveis pela empresa.

iii. R-sintagmática distante complexa

**(8) 1 – MAO – L 2-4**

- 1 INT1 Podemos dizer grosso modo que a linguagem é como uma vestimenta,
- 2 dependendo do ambiente em que se esteja,
- 3 deve-se usar uma determinada linguagem.

**(9) 14 – MAO – L 79-81**

- 1 INT2 Se comunicar e algo prazeroso que nos faz ser comunicativo,
- 2 dependendo do local onde estivermos a comunicação varia
- 3 sendo que ela á base de tudo....

Os exemplos 8 e 9 trazem-nos uma estrutura sintagmática com variação, em que a R-distante (exemplo 9) projeta-se na M (exemplo 8) como uma estrutura de sintagma verbal (SV) em que temos verbo mais complemento, na seguinte fórmula: SV (V+SN-objeto). Ainda neste exemplo, retomamos a situação problemática de se classificar o segmento como sintagmático ou oracional, mas, aportando-nos em Marcuschi (1992), utilizamos um critério *ad hoc* empregado pelo autor para justificar a análise do segmento como uma R-sintagmática. Neste caso, classificamos a R-distante no segmento sintagmático por considerarmos que há uma escala que vai do item lexical à oração, dentro da estrutura linguística.

### 5.1.5 O segmento oracional

As R-oracionais tiveram a segunda maior frequência, com um percentual de 29%, do total de 31 ocorrências em todo o *corpus*. Elas se concentram, em sua maioria, nas autorrepetições (18,8%), sendo registradas 11 em heterorrepetições neste segmento (10,2%). A Tabela 10 traz os dados gerais.

Tabela 10 – Presença da R-Oracional

Produção	Distribuição	Configuração	Quant.
autorrepetição	Contígua	simples	0
autorrepetição	Contígua	<b>complexa</b>	<b>3</b>
autorrepetição	Próxima	<b>simples</b>	<b>1</b>
autorrepetição	Próxima	<b>complexa</b>	<b>16</b>
autorrepetição	Distante	simples	0
autorrepetição	Distante	complexa	0
Heterorrepetição	contígua	simples	0
heterorrepetição	contígua	complexa	0
heterorrepetição	próxima	<b>simples</b>	<b>2</b>
heterorrepetição	próxima	<b>complexa</b>	<b>9</b>
heterorrepetição	distante	simples	0
heterorrepetição	distante	complexa	0
total deste segmento			31

Fonte: Elaborada pela autora

Conforme se observa na tabela 10, a maior concentração das R-oracionais apresentou-se nas R-complexas (28 = 26,3%), seguidas das R-próximas simples (3 = 2,7%). Os dados observados no *corpus* convergem com os achados de Marcuschi (1992, p. 89), para quem o “predomínio das repetições oracionais com variação evidencia uma tendência oposta à dos segmentos menores, sobretudo os lexicais”. Conforme o autor, essa inversão em relação às R-lexicais pode ser compreendida melhor, quando entendemos que é mais fácil variar segmentos maiores (sintagmas e orações) que segmentos menores (lexemas) que, comumente, podem vir na forma literal.

Vejamos, agora, algumas realizações que reproduzem as distribuições e configurações das R-oracionais encontradas.

i. R-oracional contígua complexa:

**(10) 5 - MAO – L 30-32**

- 1 o ser humano não vive sem se comunicar
- 2 a comunicação é essencial na vida do ser humano.
- 3 o ser humano precisa se comunicar durante ao longo do dia

ii. R-oracional próxima simples:

**(11) 1 – MAO – L 2-4**

- 1 INT1 Podemos dizer grosso modo que a linguagem
- 2 é como uma vestimenta,

**(12) 17 – SGC – L 94-96**

- 1 INT2 podemos dizer que concordo plenamente com a colocação do professor .
- 2 A linguagem transmite algo sobre cada um de nós .
- 3 Podemos dizer q a linguagem demonstra o nosso carater.

iii. R-oracional próxima complexa:

**(13) 16 – MAO – L 87-92**

- 1 A comunicação é primordial em todo momento de nossas vidas,
- 2 .....
- 3 em tão a comunicação é muito importante.
- 4 A comunicação é como uma roupa que precisamos usa-lo.

## 5.2 A PRESENÇA DAS FUNÇÕES TEXTUAL-DISCURSIVAS DA REPETIÇÃO

Com o *corpus* redefinido pelo resultado do cruzamento cumulativo, o presente estudo segue, deste ponto em diante, com a análise das funções textual-discursivas assumidas pela repetição, acompanhada da discussão dos dados. Assim, do mesmo modo em que foram identificados os domínios formais, serão trabalhados os domínios da função. Vale ressaltar, porém, que a identificação de uma função não implica sua exclusividade. Como alerta Silva, (2001, p. 134), dadas as características plurifuncionais que as R possuem, busca-se “averiguar sempre a função específica mais proeminente de uma repetição.”

Considerando a abordagem de Marcuschi (1992), apresentaremos exemplos de formas e funções da repetição, correlacionando: *i)* seus contextos de *produção* (autorrepetição e heterorrepetição); *ii)* seu estatuto linguístico (lexical, sintagmático, oracional); *iii)* sua *distribuição* (contígua, próxima, distante); *iv)* destacando as funções textual-discursivas quanto à sua marca (*coesão, formulação, compreensão, argumentação e interação*).

### 5.2.1 Função de coesão

Antes de analisarmos a ocorrência do fenômeno como elo coesivo, cabem algumas retomadas propostas por Koch (2002), referenciadas neste trabalho, que tratam da coesão sob a perspectiva sequencial e a referencial.

Primeiro, conforme Koch (2002, p. 18), a “coesão diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.”

Levando em conta essas considerações, Koch (2002), tomando por base a função coesiva na construção textual, considera a existência de duas grandes modalidades de coesão: coesão referencial e coesão sequencial. Vejamos cada uma:

Chamo, pois, de *coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*. (KOCH, 2002, p. 31)

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 2002, p.53)

Além dessas observações, destacamos as considerações apresentadas por Halliday e Hasan (1976, p.278)<sup>4</sup> que, em importante estudo sobre os mecanismos de coesão na língua inglesa, definem coesão em termos semânticos, explicando que a repetição de itens lexicais promove a função de enlace e a função referencial. Para os autores,

Reiteração é uma forma de coesão lexical que envolve a repetição de um item lexical, em uma extremidade da escala, a utilização de um termo genérico para se referir a um item lexical, na outra extremidade da escala, e um certo número de coisas entre eles <sup>4</sup>.

Silva (2001) também enfatiza que a R lexical é empregada para mostrar que uma informação dentro de uma oração está relacionada a algo que tenha sido mencionado anteriormente, além, ainda, de promover a conexão de orações que compartilham um significado particular.

As contribuições de Silva (2001) e Halliday e Hasan (1976), fundamentadas em Koch (2002), fazem-nos depreender que o fenômeno pode comportar, ao mesmo tempo, as duas modalidades de coesão propostas por Koch (2002): referenciação e sequenciação.

Um caso de coesão referencial e sequencial segue exemplificado.

#### **(14) 5 – MAO – L 29-37**

- 1 a linguagem é a representação do pensamento por meio de sinais que
- 2 permitem a comunicação e a interação entre as pessoas
- 3 .....
- 4 Quando falamos ou escrevemos, o nosso objetivo é comunicar alguma coisa para alguém,
- 5 podemos realizar a comunicação através de gestos, desenho, símbolos,
- 6 .....
- 7 É assim comunicamos variadas maneiras ao longo da nossa vida.

---

<sup>4</sup> A citação em inglês de Halliday e Hasan (1976, p. 278) está disponível para consulta ao original no Apêndice A desta dissertação (ver p. 121-122).

Percebe-se, no exemplo (14), uma vinculação referencial que se estabelece entre a R da linha 4 com a M da linha 2 na superfície textual, o que nos permite discernir que a relação referencial é de inclusão, sobretudo porque os segmentos linguísticos repetidos pertencem ao mesmo campo semântico-lexical. Observa-se, portanto, que o referente da forma lexical repetida – comunicar - está incluído no referente da forma lexical – comunicação - projetada como matriz.

Ainda no exemplo (14), observa-se o encadeamento sequencial em que R da linha 5 com M do segmento projetado como matriz da linha 2 apoia o fluxo das informações, garantido, ao mesmo tempo, o vínculo e a articulação das unidades de informação, explicitando a existência de ideias em comum.

Trata-se de autorrepetição lexical próxima complexa (2 ocorrências) e próxima simples (1 ocorrência), com a função de coesão referencial e sequenciativa.

#### **(15) 16 – MAO – L 87-92**

- 1 A comunicação é primordial em todo momento de nossas vidas,
- 2 .....
- 3 então a comunicação é muito importante.
- 4 A comunicação é como uma roupa que precisamos usa-lo.

Marcuschi (1992), ao abordar a coesão sequencial, evidencia uma estratégia muito utilizada na sequenciação de unidades. “Trata-se da formação de listas ou paralelismos, que favorecem uma coesividade forte na forma de justaposição de elementos com padrão entoacional idêntico.” (MARCUSCHI, 1992, p. 117).

O exemplo (15) ilustra esse procedimento, à medida que as orações apresentam um mesmo padrão, mantendo-se integralmente o núcleo verbal com o enxerto de uma informação nova à direita desse núcleo. Conforme Marcuschi (1992), essa é uma característica da maioria das R oracionais com função coesiva, em que uma parte da M mantém-se integral na R, variando sempre à direita do verbo, que é a parte na qual se enfoca o novo. Isto faz das listas uma estratégia de progressão temática que traz reflexos no nível discursivo, pois não há substituição de elementos, mas renovação dos argumentos para o núcleo fixo. Esta observação, porém deve ser revista em relação à R da linha 3, em que o elemento à direita do

verbo figura como reforço da M. Esta função será retomada mais adiante quando abordarmos o domínio da compreensão.

Roncarati (1994), em seu estudo sobre a repetição na construção de estruturas paralelas, destaca que a reiteração da proposição central adquire acentuado teor argumentativo e funciona como uma das estratégias “para manter interação enfocada (i.e. para negociar uma perspectiva comum de relevância em suas intervenções).” (RONCARATI, 1994, p. 146). As observações de Roncarati (1994) podem estar relacionadas ao intento persuasivo perseguido pelo interactante para considerar o conjunto de suas reiterações como uma porção de informação relevante. Se a estrutura fosse: “a comunicação é primordial, é muito importante, é como uma roupa”, perder-se-ia a força comunicativa de reiteração e realce das qualidades atribuídas à comunicação.

Trata-se de autorrepetição oracional próxima complexa, com a função de coesão sequencial.

## **5.2.2 Função de Formulação**

A função de formulação, conforme Marcuschi (1992, p.122), “diz respeito às estratégias utilizadas pelo falante para compor suas contribuições”. Dentre as maneiras de formulação, serão abordadas as estratégias de reconstrução de estruturas, correção, expansão e parentização.

### **5.2.2.1 Reconstrução de estruturas**

Marcuschi (2002) relembra que, entre as estratégias de formulação, tem-se a função textual-discursiva de reconstrução de estruturas. Segundo Marcuschi (2002, p. 121), essas (re)construções “que constituem verdadeiros amálgamas sintáticos, reúnem partes de texto anteriores e, num dado momento, formulam uma construção reconstruída com todas essas partes anteriores”. Essa estratégia pode ser percebida em (16):

**(16) 5 – MAO – L 30-32**

- 1 o ser humano não vive sem se comunicar
- 2 a comunicação é essencial na vida do ser humano.
- 3 o ser humano precisa se comunicar

Percebe-se, no exemplo (16), que as linhas 2 e 3 são um amálgama de partes anteriores presentes no segmento oracional da M na linha 1. A presença da R na linha 2 figura como uma construção amalgamática, na qual as formas repetidas foram construídas aproveitando materiais linguísticos prévios para formar uma estrutura completa, reconstituída de todas as partes anteriores. Quanto à R da linha 3, trata-se de uma repetição plurifuncional que, além da função de formulação, abarca a função de reafirmação, como veremos mais adiante.

Trata-se de autorrepetição oracional contígua complexa, com a função de reconstrução de estruturas.

## 5.2.2.2 Correção

Para Marcuschi (1992), a correção é um dos procedimentos mais comuns na interação verbal e, geralmente, acarreta uma R que funciona mais efetivamente como um tipo de repetição relacionado aos processos de reelaboração do discurso. Vejamos o exemplo abaixo:

**(17) 5 – SGC – L 32-37**

- 1 o ser humano precisa se comunicar durante ao longo do dia
- 2 .....
- 3 É assim comunicamos variadas maneiras ao longo da nossa vida.

A linha 1 traz uma M que demonstra o uso de um sintagma adverbial (SAdv) logo descartado pelo interactante que, contiguamente, opta por outro SAdv (ao longo do dia), como forma de conferir mais clareza à exposição. Com essa estratégia de correção, o interactante evita, assim, uma possível ambiguidade que poderia ocorrer se, ao utilizar o SAdv durante, denotasse que a necessidade de comunicação dar-se-ia somente durante o dia, o que não expressaria a sua intenção. Observa-se que

essa percepção é reiterada na R da linha 3, com a retomada do mesmo SAdv, com ligeira variação (ao longo da nossa vida).

Vale ressaltar que mesmo sem termos encontrado uma marca de hesitação, uso de reticências ou outro marcador conversacional que demonstrasse o intento de correção, cremos que o interactante faz a correção sim, ao escrever seguidamente outra estrutura sintagmática de valor semelhante.

Embora o exemplo citado não seja canônico de uma R por correção e, considerando, ainda, que o termo tomado como M, na verdade, é uma paráfrase, mesmo assim consideramos válido o registro da ocorrência, uma vez que este foi o único exemplo detectado em todo o *corpus*, reiterando o que já citamos anteriormente sobre o baixo índice de interação observado que pode ter influenciado na ocorrência do fenômeno, pois a maioria dos interactantes não se viu com a necessidade de reelaboração do discurso.

Na tentativa de reforçar o que afirmamos acima, tomamos como exemplo o trabalho de Tagliaferre (2008, p.65) que, ao estudar a R por formulação corretiva na interação entre sujeitos afásicos, encontrou altos índices dessa função no *corpus* analisado. Para a pesquisadora, a repetição por

correção foi muito relevante, já que os sujeitos focalizados neste estudo têm dificuldades em se expressar, sobretudo, em função da dificuldade de encontrar palavras. Por isso, a correção lexical mostrou-se muito frequente nos dados. (TAGLIAFERRE, 2008, p.65)

E afirma, ainda, que as repetições por formulação corretiva têm o propósito de “manter a interação, já que ao reformular o enunciado,[...] está se preocupando com o entendimento da informação que está sendo passada.”(TAGLIAFERRE, 2008, p. 61).

Se considerarmos que situação inversa possa ser verdadeira, poderemos considerar válidas as observações sobre a relação direta entre interação e a função da R como correção que, em nosso estudo, teve baixo percentual de ocorrência.

Trata-se de autorrepetição sintagmática contígua complexa e próxima complexa, com a função de correção.

### 5.2.2.3 Expansão

Conforme Tagliaferre (2008), a expansão consiste em recuperar um segmento linguístico, adicionando-lhe algum incremento novo de natureza informativa e, inclusive, avaliativa. Vejamos o que se apresenta no exemplo (18):

**(18) 16 – MAO – L 82- 86**

- 1 A comunicação é primordial em todo momento de nossas vidas,
- 2 por que sem a comunicação não temos notícias de nossos familiares e amigos.
- 3 podemos nos comunicar através de telefones cartas internet, e outros tipos de sinais
- 4 nos nus comunicamos com outras pessoas que tenham deficiência auditivas

Verifica-se no exemplo (18) uma tendência já observada por Marcuschi (1992) e bastante recorrente neste tipo de R que é a expansão à direita do núcleo verbal. Observa-se que o texto vai sendo formulado progressivamente mediante a presença de um conjunto de fragmentos oracionais que se estendem em R sucessivas.

Segundo Marcuschi (1992), Silva (2001) e Tagliaferre (2008), a R expansiva costuma realizar-se em autorrepetição e em segmentos mais amplos, como sintagmas e orações, geralmente em configuração complexa.

Trata-se de autorrepetição oracional próxima complexa, com a função de expansão.

### 5.2.2.4 Parentização

Como lembra Tagliaferre (2008, p. 69), a parentização é “uma função exercida pela repetição que ocorre logo após o encerramento de um parêntese, ou seja, o enunciado original é retomado depois da inserção de um parêntese”. Marcuschi (1992) alerta para o cuidado de não confundirmos a R por expansão com a R por parentização, uma vez que esta é o prosseguimento de um enunciado que fora interrompido e é retomado, enquanto aquela é um acréscimo de natureza informativa ou avaliativa. O exemplo (19) ilustra essa ocorrência da parentização.

**(19) 7 – SIRN – L 41 – 43**

1 Hoje a comunicação está muito mais presente em nossos lares,

2 bem como, com mais tecnologia,

3 mais também ainda nos deparamos com muita falha na comunicação em lugares mais distante,

No exemplo (19), observamos que a interrupção se dá por meio de um brevíssimo parêntese na linha 2, que acrescenta um comentário ao fato de a comunicação estabelecer-se com mais tecnologia. Essa observação serve para intercalar uma apreciação sobre o tópico comunicação que é retomado na linha 3.

Trata-se de uma autorrepetição lexical próxima simples, com a função de parentização.

**5.2.3 Função de Compreensão**

Para Tannen (1989), as R que se situam nesta função são facilitadoras da compreensão, pois

A natureza automática da repetição e da variação facilita a compreensão facultando um discurso semanticamente menos denso. Se algumas das palavras forem repetitivas, comparativamente menos informação nova é comunicada do que se todas as palavras proferidas trouxessem no seu bojo novas informações. (TANNEN, 1989, p. 582)

Conforme observa Tannen (1989), a repetição com a função de compreensão favorece um volume menor de informação e, ainda, facilita na apreensão desta, uma vez que concede um tempo maior ao ouvinte na sua tarefa de compreensão.

Nesse grupo, situam-se as funções que Marcuschi (1992, p. 129) considera como relacionadas “à facilitação da tarefa do ouvinte na compreensão”, entre as quais estão: intensificação, reforço e esclarecimento.

### 5.2.3.1 Intensificação

A função da R por intensificação (ou ênfase), conforme Marcuschi (1992), corroborado por Tagliaferre (2008), apresenta relação muito estreita com a dimensão formal. Segundo os autores, esse tipo de R assume uma das seguintes características formais regulares:

- a) é uma autorrepetição contígua simples ou contígua complexa;
- b) é uma autorrepetição próxima simples com a mesma posição sintática que a M;
- c) Não é motivada por razões interacionais, estabelecendo-se no mesmo turno.

Esses três requisitos são decisivos para inferir as seguintes características formais dessa R: tem sua distribuição em posição contígua ou próxima e é produzida pela mesma fonte discursiva (autorrepetição).

Levando em conta essas características, apresentamos o exemplo a seguir:

#### **(20) 25 – SIRN – L 128 – 130**

- 1 As pessoas muitas vezes tentam se expressar duma forma,
- 2 mas o receptor não atende daquela forma que ele tentou colocar
- 3 e sim da sua maneira de entender.

Na função de intensificação, Silva (2001, p. 166) destaca que a repetição atua como um tipo de “valorização reiterada de um fato, um detalhe, um elemento, uma ação ou um ponto de vista pessoal”. A autora também salienta que, em termos de realização nos níveis lexical e estrutural, nas posições adjacente ou distante, figura entre os procedimentos de R que mais preponderam, corroborando com a afirmação de Marcuschi (1992, p. 130) de que “quase todos os estudiosos das funções da R apontaram a intensificação (ou ênfase) como a principal delas”.

No exemplo (20), a R lexical (forma), apoiada no contexto, aponta para a ocorrência de uma R enfática no fragmento seguinte, que aparece na linha 2 e tem o mesmo referente da M que aparece na linha 1. Destaque-se que, por meio do uso do pronome demonstrativo na sua forma contraída daquela – em daquela forma – conecta-se a forma lexical repetida à ocorrência anterior, estabelecendo uma relação anafórica. Ainda segundo Silva (2001, p.143) “a anáfora implica um foco

comum preexistente” e isto se aplica ao exemplo examinado, uma vez que a R e a M compartilham o mesmo referente.

Esta última ocorrência pertence ao domínio da coesão, especificamente, da função própria do encadeamento referencial que, conforme Silva (2001), trata da vinculação entre os referentes R e M na superfície do texto.

Ainda como uma ocorrência de R lexical, no trecho em análise, está o uso do item maneira que faz parte do mesmo campo semântico-lexical da forma projetada como matriz (forma), sendo responsável pela manutenção do tópico discursivo.

Considerando o atendimento aos requisitos (b) e (c), que trazem as características formais dessa R, podemos inferir que se trata de autorrepetição lexical próxima simples, com função de intensificação.

#### 5.2.3.2 Reforço

Primeiramente, vale retomar o alerta de Marcuschi (1992, p. 133) sobre os esclarecimentos para diferenciação entre intensificação e reforço, uma vez que “a maioria dos autores faz esta diferenciação, mas não estabelece claramente os critérios adotados”.

Para Marcuschi (1992, p. 133), a diferença básica está no entendimento de que a R por intensificação age como uma espécie de adjetivação reduplicada, enquanto a R por reforço atua “como marcador de saliência sem trazer ideias novas, mas visualiza melhor o que foi dito”. Analisemos o caso do exemplo (21) abaixo.

#### **(21) 26 – SGC – L 132 – 137**

- 1 A linguagem é muito importante no nosso dia a dia,
- 2 cabe a nós saber usar a colocação correta.
- 3 A comunicação está presente em toda parte,
- 4 devemos usar palavras adequadas para cada ambiente.
- 5 .....
- 6 Portanto a linguagem está presente em toda parte, até mesmo no meu modo de vestir.

Note-se que temos no exemplo (21) duas construções repetidas, em que tanto a M<sub>1</sub> na linha 2 quanto a M<sub>2</sub> na linha 3 projetam as R com variação de ordem

lexical, resultando em construções parafrásticas do tipo: usar palavras adequadas (R<sub>1</sub>, na linha 4) e a linguagem está presente em toda parte (R<sub>2</sub>, na linha 6). A estratégia do interactante serviu para reforçar a ideia geral de que a comunicação está presente em toda parte e que cabe a cada falante fazer uso da linguagem de forma adequada. Com isso, também reforça a ideia da importância da linguagem, presente na linha 1.

Trata-se de autorrepetição oracional próxima complexa, com função de reforço.

### 5.2.3.3 Esclarecimento

Silva (2001, p. 179), em seu estudo sobre a repetição em narrativas orais e escritas de adolescentes, considera que a função de R por esclarecimento “ocorre mediante uma explicitação do que tenha sido afirmado previamente por parte do narrador”.

E prossegue afirmando que

uma R que funciona como esclarecimento costuma ocorrer em posição de proximidade em relação ao segmento projetado como matriz e, o mais importante, aparece em geral precedida por termos que constituem uma espécie de operador patente da repetição, tais como: ‘ou seja’, ‘quer dizer’ entre outras expressões do gênero. (SILVA, 2001, p. 179)

Aportando-nos em Marcuschi (1992, p. 135), a R por esclarecimento atua como “pequenas expansões ou reformulações parafrásticas com algum acréscimo explicativo”. Ainda, segundo o autor, é comum virem em distribuição contígua ou próxima, sempre como um comentário, um elemento novo.

O exemplo (22) ilustra essa ocorrência.

#### **(22) 6 – S1RN – L 38-40**

1 É a pura verdade, devemos tomar bastante cuidado com o que falamos

2 em determinados lugares, por exemplo tem certos lugares q não se deve usar as gírias

3 e sim a norma culta da língua portuguesa

A linha 2 traz uma autorrepetição que se dá como uma R complexa, motivada por paráfrase do sintagma adjetivo (SAdj) certos, que funciona como um acréscimo explicativo sobre o cuidado que se deve ter ao falar em certos lugares.

Trata-se de uma autorrepetição sintagmática próxima complexa, com a função de esclarecimento.

#### 5.2.4 Função de Argumentação

Para Marcuschi (1992, p. 145), “seu traço fundamental é reproduzir uma M que operava como assertiva básica na argumentação em andamento. Manifesta-se de três maneiras: como reafirmação, contraste e contestação.” A seguir, definiremos e apresentaremos exemplos desses três tipos de função argumentativa.

##### 5.2.4.1 Reafirmação

Conforme Marcuschi (1992) e Tagliaferre (2008), essa função tem a tendência de realizar-se como autorrepetição oracional, sendo repetida mais de uma vez, na maioria das ocorrências registradas. Novamente, em Marcuschi (1992, p. 147), “a reafirmação é a sugestão de centralidade e validade de uma assertiva. Por isso mesmo se dá na sua maior parte com estruturas oracionais, que é a forma como se manifestam conteúdos proposicionais”.

#### (23) 11 – SGC – L 58 – 62

1 a linguagem é um conjunto de sinais que todos os seres humanos utilizam para se comunicar,  
 2 principalmente a linguagem verbal é utilizada por toda comunidade que é realmente rica  
 3 e possui uma quantidade suficiente de sinais para que seus usuários possam expressar  
 4 o maior número de ideias com facilidade.

O exemplo (23) traz a ocorrência em que a M na linha 1 é reafirmada nas linhas 2 e 3, dando-se uma espécie de redundância em que o interactante repete as afirmações da linha 1 com material linguístico já existente. Se fôssemos reduzir o exemplo (23), eliminando as repetições e acrescentando outros elementos para

montar a argumentação, teríamos um texto, decerto, mais elegante, no entanto, perder-se-ia a essência da força argumentativa da reafirmação.

Trata-se autorrepetição oracional próxima complexa, com a função de reafirmação.

#### 5.2.4.2 Contraste

Para Marcuschi (1992, p. 147), esta “R opera com a função de contraste quando estabelece uma oposição entre duas assertivas calcadas na mesma estrutura. O objetivo do contraste é argumentar em favor de uma das oposições”.

Quanto ao aspecto formal, segundo Tagliaferre (2008) e Marcuschi (1992), essa R realiza-se como estrutura oracional, em auto ou heterorrepetição, notando-se a preferência pela autorrepetição.

Observemos o exemplo (24) que ilustra a ocorrência dessa função.

#### (24) 4 – MAO – L 25-28

1 É tão importante a comunicação que entre dois seres

2 so pelo olhar se comunicar entre sim.

3 não e tão importante usar um roupar bonita,

4 o importante e saber se expressar

Neste caso, temos uma R cuja organização estrutural aproxima-se do que Marcuschi (1992, p. 148) chama de “quiasma sintático”, que representa um cruzamento sintático em que a inversão da posição dos elementos sintagmáticos tem uma relação simétrica com a inversão semântica. Note-se que a M na linha 1 mantém-se original em relação à R da linha 3, fazendo uma negação formalmente explicitada. Já a R da linha 4, ao reiterar a M da linha 1, faz um novo contraste com a R da linha 3. Esse procedimento, conforme lembra Blanche-Beveniste (1987) *apud* Marcuschi (1992), assemelha-se a uma forma canônica denominada **listing à contraste** (grifo do autor), em que o falante usa os contrastes como recurso retórico. Estruturalmente, essa forma equivale a algo como: “não isso, mas isso.” (MARCUSCHI, 1992, p. 147).

Outra análise sobre estruturas reiteradas em contraste pode ser observada em Braga (1991), em seu estudo sobre “Estruturas clivadas no português falado no

Rio de Janeiro”. Para a autora, a sentença clivada (CLIVs) consiste numa identificação com uma estrutura que se reparte em dois termos, denominados identificador e identificado. E prossegue ao admitir, também, que “as CLIVs [...] possam exprimir contraste.” (BRAGA, 1991, p. 119). No entanto, considerando os limites deste trabalho – não a nossa vontade – não aprofundaremos esse tema.

Trata-se, portanto, de uma autorrepetição oracional próxima complexa, com a função de contraste.

### **5.2.5 Interação**

Como observa Marcuschi (1992), as funções de natureza interacional são mais comuns em situações de interação espontânea. Igualmente aos estudos do autor que trabalhou com dados das conversações colhidas dos arquivos do Projeto NURC, também neste estudo verificamos uma baixa ocorrência no número de R com função interacional. A explicação para esta constatação também pode ser encontrada em Marcuschi (1992, p. 153) para quem “isto é compreensível, tendo em vista as condições em que este corpus foi obtido”. As observações do autor se estendem a este trabalho, pois explicitam a falta de espontaneidade nas interações que, em nosso estudo, giraram em torno de tema pré-definido. Mesmo assim, registramos dados reveladores de repetição interacional nas funções por incorporação e por responsividade, basicamente, produzidas como heterorrepetição.

#### **5.2.5.1 Incorporação**

Segundo Marcuschi (1992, p. 155), a R por incorporação “opera como confirmação ou endosso quando a M proposta como sugestão por um interlocutor for aprovada e incorporada na fala do outro”. Convergindo com as definições apresentadas por Marcuschi (1992) e Tagliaferre (2008), também encontramos uma frequência maior dessas funções, sendo realizadas canonicamente como heterorrepetição, no segmento lexical ou sintagmático, em distribuição contígua.

Apresentaremos, a seguir, os casos dessas ocorrências:

**(25) 1 – MAO – L 2- 4**

- 1 INT 1 Podemos dizer grosso modo que a linguagem é como uma vestimenta,  
 2 dependo do ambiente em que se esteja,  
 3 deve-se usa uma determinada linguagem.

**(26) 15 – SIRN – L 77 - 81**

- 1 INT2 Concordo, porque em cada ambiente devemos ter uma linguagem,  
 2 assim acredito que o modo de se comunicar depende de cada lugar em que se esteja.

**(27) 2 – ITA – L 8-15**

- 1 INT3 Podemos dizer a meu modo,  
 2 que concordo plenamente com a colocação do professor.  
 .....  
 3 É claro que quando esta em um ambiente de trabalho,  
 4 .....  
 5 Então realmente tudo depende muito do ambiente em que se estar

Como já fora observado por Marcuschi (2002), essa função é empregada quando o falante parece apresentar alguma dificuldade com o desenvolvimento do assunto, quer por esquecimento, quer por problemas de conhecimento do tema.

Nesse sentido, note-se que as R que ocorrem nas linhas 1 e 2 do exemplo (26) são incorporações da M do exemplo (25), nas linhas 2 e 3. Conforme observado, essa incorporação pode estar relacionada a alguma dificuldade que o INT2 tenha encontrado para desenvolver o assunto ou, ainda, ser interpretada como uma estratégia de interação do INT2 que traz para o seu discurso o do tutor.

Essa percepção também foi compartilhada por Silva (2011, p. 8-9) que, em contexto similar de interação verbal em fórum acadêmico de EaD, relata que os estudantes, mesmo sem estabelecer uma interação diretamente com os outros interactantes, “remetem a outros dizeres explícita ou implicitamente trazendo para o seu discurso, o discurso do outro. Dessa forma, o já-dito se reescreve e/ou se reafirma no dito”.

Do mesmo modo, no exemplo (27), as R do INT3, linhas 1, 3 e 5, foram projetadas a partir da M do exemplo (25), nas suas linhas 1, 2 e 3.

Trata-se, portanto, de heterorrepetição oracional complexa próxima, com a função de incorporação.

### 5.2.5.2 Responsividade

Conforme Marcuschi (1992), a R responsiva ocorre canonicamente nas retomadas totais ou parciais de perguntas. Novamente, convergindo com o autor, as ocorrências dessas funções são menos frequentes em *corpus* em que a interação é previamente agendada, mas nem por isso foram ausentes neste estudo, uma vez que acreditamos que os interactantes compensaram a falta de interação direta com o tutor por meio de heterorrepetições por responsividade.

As características formais mais marcantes da R-responsiva são: a) surgem na forma simples como heterorrepetição e na forma complexa como autorrepetição; b) são geralmente contíguas.

#### **(28) 1 – MAO – L 4 - 5**

- 1 INT 1 O que você pensa acerca dessa colocação?
- 2       Quais são suas considerações sobre?

#### **(29) 2 – ITA – L 8**

- 1 INT 2 Podemos dizer a meu modo,
- 2       que concordo plenamente com a colocação do professor.

#### **(30) 23 – SGC – L 115 - 119**

- 1    Concordo com as colocações do professor!!

Poderíamos seguir listando outras manifestações de R com a função responsiva encontradas no *corpus*, mas cremos que os exemplos citados dão uma razoável noção da presença dessa função.

Considerando as características descritas em (a), podemos afirmar que se trata de heterorrepetições lexicais próximas simples, com a função de responsividade.

### 5.2.6 Resultado das análises estatísticas de repetição quanto ao domínio funcional

Agora iremos apresentar os dados relativos às funções textual-discursivas da repetição. Primeiramente, será demonstrada uma análise geral da presença das funções no *corpus*. A Tabela 11 traz essas informações:

Tabela 11 – Relação geral das funções no *corpus*

<b>Processos</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
Coesão	40	37%
Formulação	10	10%
Compreensão	31	28,5%
Argumentação	8	8%
Interação	18	16,5%
<b>Totais</b>	<b>107</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Como se observa na Tabela 11, predominaram no *corpus* as funções relacionadas ao processo de coesão, especificamente, nas funções de sequenciação e referenciação, sendo que a maior ocorrência deu-se na função de referenciação, com quase um quarto de todas as ocorrências de R encontradas no *corpus*, como veremos mais adiante. Outras duas marcas que também se projetaram foram a de compreensão e interação. Nos processos de formulação e argumentação, observou-se um equilíbrio dos percentuais. As diferenças mais marcantes podem ser observadas quando analisamos as funções específicas, que podem ser indicadoras de algumas tendências.

Partindo dos resultados apresentados na Tabela 11, podemos fazer algumas indagações quanto ao predomínio de duas grandes classes de funções, a coesão e a compreensão, bem como o equilíbrio entre as demais classes. Observemos um pouco mais esses resultados nos dados da Tabela 12, que traz a relação geral das funções específicas.

Tabela 12 - Relação geral das funções específicas

Processos	Função	Quant.	%
Coesão	Sequenciação	14	13%
	Referenciação	26	24%
Formulação	Rec. Estruturas	1	1%
	Correção	2	2%
	Expansão	6	6%
	Parentização	1	1%
Compreensão	Intensificação	11	10%
	Reforço	15	14%
	Esclarecimento	5	4,5%
Argumentação	Reafirmação	4	4%
	Contraste	4	4%
Interação	Incorporação	13	12%
	Responsividade	5	4,5%
<b>Totais</b>		<b>107</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A Tabela 12 permite-nos algumas conclusões que podem ser percebidas como uma tendência importante: considerando que a coesão e a formulação têm uma perspectiva muito próxima, pois constituem, segundo Silva (2001, p. 135), “o domínio da R que atua em termos de vinculação e organização de ideias dentro de um texto”, poderíamos agrupá-las em uma só categoria. Assim sendo, esses dois grandes grupos funcionais perfazem um total de 47% de todas as funções no *corpus*. Ainda, segundo Silva (2001), a coesão e a formulação pertencem ao domínio da conexão que engloba essas duas categorias funcionais nos procedimentos linguísticos de repetição que são mais perceptíveis na superfície textual.

De modo geral, os dados referentes à função coesiva tenderam a convergir com os de Marcuschi (1992), para quem, na soma das duas classes de funções, os percentuais chegaram ao total de 45,5%; já em Silva (2001), os percentuais foram mais expressivos (57%) e, finalmente, em Tagliaferre (2008), o total de participação dessas funções foi de 38,8%. A diferença, no entanto, deu-se em relação à função específica de referenciação (24%) que, neste estudo, foi superior à sequenciação

(13%), divergindo dos dados apontados por Marcuschi (1992) cujos percentuais foram de 4% e 29% e de Silva (2001) com 7% e 30%, respectivamente.

É o caso de indagarmos se essa divergência estaria relacionada ao tipo de texto trabalhado que, no caso das listas de discussão em EaD, reproduziu a sala de aula tradicional, na qual o estudante preocupa-se mais em assegurar que a informação esteja relacionada a algo que fora mencionado anteriormente pelo tutor, do que mesmo promover uma ligação linguística significativa na superfície textual.

A explicação pode estar, ainda, relacionada ao fato de que, neste estudo, seguimos as orientações de Koch (2002) de não separar o textual do discursivo, diferentemente de Marcuschi (1992) e Silva (2001) que fazem distinção entre texto e discurso ou relações locais e relações globais. Acreditamos que essa decisão teórico-metodológica teve influência muito grande na hora de identificarmos as funções das R, especialmente, na função coesiva, que abarcou as funções relacionadas à continuidade tópica. Nossa decisão, além das orientações de Koch (2002), também se baseou em Marcuschi (1992, p. 137), quando o próprio autor reconhece que “do ponto de vista metodológico, as R com função de progressão temática deveriam ser catalogadas primariamente na função coesiva”.

Outro percentual expressivo das funções das R encontra-se no processo de compreensão, que apresentou um total de 28,5% de participação no *corpus*, distribuído nas funções específicas de intensificação (10%), reforço (14%) e esclarecimento (4,5%). Podemos interpretar essas ocorrências dentro das funções que Marcuschi (1992) define como facilitadoras da compreensão, embora o próprio autor admita que, de modo geral, todas as R com função discursiva (compreensão, argumentação e interação), estão ligadas à facilitação da tarefa do ouvinte na compreensão. Se somarmos, então, estes três grandes grupos, teremos um percentual de 53% de todas as R presentes no *corpus* estudado.

Mais um dado que merece atenção especial está relacionado às funções específicas do processo de interação. No total, foram somente 18 manifestações, com 16,5% de participação no *corpus*. Considerando que se trata de um tema pré-definido, com tempo determinado para início e término das postagens e, ainda, considerando que alguns estudantes podem ter apresentado certa dificuldade de interação no AVA, mesmo assim podemos perceber que os textos construídos no ambiente fórum de discussão indicaram um razoável nível de envolvimento. Isto

pode dar indicações de que esses textos produzidos são representantes adequados do entrecruzamento do oral e o escrito.

### 5.2.7 Correlação das funções com os tipos formais

Uma vez montado o quadro dos tipos formais de repetição e determinado o conjunto de funções que esses tipos exercem, resta-nos observar as correlações existentes entre as formas e funções das repetições.

#### 5.2.7.1 Correlação das funções com a produção

A Tabela 13 traz correlações possíveis das funções com a produção em auto e heterorrepetição.

Tabela 13 - Relação geral da distribuição das funções com as AutoR e HeteroR

Processos	Função	AutoR	%	HeteroR	%
Coesão	Sequenciação	10	9%	4	4%
	Referenciação	7	6,5%	19	17,5%
Formulação	Rec. Estruturas	1	1%	0	0%
	Correção	2	2%	0	0%
	Expansão	6	6%	0	0%
	Parentização	1	1%	0	0%
Compreensão	Intensificação	11	10%	0	0%
	Reforço	13	12%	2	2%
	Esclarecimento	5	4,5%	0	0%
Argumentação	Reafirmação	4	4%	0	0%
	Contraste	4	4%	0	0%
Interação	Incorporação	0	0%	13	12%
	Responsividade	0	0%	5	4,5%
<b>TOTAIS</b>		<b>64</b>	<b>60%</b>	<b>43</b>	<b>40%</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Observa-se, na Tabela 13, que apresenta o cruzamento das formas de produção com as funções textual-discursivas, primeiramente, uma nítida tendência das heterorrepetições com a função de coesão referencial, com 17% das produções encontradas no *corpus*. Também foram relevantes as autorrepetições de compreensão por reforço (12%) e por intensificação (10%), totalizando, juntas, 22% das ocorrências. Finalmente, temos as heterorrepetições de interação por incorporação, com 12% dos registros em todo o *corpus*.

### 5.2.7.2 Correlação das funções com os segmentos

Com a intenção de observar a existência de uma correlação entre as funções e os segmentos lexical, sintagmático e oracional, apresentamos na Tabela 14 um quadro geral que estabelece uma comparação entre funções e formas de repetição.

Tabela 14 - Relação geral das funções com os segmentos

Processos	Função	R-lexic.	R-sintagm.	R-orac.
Coesão	Sequenciação	13	-	1
	Referenciação	24	2	-
Formulação	Rec. Estruturas	-	-	1
	Correção	-	2	-
	Expansão	-	2	4
	Parentização	1	-	-
Compreensão	Intensificação	-	8	3
	Reforço	8	3	4
	Esclarecimento	2	3	-
Argumentação	Reafirmação	-	-	4
	Contraste	-	1	3
Interação	Incorporação	-	2	11
	Responsividade	5	-	-
<b>Totais</b>		<b>53</b>	<b>23</b>	<b>31</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Com base nos dados apontados na Tabela 14, em cotejo com os dados da Tabela 13, temos algumas observações que dão um quadro das tendências gerais que permitem consolidar o delineamento final das correlações entre as funções e os tipos formais das R. Vejamos:

a) coesão: predomínio das R-lexicais nos tipos formais de autorrepetição e heterorrepetição. Esses dados convergem com os resultados apontados por Marcuschi (1992), que também concluiu em seu estudo a predominância das R-lexicais na função coesiva, seguidas das R sintagmáticas. Comparando como os dados de Bessa Neto (1991), que trabalhou apenas as R-lexicais, notamos também uma convergência nos resultados da autora que, embora tenha utilizado a nomenclatura conexão na classificação das R com função coesiva, constatou em seu *corpus* que as R-lexicais representaram 50% das ocorrências nessa função.

b) formulação: função exercida predominantemente pelas R-oracionais e R-sintagmáticas, ambas em autorrepetição. Esses resultados foram muito aproximados aos de Marcuschi (1992), que classificou essa função como predominantemente própria das autorrepetições oracionais e sintagmáticas. Os resultados também convergem com os dados conclusivos de Tagliaferre (2008) que destacou como relevante a autorrepetição de formulação, especificamente, expansiva, convergindo ainda mais com nossos achados.

c) compreensão: predomínio das autorrepetições R-sintagmáticas, seguidas das R-lexicais também em autorrepetição. Nossos achados convergiram em parte com as conclusões de Marcuschi (1992), em cujo estudo predominaram as R-oracionais e R-sintagmáticas. Podemos encontrar alguma explicação para essa divergência na função específica de reforço, que se projetou de modo relevante entre as R-lexicais, especialmente, no item lexical “comunicação” que teve, ao todo, 51 entradas no *corpus*, das quais 34 foram de repetições literais e 17 foram com variação. Essa recorrência da palavra pode ser entendida melhor em Bessa Neto (1991, p. 107), para quem a “repetição por reforço atua em situações em que o falante marca o item lexical mais importante da sequência que acabou de concluir”. Nesse caso, o item lexical “comunicação” foi considerado o mais importante pelos estudantes, uma vez que aludia ao tema do fórum.

d) argumentação: predomínio das R-oracionais em autorrepetição. Mais uma vez, convergindo com Marcuschi (1992), pode ser constatada no trabalho do autor a relevância das autorrepetições oracionais na função de argumentação por reafirmação e contraste.

e) interação: nesta função, temos novamente o predomínio das R-oracionais em heterorrepetição que, conforme Marcuschi (1992), tem como específicas as funções de incorporação e responsividade. Tagliaferre (2008) também concluiu como relevantes as heterorrepetições por responsividade no *corpus* estudado.

Como, neste estudo, não fizemos a separação entre texto e discurso, não foi possível prosseguir, deste ponto em diante, com o aprofundamento das análises comparativas entre os dados levantados e os resultados dos demais autores em relação à porcentagem de ocorrências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta fase do trabalho, buscou-se demonstrar que o fenômeno linguístico da repetição cumpre um papel significativo no texto eletrônico escrito, produzido por estudantes de EaD do Centro de Educação Tecnológica do Estado do Amazonas. Com base na análise das formas e funções que o fenômeno assume na organização textual-discursiva, observou-se sua importância, sobretudo, na coesão referencial e sequencial, no apoio ao processo de compreensão das unidades de informação e na busca do envolvimento com o outro para um bom andamento da interação.

Os procedimentos de repetição constituem também uma base propícia de apoio à argumentação, seja na função de reafirmação, seja de contraste. Além disso, observamos que os segmentos em autorrepetição tiveram papel importante no planejamento linguístico, confirmando a tese dos autores nos quais nos aportamos de que o fenômeno é uma importante estratégia de formulação textual.

Retornando às questões de trabalho postas inicialmente, chega o momento de registrarmos as respostas às perguntas formuladas no capítulo 4, quais sejam:

- a) Quais as formas de repetição identificadas no texto eletrônico de alunos de EaD, seus contextos de produção, o estatuto linguístico predominante, a distribuição e a configuração?
- b) Quais as funções assumidas pela repetição e sua importância nos processos de produção, compreensão e organização textual-discursiva?

Em relação às primeiras indagações, cabe registrar que foram identificados 15 tipos formais de repetição, dos quais 5 tipos foram produzidos em autorrepetição e 5 em heterorrepetição, 3 tipos foram produzidos somente em autorrepetição e 2 tipos foram produzidos apenas em heterorrepetição. Quanto ao estatuto linguístico, observou-se que a R lexical predominou entre os três segmentos analisados, com 53 registros. Em relação à distribuição, as repetições próximas foram muito expressivas, perfazendo 101 registros, do total 107 repetições registradas no *corpus*.

Concluindo as respostas ao primeiro grupo de indagações, observamos que predominaram as repetições de configuração complexa, quando há uma variação em relação à matriz, com 63 registros (58,9%). Constatamos que esse resultado foi fortemente influenciado pelos segmentos oracional e sintagmático, uma vez que é mais difícil repetir integralmente segmentos maiores, como sintagmas e orações.

Retomando agora o segundo grupo de indagações, os resultados de nossos estudos mostraram que as funções textual-discursivas assumidas pela repetição somaram, ao todo, 13 tipos funcionais. Dentre as funções mais representativas, destacamos três grupos: as funções de natureza coesiva (37%), as funções por compreensão (28,5%) e as funções por interação (16,5%). Com isso, vamos abordar a próxima questão a ser respondida que trata da importância do fenômeno nos processos de produção, compreensão e organização do texto escrito eletrônico.

Nesses três grandes grupos de funções, percebeu-se que as R com função de coesão são altamente favorecedoras da organização textual-discursiva, à medida que também contribuem para que o texto avance, acrescenta-lhe novo conteúdo. Outra questão está relacionada à função de compreensão das repetições que agiram na facilitação da tarefa do ouvinte, atuando nas funções específicas de intensificação, reforço e esclarecimento.

Quanto às funções de interação por responsividade e por incorporação, cabe registrar que, embora os textos tenham revelado um baixo grau de interatividade, mesmo assim percebemos como satisfatórias as ocorrências registradas que, convergindo com Marcuschi (1992), deram-se expressivamente em heterorrepetição, desfazendo, em parte, nossa crença inicial de que os interactantes não buscaram a interação, pois, ao contrário de nossas percepções prévias, os resultados das funções interativas em heterorrepetição reforçaram o entendimento de que os estudantes compensaram a falta de interação do tutor com a turma, por meio da R responsiva e por incorporação como estratégia de interação.

Ainda em relação às heterorrepetições, os resultados revelaram percentuais expressivos do fenômeno no nível lexical e na posição de proximidade, diferentemente dos dados apontados por Marcuschi (1992), em cujo trabalho observou que as heterorrepetições lexicais próximas foram menos recorrentes.

É provável que essa diferença esteja relacionada ao ambiente fórum de discussão em AVA, onde se realizaram as postagens, pois se trata de um espaço de sala de aula que, mesmo virtual, reproduz, em parte, o ambiente pedagógico tradicional, no qual o lugar de onde o professor (tutor) fala exerce grande influência nas produções dos estudantes, que reproduziram partes do discurso do outro (tutor), por meio de heterorrepetição.

Situação semelhante foi relatada em estudos sobre a interação verbal no ensino a distância, na qual se detectou também, em ambiente fórum de discussão,

que os “participantes ainda agem como meros reprodutores de ideias, pois apenas trazem outros discursos para responder ao fórum aberto pelo professor sem debater entre si (aprendentes) o tema proposto.” (SILVA, T., 2011, p. 10).

Acreditamos que foram vários os resultados positivos, mas nos restam ainda algumas indagações quanto à ocorrência do fenômeno no contexto de escrita *online* que podem sugerir um encaminhamento para novos estudos sobre as relações entre oralidade e escrita.

A primeira questão levantada está nas conclusões que encontramos em Silva (2001, p. 200) que, ao chegar ao final de sua pesquisa, coloca “em julgamento a afirmação corrente na literatura linguística de que a repetição é um traço central da oralidade”. Segundo a autora, que analisou textos orais e escritos de jovens brasileiros e mexicanos, já não é mais possível afirmar com veemência que o fenômeno é uma característica básica da fala. Embora considere que a repetição tenha suas raízes fincadas na oralidade, as análises dos dados qualitativos da autora, em cotejo com o quantitativo de ocorrências, mostraram uma distribuição harmônica das repetições nos textos escritos em comparação aos orais.

A constatação de Silva (2001) pode vir a reafirmar o postulado estabelecido por Tannen (1987) de que há uma tendência universal do ser humano em repetir, além de abrir-nos uma nova linha de estudo que poderia tomar como ponto de partida os resultados deste trabalho, para confirmar ou não, se as repetições no contexto de produção estudado são uma evidência da presença do oral no escrito.

A outra indagação caminha na mesma direção, pois consiste na necessidade que percebemos, ao final de nosso estudo, de uma análise comparativa com textos orais de estudantes da modalidade presencial, com a ampliação do *corpus*. Por meio dessa comparação, é provável que possamos observar semelhanças e diferenças linguísticas entre esses dois contextos de produção textual, confirmando ou negando a tese de que a repetição é uma marca da oralidade na escrita eletrônica de alunos em fórum de discussão de EaD.

Com este estudo, também acreditamos ser possível tecer algumas considerações que podem ser tomadas como contribuições para todos aqueles que se dedicam aos aspectos pedagógicos da EaD, principalmente, aos tutores (distância e presencial) e ao professor de língua portuguesa tanto na modalidade presencial quanto em EaD.

Primeiramente, ao tutor presencial, considerando que, por não ter formação na área da linguagem, faz-se necessário que a instituição amplie o foco de atenção a esse profissional. Essa ação pode ocorrer por meio de treinamento prévio sobre o caderno da disciplina e maior apoio no trabalho de orientação ao aluno. A atenção também deve ser redobrada nos municípios-polo mais distantes da capital, uma vez que, em alguns casos, o tutor presencial é o primeiro e o único contato face a face do estudante com um representante legal da Escola durante o componente curricular. Observamos, ainda, que o maior aproveitamento na disciplina e a participação dos alunos no AVA estão relacionados ao maior grau de envolvimento do tutor presencial nas atividades do componente curricular, o que nos dá alguma indicação de que esse contato face a face é, ainda e também, muito importante em EaD.

Em segundo lugar, ao tutor a distância e ao professor da disciplina, é fundamental que reflitam sobre suas ações no espaço da sala de aula virtual. Para tanto, precisam partir de uma compreensão interacionista da língua, vendo-a como fenômeno social, dinâmico e dialógico, por meio do qual conheçam e desenvolvam novas estratégias de interação, além de aperfeiçoar aquelas já disponíveis no AVA. Dessa maneira, poderão contribuir para que o aluno possa, também, reconhecer seu papel de sujeito no ambiente virtual de aprendizagem e, assim, construir um percurso formativo voltado ao desenvolvimento de habilidades e competências necessárias a sua formação profissional.

Dessa forma, destacamos o quão fascinante foi adentrarmos no mundo dos aparatos teóricos que contemplam os estudos das formas e funções da repetição. Para tanto, dedicamo-nos à construção de um trabalho que pudesse apontar a presença de segmentos repetidos na comunicação assíncrona como mecanismo favorecedor da organização textual-discursiva, ao contrário de um empobrecedor da língua ou de simples redundância.

Finalmente, cabe mais uma contribuição a toda a equipe pedagógica de EaD: é necessária a adoção de uma postura reflexiva a respeito da condução da prática didático-pedagógica no AVA. Em especial, frisamos a necessidade de se contemplar as diversas manifestações de repetição como um recurso do qual o estudante pode valer-se para desenvolver suas habilidades na expressão escrita, pois, como conclui Silva (2001, p. 203), “ninguém repete por repetir...”.

## REFERÊNCIAS

ADAM, J-M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, M. E. B. **Educação à distância no Brasil: diretrizes, políticas, fundamentos e práticas**. Disponível em: <[http://cecemca.rc.unesp.br/cecemca/EaD/artigos/atigo%20Beth%20Almeida%20RI BIE.pdf](http://cecemca.rc.unesp.br/cecemca/EaD/artigos/atigo%20Beth%20Almeida%20RI%20BIE.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2012.

ANDRADE, J. A. **Repetição e marcadores discursivos na produção textual de alunos: uma apropriação discursiva da escrita**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras. Recife, PE: 2006.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BESSA-NETO, Regina. **A Repetição Lexical em textos Narrativos Oraís e Escritos**. 1991. 235 f. Mimeo. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

BRAGA, M. L. **As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro**. Organon. Porto Alegre: UFRGS/Instituto de Letras, 19 (1): 109-25, 1991.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394, de 20 de dezembro 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2013.

BRASIL. Decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec\\_5622.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2013.

CALVET, L-J. **Tradição oral & tradição escrita**. São Paulo: Parábola, 2011.

CÂMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CAMPOS, G. H. B; ROQUE, G. O. ; AMARAL, S. B. **Dialética da Educação a Distância**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

CASTILHO, A. T. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Língua Falada no Ensino do Português**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CETAM-EAD. **Manual do Estudante: Educação Profissional e Tecnológica**. Manaus-AM: 39 p. 2011.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS. **Informações Municipais - São Gabriel da Cachoeira - AM**. 2013. (Apêndice C). Disponível em: <[http://www.cnm.org.br/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=382](http://www.cnm.org.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=382)>. Acesso em: 13 fev. 2013.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <<http://irenehc89ukm.files.wordpress.com/2010/02/david-crystal.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2011.

DURAN, D. **Letramento digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações**. São Paulo: Hucitec, 2010.

FÁVERO, L. L; ANDRADE, M. L. C.V. O; AQUINO, Z.G.O. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. Considerações em torno do ato de estudar. In: **Ação cultural para a liberdade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GALLO, S. L. **O ensino da língua escrita X o ensino do discurso escrito**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: Unicamp, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. New York: Longman, 1976.

HILGERT, G. A construção do texto falado por escrito na Internet. In: PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2006. p.17-55. (Projetos Paralelos – NURC/SP – Núcleo USP, v. 4).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades@**. Apresenta informações estatísticas, populacionais, histórico e código dos municípios do Amazonas, com base no Censo Demográfico 2010 (IBGE). (Apêndice C). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

JUBRAN, C. C. A. S. Funções textuais-interativas dos parênteses. **Gramática do Português Falado**, Campinas, SP, v. 7, p. 131-158, 2002.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2010.

KENSKI, V. M. **Educação e Comunicação: interconexões e convergências**. Campinas, v. 29, n. 104, p. 647-665, out. 2008. Edição especial.

KOCH, I. V. **Introdução à Linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_ **A coesão textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_ A repetição e suas peculiaridades no português falado no Brasil. **Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino**, São Paulo, p.118-127, nov. 2001.

\_\_\_\_\_ **O texto e a construção do sentido**. Campinas, SP: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_ Funções retóricas e interativas da repetição. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, n. 15, 139-147, jul. 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Atlas, 1999.

LITTO, F. M. **Aprendizagem a distância**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

MAPAS PARA COLORIR. **Mapa dos municípios do Amazonas**. Elaborado a partir da base cartográfica do IBGE. 1 mapa. Escala indeterminável, Disponível em: <<http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/estado/am/estado-amazonas-municipios.png>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

MARCUSCHI, L. A. **A Repetição na Língua Falada: Formas e Funções**. 1992. 196 p. Tese (Livre Docência) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 1992.

\_\_\_\_\_ **Da fala para a escrita; atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_ A repetição na língua falada como estratégia de reformulação textual. **Gramática do Português Falado**, Campinas, SP, v. 6, p. 105-141, 2002.

\_\_\_\_\_ **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Disponível em: <[http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes\\_portugues/anexos/texto-15.pdf](http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf)> Acesso em: 23 agost. 2012.

MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MELO, C. T. V. **Análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/%C0%20NO%C7%C3O%20DE%20ACESSIBILIDADE%20ILIMITADA%20DA%20INTERNET.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2011.

MERCADO, L. P. L.; ARAÚJO R. S. Letramento digital nas interações on-line: análise dos fóruns de discussão do programa de formação continuada em mídias na educação. Brasília: **Estudos RBEP**, v. 91, n. 227, p. 178-232, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1501/1318>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

MORATO, E. M. O Interacionismo no Campo Linguístico. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. (Org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2007. p.311-351.

MORGADO, L. O papel do professor em contextos de ensino *online*: problemas e virtualidade. In: **Discursos**, III Série, n. especial, p. 125-138, Univ. Aberta, 2001.

OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização na repetição. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 72-82.

PEREIRA, Alice T. Cybis. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem em Diferentes Contextos**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA ISABEL DO RIO NEGRO. **Município: histórico, localização e legislação**. 2009. Santa Isabel do Rio Negro. (Apêndice C) Disponível em: <<http://www.santaisabeldorionegro.am.gov.br/contato.php>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

RONCARATI, C. Repetição e saliência na construção do texto oral: questões e aplicações. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, n. 15, 139-147, jul. 1994.

SECRETARIA DE GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. **Mapas dos municípios do Amazonas e áreas limítrofes**. Amazonas, 2005. 5 mapas, color. Escala indeterminável. (Apêndice C). Disponível em: <[http://www.segov.am.gov.br/programas\\_03.php?cod=0149](http://www.segov.am.gov.br/programas_03.php?cod=0149)>. Acesso em: 13 fev. 2013.

SILVA, D. E. **A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito**. Brasília: Plano UnB, 2001.

SILVA, T. C. G. O dialogismo no fórum acadêmico: um estudo da interação verbal no ensino a distância. **Hipertextus Revista Digital**, n.6, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume6/Hipertextus-Volume6-Telma-Cristina-Gomes-da-Silva.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

SOUZA, R. A. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**, Belo Horizonte, MG, p. 16-41, 2010.

TAGLIAFERRE, R. C. S. **Formas e funções da repetição no contexto das afasias**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

TANNEN, D. Repetition in conversation: Toward a poetics of talk. *Language*. Georgetown University. **Language**, vol. 3, number 3, p. 574-605, 1989.

\_\_\_\_\_ **Repetition in conversation as spontaneous formulaicity**. Mouton de Gruyter, Amsterdam, text 7 , p. 215-243, 1987.

## APÊNDICE A – Excertos dos originais em inglês das citações referenciadas nas notas explicativas 1, 2 e 4

As citações diretas de Crystal (2004), Tannen (1987, 1989) e Halliday e Hasan (1976) foram traduzidas dos textos originais em inglês pelo professor Paulo Renan Gomes da Silva, Ph.D., tradutor público e intérprete comercial juramentado, JUCEA n. 10.

### a) citação constante na p. 28 deste trabalho

In Becker's terms, all utterance, all language, is the reshaping of prior text to new contexts. Becker (1984b) examines reduplication and repetition as variants of a strategy of repeating at different levels in an episode from a Javanese shadow play. He concludes that such discourse strategies constitute the grammar of a language: not abstract patterns but actual bits of text which are remembered, more or less, then retrieved to be reshaped to new contexts. By a process of repetition, 'the actual *a priori* of any language event — tte real deep structure — is an accumulation of remembered prior texts.... And our real language competence is access, via memory, to this accumulation of prior text.' (BECKER, 1984b, p. 435 *apud* TANNEN, 1987, p. 218)

### b) citação constante na p. 32 deste trabalho

Many new technologies are anticipated, which will integrate the Internet with other communication situations, and these will provide the matrix within which further language varieties will develop. We have already seen this happen with broadcasting technology: radio brought a new kind of language, which quickly yielded several subvarieties (commentary, news, weather . . .); then television added a further dimension, which similarly evolved subvarieties. (CRYSTAL, 2004, p. 224)

### c) citação constante na p. 34 deste trabalho

What makes Netspeak so interesting, as a form of communication is the way it relies on characteristics belonging to both sides of the speech/writing divide. At one extreme is the Web, which in many of its functions (e.g. databasing, reference publishing, archiving, advertising) is no different from traditional situations which use writing; indeed, most varieties of written language can now be found on the Web with little stylistic change other than an adaptation to the electronic medium [...]. [Any attempt to identify the stylistic distinctiveness of Web pages will need to deal with the same sort of visual and graphic matters as any other variety of written expression. In contrast to the Web, the situations of e-mail, chatgroups, and virtual worlds, though expressed through the medium of writing, display several of the core properties of speech. (CRYSTAL, 2004, p. 28-29)

d) citação constante na p. 36 deste trabalho

The distinction between asynchronous and synchronous situations is not absolute. Some authors have noted the 'asynchronous quality [of] synchronous computer conferences'. If someone is offline, in a synchronous chatgroup, messages can be left in that person's buffer to be read later. Or again, it is possible to save the text of a real-time business meeting so that it can be replayed later to another group (perhaps in a different timezone) who will comment upon it. These comments are then saved and returned to the first group for further comment; and so the discussion continues. (CRYSTAL, 2004, p.167)

e) citação constante na p. 90 deste trabalho

Reiteration is a form of lexical cohesion which involves the repetition of a lexical item, at one end the scale; the use of a general word to refer back to a lexical item, at the other end of the scale; and a number of things in between. (HALLIDAY e HASAN, 1976, p.278)

f) citação constante na p. 96 deste trabalho

The automatic nature of repetition and variation facilitates comprehension by providing semantically less dense discourse. If some of the words are repetitious, comparatively less new information is communicated than if all words uttered carried new information. (TANNEN, 1989, p. 582)

g) citação constante na p. 28 deste trabalho

Why do humans experience a drive to imitate — a drive that is intensified in Tourette's syndrome? Freud observed, in a line which Kawin (1972: 1) uses as the epigraph to a book on repetition in literature and film, 'Repetition, the re-experiencing of something identical, is clearly in itself a source of pleasure'. In a related observation, Norrick (1985: 22), citing Mieder (1978), notes that 'newspaper headlines are often modelled on proverbs and proverbial phrases in order to attract attention and arouse emotional interest'. (TANNEN, 1987, p. 234)

## APÊNDICE B - Apresentação do *corpus*

O presente *corpus* escrito é composto por trinta postagens extraídas do fórum de discussão “A importância da comunicação”, atividade de interação constante da disciplina português instrumental, do curso técnico de nível médio em hospedagem, na modalidade de EaD, do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM) e foram postadas no período de 2 de junho a 4 de julho de 2011.

Na intenção de apresentarmos material linguístico relevante para o estudo da presença do fenômeno da repetição nas interações assíncronas de estudantes e tutor de EaD, organizamos as postagens de forma linear, evitando-se qualquer tipo de apagamento ou uso da expressão latina *sic* nas construções em desacordo com a norma padrão. As postagens foram codificadas conforme o sistema de citação de exemplos para análise dos dados, apresentado no item 4.5 do trabalho.

Algumas tarefas antecederam o fórum de discussão que contou com uma atividade preparatória, na qual foram apresentadas aos estudantes as primeiras noções de linguagem propostas pelo tutor por meio de um vídeo intitulado “Falhas na Comunicação” e no qual são apresentadas situações de equívocos ou ambiguidades linguísticas.

Em relação ao texto de abertura do fórum, este foi considerado, para a organização e análise do *corpus*, como a postagem número 1. Conforme as atribuições definidas pela escola CETAM-EaD, essa primeira postagem é necessariamente feita pelo tutor. Observou-se que os alunos dirigiram-se diretamente ao tutor, sem comentar as postagens feitas por outros colegas da sala de discussão.

## POSTAGENS DE 1 A 30, LINHAS 1-148

### Cód. 1 – MAO – L 1-7

Por tutor a distância

- 1- Caro Estudante!
- 2- Podemos dizer grosso modo que a linguagem é como uma vestimenta,
- 3- dependendo do ambiente em que se esteja, deve-se usar uma determinada
- 4- linguagem. O que você pensa acerca dessa colocação? Quais são suas
- 5- considerações sobre? Lembrando que nos Fóruns, você terá 30 minutos
- 6- para modificar as mensagens depois que forem enviadas.
- 7- Conto com você

### Cód. 2 – ITA – L 8-15

por RMA – quinta, 2 junho 2011, 20:18

- 8- Podemos dizer a meu modo, que concordo plenamente com a colocação do
- 9- professor. A linguagem transmite algo sobre você, sobre sua personalidade.
- 10- É claro que quando esta em um ambiente de trabalho, você não vai abrir a
- 11- boca para falar certos assuntos, assim como usar certas palavras, deve –
- 12- se ter respeito. Já entre seus amigos a linguagem corre mais solta, a
- 13- pessoa se sente mais a vontade para usar certos palavriados e discutir
- 14- outros assuntos. Assim como entre pessoas mais velhas ou crianças.
- 15- Então realmente tudo depende muito do ambiente em que se estar

### Cód. 3 – MAO – L 16-22

por SSS – segunda, 6 junho 2011, 19:19

- 16- Concordo, pois como a vestimenta tem seus modelos diferentes para cada
- 17- ocasião, a linguagem da mesma forma tem momentos que não podemos
- 18- falar de forma, mas despojada, com determinadas pessoas assim como
- 19- nossos amigos e com outras pessoas e necessários falar de uma forma
- 20- formal, pois não há uma intimidade, exemplo não posso me dirigir ao
- 21- diretor de minha empresa e trata-lo da mesma forma como uma amiga de
- 22- infância.

### Cód. 4 – MAO – L 23-28

por OAS – segunda, 6 junho 2011, 21:31

- 23- Concordo plenamente a linguagem devem ser bem explorada.
- 24- So devemos falar em certos local quando estamos participando do
- 25- elaborado assunto, por exemplo em um reunião. E tão importante a
- 26- comunicação que entre dois seres so pelo olhar se comunicar entre sim.
- 27- não e tão importante usar um roupar bonita, o importante e saber se
- 28- expressar

**Cód. 5 – SGC – L 29-37**

por EB – quarta, 8 junho 2011, 16:01

29- a linguagem é a representação do pensamento por meio de sinais que  
 30- permitem a comunicação e a interação entre as pessoas. o ser humano  
 31- não vive sem se comunicar a comunicação é essencial na vida do ser  
 32- humano. o ser humano precisa se comunicar durante ao longo do dia  
 33- pode ser em casa na, na rua, no trabalho em qualquer lugar que estamos.  
 34- Quando falamos ou escrevemos, o nosso objetivo é comunicar alguma  
 35- coisa para alguém, podemos realizar a comunicação através de gestos,  
 36- desenho, símbolos, dentre tantas outras formas. É assim comunicamos  
 37- variadas maneiras ao longo da nossa vida.

**Cód. 6 – SIRD – L 38-40**

por ZML – quarta, 8 junho 2011, 18:28

38- É a pura verdade, devemos tomar bastante cuidado com o que falamos  
 39- em determinados lugares, por exemplo tem certos lugares q não se deve  
 40- usar as gírias e sima a norma culta da língua portuguesa

**Cód. 7 – SIRD – L 41 – 44**

por REM – quarta, 8 junho 2011, 19:04

41- Hoje a comunicação esta muito mais presente em nossos lares, bem  
 42- como, com mais tecnologia, mais também ainda nos deparamos com muita  
 43- falha na comunicação em lugares mais distante, por falta de interesse de  
 44- pessoas responsáveis pela empresa.

**Cód. 8 – SGC – L 45-49**

por JPS – quinta, 9 junho 2011, 19:10

45- No meu entender a comunicação é importante pois é através desta que nós  
 46- comunicamos com as pessoas e ainda aprendemos a reconhecer vários  
 47- tipos de linguagem e de gênero, seja ela utilizada adequadamente ou não,  
 48- ou seja, na norma culta ou popular, ainda dessa forma estabelecer uma  
 49- comunicação para aumentar seu nível de compreensão e interação

**Cód. 9 – SGC – L 50 – 54**

por EJB – sexta, 10 junho 2011, 21:59

50- No meu entender a linguagem é muito importante na expressão e na  
51- comunicação. Através desta qualificação social do ser humano é  
52- observado o seu modo de dirigir com as pessoas ou seja em qualquer  
53- ambiente tem que ter uma linguagem clara e respeito. Através disso que a  
54- sua personalidade passa a ser uma linguagem bem comunicativa.

**Cód. 10 – SGC – L 55 – 57**

por LPP – sexta, 10 junho 2011, 22:04

55- concordo com a colocação do professor a linguagem nos transmite sobre  
56- você e personalidade nos ambiente do trabalho devemos respeita uns ao  
57- outros porque linguagem é muito importante na vida de um ser humano

**Cód. 11 – SGC – L 58 – 62**

por MPP – sexta, 10 junho 2011, 22:11

58- Concordo com esta afirmação, a linguagem é um conjunto de sinais que  
59- todos os seres humanos utilizam para se comunicar, principalmente a  
60- linguagem verbal é utilizada por toda comunidade que é realmente rica e  
61- possui uma quantidade suficiente de sinais para que seus usuários  
62- possam expressar o maior número de ideias com facilidade.

**Cód. 12 – SGC – L 63 – 67**

por DTS – sábado, 11 junho 2011, 12:29

63- olá professor, eu entendi que a linguagem que o senhor cita para nós é de  
64- grande importância porque onde você for falar uma das linguagem que  
65- seja falada devidamente claro para que nos possamos entender, como  
66- exemplo do texto, se não ler entender, praticamente está fora, não é  
67- mesmo professor? Um abraço a todos.

**Cód. 13 – SORN – L 68 – 69**

por TCS – terça, 14 junho 2011, 16:06

68- eu acho muito interessante que pra cada estado tem um modo de  
69- comunicação, o jeito que as pessoas falam as gírias.

**Cód. 14 – MAO – L 70 –76**

por TDS – terça, 14 junho 2011, 20:56

70- A comunicação é uma das coisas de maior importância em nossas vidas,  
71- a nossa linguagem é algo que transmite como e nossa personalidade, é a  
72- troca de informações, idéias e sentimentos, processos que mantém os  
73- indivíduos em contato permanente e em todas as circunstâncias. Se  
74- comunicar é algo prazeroso que nos faz ser comunicativo, dependendo do  
75- local onde estivermos a comunicação varia sendo que ela é base de  
76- tudo.....

**Cód. 15 – SORN – L 77 – 81**

por JSM – quinta, 16 junho 2011, 18:41

77- Concordo, porque em cada ambiente devemos ter uma linguagem, um  
78- modo de se expressar diferente, não podemos tratar as pessoas de um  
79- ambiente de trabalho como se estivéssemos em uma roda de amigos,  
80- assim acredito que o modo de se comunicar depende de cada lugar em  
81- que se esteja.

**Cód. 16 – MAO – L 82- 88**

por FSV – quinta, 16 junho 2011, 18:45

82- A comunicação é primordial em todo momento de nossas vidas, por que  
83- sem a comunicação não temos notícias de nossos familiares e  
84- amigos.podemos nos comunicar através de telefones cartas internet, e  
85- outros tipos de sinais nos nos comunicamos com outras pessoas que  
86- tenham deficiência auditivas em tão a comunicação é muito importante. A  
87- comunicação é como uma roupa que precisamos usa-lo temos que ter  
88- para podermos sair.

**Cód. 17 – SGC – L 89 – 92**

por ECG – quinta, 16 junho 2011, 20:17

- 89- podemos dizer que concordo plenamente com a colocação do professor.
- 90- A linguagem transmite algo sobre cada um de nós . Podemos dizer que a
- 91- linguagem demonstra o nosso caráter.e em cada lugar q vamos
- 92- aprendemos linguagens diferentes

**Cód. 18 – SGC – L 93- 94**

por DAL – segunda, 20 junho 2011, 16:54

- 93- Olá professor, é muito bom aprender vários tipos de linguagem e de
- 94- gênero p/ poder comunicar c/ os outros ou melhor trocar idéias.

**Cód. 19 – NHD – L 95 – 101**

por TAS – terça, 21 junho 2011, 18:02

- 95- Sim tambem concordo, pois para cada local que estamos precisamos nos
- 96- adequar e nos comunicar de acordo com a pessoa que estamos falando,
- 97- quando estamos em qualquer lugar muitas vezes nem ligamos com as
- 98- palavras que falamos, e nem com que estamos vestidos, mas a
- 99- comunicação é básica para a vida social. Se você vive em algum tipo de
- 100- sociedade, não há como não comunicar. Mesmo que você não queira se
- 101- expressar já constitui em tipo de comunicação para cada ocasião.

**Cód. 20 – NHD – L 102 – 106**

por SBM – terça, 21 junho 2011, 21:01

- 102- Para se falar de comunicação devemos relembrar importância dela na
- 103- vida de cada um,principalmente na hora que vamos se expressar com
- 104- outra pessoa, devemos falar de forma que ela possa entender o que
- 105- falamos para não prejudicar alguém,pois a comunicação faz parte do
- 106- nosso dia –a- dia

**Cód. 21 – MAO – L 107 – 111**

por DOL – terça, 21 junho 2011, 21:19

107- A comunicação é muito importante, de modo que sem ela não  
 108- conseguiríamos viver no mundo em que vivemos. E ainda existe diversos  
 109- meios para nós nos comunicarmos. Como, a televisão, internet, rádio,  
 110- telefone, propagandas, cartas e etc... Até uma simples fumaça é um  
 111- meio de comunicação, pois é um sinal que ali tem fogo.

**Cód. 22 – SIRD – L 112 – 114**

por LAG – quinta, 23 junho 2011, 19:13

112- O professor realmente a linguagem uma vestimenta porque não  
 113- podemos falar de qualquer jeito devemos ter modos de pronunciar  
 114- palavras, em cada ocasiões é muito importante sabermos nos comunicar.

**Cód. 23 – SGC – L 115 - 119**

Por RRN – sexta, 24 junho 2011, 17:44

115- Concordo com as colocações do professor!!É interessante como  
 116- qualquer sinal nos permite nos comunicarmos... O modo como olhamos  
 117- para os nossos filhos por exemplo já é uma linguagem que nos permitir  
 118- nos comunicarmos...E em certos ambiente o modo como nos vestimos já  
 119- traduz inclusive até o evento que tu estás envolvida!!!

**Cód. 24 – SGC – L 120 – 127**

por AAR – segunda, 27 junho 2011, 13:51

120- comunicação é a forma como as pessoas se relacionam entre si,  
 121- dividindo e trocando experiências, idéias, sentimentos, informações,  
 122- modificando mutuamente a sociedade onde estão inseridas. Sem a  
 123- comunicação, cada um de nós seria um mundo isolado. Comunicar é  
 124- tornar comum, podendo ser um ato de mão única, como transmitir A  
 125- comunicação está contida no nosso ambiente social. Em uma conversa  
 126- de esquina, em um gesto qualquer de reprovação, em um sinal de  
 127- trânsito, em um espetáculo de dança ou em diálogo entre surdos-mudos.

**Cód. 25 – SIRM – L 128 – 131**

por EBS – segunda, 27 junho 2011, 18:49 (1)

128- Estou de acordo com o que o professor colocou. As pessoas muitas  
129- vezes tentam se expressar duma forma, mas o receptor não atende  
130- daquela forma que ele tentou colocar e sim da sua maneira de entender.  
131- Em muitos lugares, as pessoas não usam a linguagem correta.

**Cód. 26 – SGC – L 132 – 137**

por LGM – segunda, 27 junho 2011, 18:59

132- A linguagem é muito importante no nosso dia a dia, cabe a nós saber  
133- usar a colocação correta. A comunicação está presente em toda parte,  
134- devemos usar palavras adequadas para cada ambiente. Por exemplo:  
135- nas ruas encontramos as placas de sinalização de transito, isto também  
136- é um meio de comunicação (código). Portanto a linguagem está presente  
137- em toda parte, até mesmo no meu modo de vestir.

**Cód. 27 – SGC – L 138 – 139**

por RCP – segunda, 27 junho 2011, 20:43

138- A comunicação é muito importante no nosso dia a dia devemos saber  
139- usar palavras corretas em qualquer lugar que estivermos.

**Cód. 28 – SGC – L 140 – 141**

por TMS – quinta, 30 junho 2011, 19:00

140- No meu entender a comunicação é importante pois é através desta que  
141- nós comunicamos com as pessoas.

**Cód. 29 – SGC – L 142 - 146**

por IMF – sábado, 2 julho 2011, 09:43

142- Então, a comunicação é uma forma de onde as pessoas incluem na  
143- informação entre si, pode ser sujeito ou objeto, por isso, envolve a troca  
144- de comunicação entre as pessoas, que pode ser através da fala ou de  
145- escrita, podendo ser um ato de mão única; a comunicação esta contida  
146- em nosso ambiente social.

**Cód. 30 – NHD – L 147 – 148**

por RCP – segunda, 4 julho 2011, 21:17

147- A COMUNICAÇÃO É MUITO IMPORTANTE NO NOSSO DIA A DIA  
148- SEM A COMUNICAÇÃO NÃO PODEMOS SOBREVIVER.

## APÊNDICE C – Informações sobre a caracterização geográfica, aspectos culturais e históricos dos municípios abrangidos no estudo

### 1 ITACOATIARA

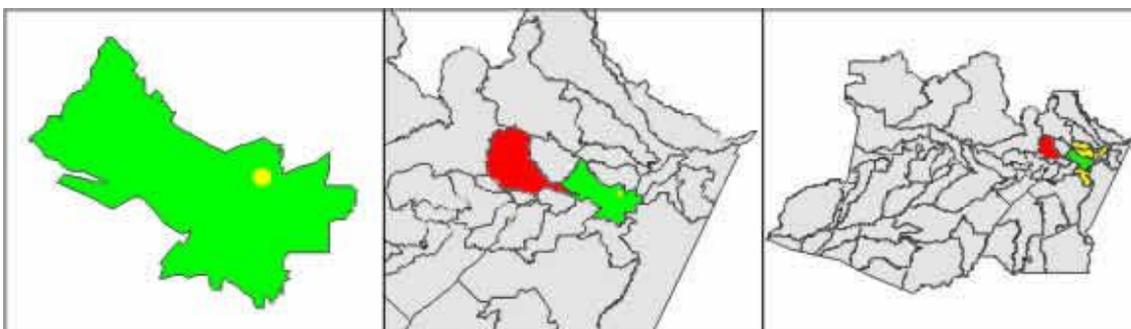
O município de Itacoatiara, segundo o censo do IBGE (2010), possui uma área territorial de 8.892,038 Km<sup>2</sup> e uma população de 86.839 habitantes. A densidade demográfica do município é 9,77 habitantes por Km<sup>2</sup>.

A história da cidade data de 1759, quando a então aldeia de Itacoatiara é elevada à vila, com a denominação de Serpa. Ainda segundo o IBGE (2010), o município foi a terceira vila instalada no Amazonas, antecedida apenas pelos municípios de Borba e Barcelos, configurando-se como uma das mais importantes aglomerações da região.

O nome Itacoatiara provém de origem tupi-guarani, que significa pedra pintada. Há, porém, controvérsia sobre a tradução do topônimo que, segundo historiadores locais, tem a seguinte decomposição: Itá - pedra; Coati - o mamífero; Ára - o que nasce. O gentílico do município é itacoatiarense e o código da cidade, conforme os dados do IBGE (2010) é 1301902.

Situado na mesorregião nº. 3, microrregião nº. 9, código municipal nº. 0190, o Município dista da Capital do Estado 175 km em linha reta e 201 km em via fluvial. A figura 1 mostra a localização geográfica do município.

Figura 1 - Mapas do município de Itacoatiara e áreas limítrofes



Fonte: Secretaria de Governo do Estado do Amazonas (2005)

O município de Itacoatiara tem limite com os municípios de Silves, Boa Vista do Ramos, Urucurituba, Maués, Autazes, Nova Olinda do Norte, Careiro, Rio Preto da Eva e Manaus.

## 2 MANAUS

O município de Manaus, capital do Estado do Amazonas, situa-se na região dos rios Negro e Solimões e possui uma área de unidade territorial de 11.401,092 Km<sup>2</sup>. A população da capital, segundo o censo do IBGE (2010), é de 1.802.014 habitantes, a maior do Estado que também possui a maior densidade demográfica, de 158,06 hab./Km<sup>2</sup>.

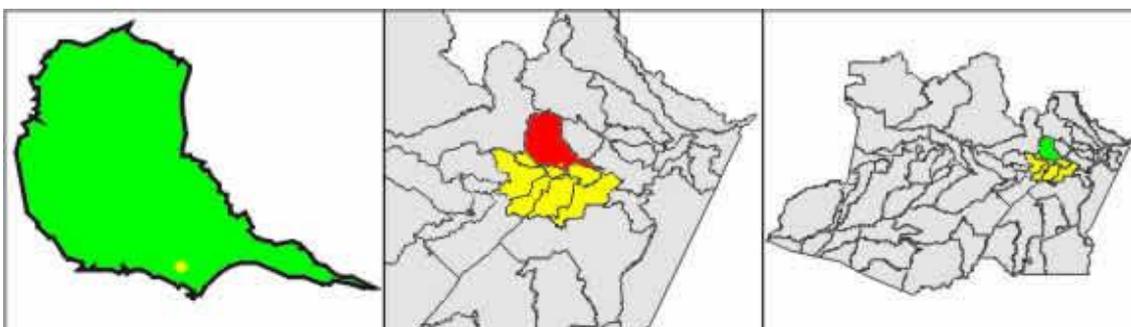
O gentílico do município é manauara, embora coexista também a denominação manauense para quem nasce na cidade. O código do município, conforme dados do cadastro do IBGE, é 1302603.

O topônimo Manaus tem origem no nome da tribo indígena que dominava o vale do Rio Negro, denominada *Manao* - Mãe dos Deuses - o mais importante grupo étnico habitante da região. Em 24 de outubro de 1848, por força da Lei nº 147, votada pela Assembleia Provincial do Pará, a localidade teve o seu nome alterado para cidade da Barra do Rio Negro.

Em 4 de setembro de 1856, a cidade da Barra do Rio Negro trocou definitivamente essa designação pela de Cidade de Manaus, em virtude da Lei nº 68, promulgada pela Assembleia Provincial.

Manaus, além de concentrar a maior parte da população do Estado, figura como importante polo industrial e centro econômico-financeiro do Amazonas. Os setores da indústria, comércio e serviços têm impulsionado a economia do Estado nas últimas décadas com os incentivos advindos da Zona Franca de Manaus. A figura 2 apresenta a localização geográfica de Manaus.

Figura 2 - Mapas do município de Manaus e áreas limítrofes



Fonte: Secretaria de Governo do Estado do Amazonas (2005)

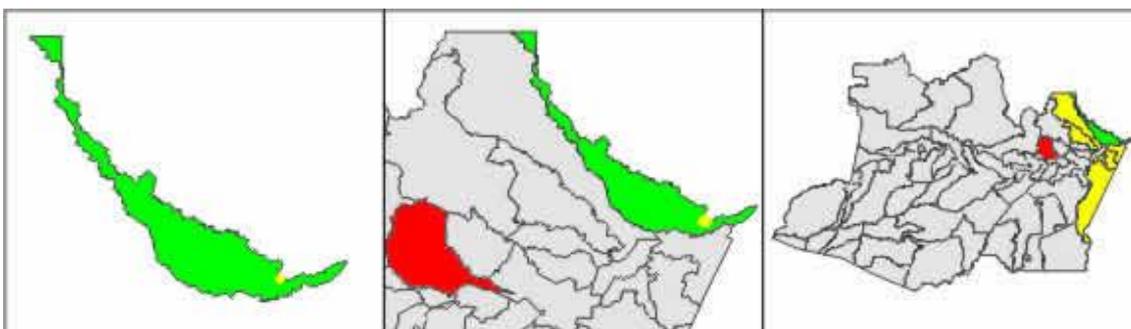
Manaus tem limites com os municípios de Itacoatiara, Iranduba, Careiro, Rio Preto da Eva, Presidente Figueiredo e Novo Airão.

### 3 NHAMUNDÁ

O município de Nhamundá, situado na Região do Baixo Amazonas, fica a 375 km em linha reta da capital do Amazonas e a 577 km por via fluvial. Segundo o censo do IBGE (2010), possui uma população de 18.278 habitantes, distribuídos numa área da unidade territorial de 14.105,585 Km<sup>2</sup> e cuja densidade demográfica é de 1,30 habitantes por km<sup>2</sup>. O município é cadastrado no IBGE sob o código 1303007. O gentílico respectivo ao município é nhamundaense.

Segundo dados do IBGE (2010), antes de sua organização administrativa atual, o município era habitado pelas tribos indígenas Uaboís ou Jamundás, Cuniris, Guncari. Somente no ano de 1955, por meio da Lei Estadual nº 96, o distrito de Ilha das Cotias, como antes era conhecido, foi desmembrado de Parintins e passou, então, a constituir o município Autônomo de Nhamundá, assim permanecendo com essa divisão territorial. A figura 3 mostra a localização geográfica do município.

Figura 3 - Mapas do município de Nhamundá e áreas limítrofes



Fonte: Secretaria de Governo do Estado do Amazonas (2005)

Nhamundá tem seus limites geográficos com os municípios de Parintins e Urucará e divisa com os Estados do Pará e Roraima.

#### 4 SANTA ISABEL DO RIO NEGRO

Conforme dados do IBGE (2010), o município de Santa Isabel do Rio Negro, cadastrado sob o código 1303601, está situado na Região do Alto Rio Negro e dista da capital do estado 620 km em linha reta e 772 km via fluvial. Ainda conforme dados do IBGE (2010), o município possui uma população de 18.146 habitantes, distribuídos numa área da unidade territorial de 62.846,408 Km<sup>2</sup> e uma densidade demográfica de 0,29 habitantes por Km<sup>2</sup>. O gentílico referente àqueles de nascem no município é santa-isabelense.

Segundo informações Prefeitura Municipal de Santa Isabel do Rio Negro (2009), a constituição do município remonta ao ano de 1728, quando foi fundada a Missão de Nossa Senhora da Conceição de Mariuá, onde hoje está estabelecida a atual cidade de Barcelos. Nos anos de 1760, é construído um forte onde atualmente é a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Toda a região constitui-se na então capitania de São José do Rio Negro, sediada no município de Barcelos. Nessa região, à margem direita do Rio Negro, surge um pequeno povoado denominado Ilha Grande.

Apenas em 1970, por meio da Lei Estadual nº 1012, 31-12-1970, o então município de Ilha Grande tomou o nome de Santa Isabel do Rio Negro. O topônimo do município foi dado por um padre português para homenagear a Santa Isabel de Portugal. A figura 4 ilustra a localização geográfica do município.

Figura 4 - Mapas do município de Santa Isabel do Rio Negro e áreas limítrofes



Fonte: Secretaria de Governo do Estado do Amazonas (2005)

O município é limítrofe com os municípios de Maraã, Barcelos, Japurá, São Gabriel da Cachoeira e faz fronteira com a República da Venezuela.

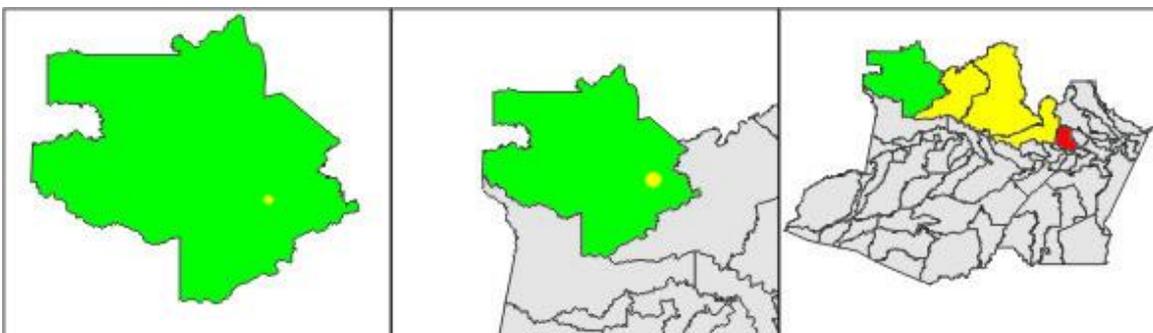
## 5 SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

Situado na Região do Alto Rio Negro, o município de São Gabriel da Cachoeira dista da capital do estado 858 km em linha reta e 1.064 via fluvial. O município possui uma população de 37.896, segundo dados do censo do IBGE (2010). A área da unidade territorial é de 109.183,434 Km<sup>2</sup> e a densidade demográfica é de 0,35 habitantes por Km<sup>2</sup>.

De acordo com a Confederação Nacional dos Municípios (2013), São Gabriel da Cachoeira tem um de seus primeiros registros em 1657, com os padres jesuítas que fundaram na foz do rio Tarumã um aldeamento de índios. Com a expulsão dos jesuítas, a aldeia ficou abandonada. Em 1668, à margem do Rio Negro, nas proximidades da foz do rio Aruím, surge um pequeno povoado e, até o final do século XVII, outros são criados pelos religiosos que catequizavam os índios. Por volta de 1760, a região recebe um destacamento militar que constrói um forte, em torno do qual se forma uma povoação reconhecida em 1833, com o nome de São Gabriel que, em 1833, é elevada à sede de Freguesia.

Em 1938, por meio do Decreto-Lei Estadual nº 68, de 31-03-1938, a sede foi elevada à condição de cidade com a denominação de São Gabriel. Na divisão territorial de 1988, o município ficou constituído de 4 distritos: São Gabriel da Cachoeira, Cacui, Içana e São Felipe, assim permanecendo com essa divisão territorial. A figura 5 demonstra a localização geográfica do município.

Figura 5 - Mapas do município de São Gabriel da Cachoeira e áreas limítrofes



Fonte: Secretaria de Governo do Estado do Amazonas (2005)

O município de São Gabriel da Cachoeira faz limite com os municípios de Japurá, Santa Isabel do Rio Negro e fronteira com as Repúblicas da Colômbia e da Venezuela.

## ANEXO A – Termo de Autorização para uso do *corpus*



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo **Ana Maria da Silva Lucena**, RG nº **1072880-5**, CPF nº **417.241.782-53** a usar as informações do fórum de discussão "A importância da Comunicação", do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do curso técnico de nível médio a distância em Hospedagem, para pesquisa científica a ser utilizada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) na linha de Pesquisa Estudos da Linguagem Humana.

Manaus, 13 de agosto de 2012.

  
Arlene Libório Bose  
Diretora de Letras - EAD